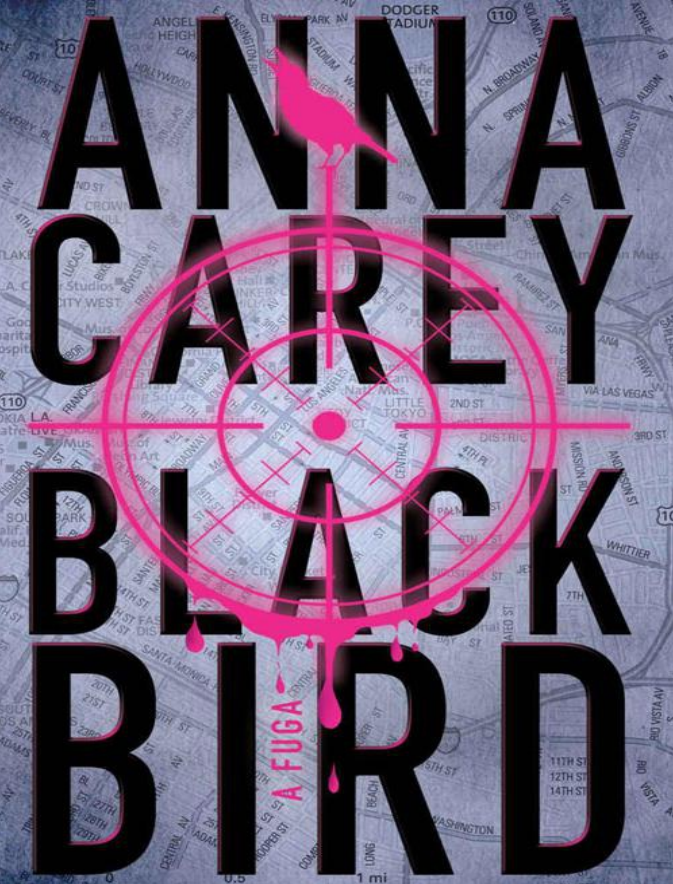


ANNA CAREY BLACK BIRD

A FUGA





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sumário

Capa	
Rosto	
Créditos	
Capítulo um	
Capítulo dois	
Capítulo três	
Capítulo quatro	
Capítulo cinco	
Capítulo seis	
Capítulo sete	
Capítulo oito	
Capítulo nove	
Capítulo dez	
Capítulo onze	
Capítulo doze	
Capítulo treze	
Capítulo catorze	
Capítulo quinze	
Capítulo dezesseis	
Capítulo dezessete	
Capítulo dezoito	
Capítulo dezenove	
Capítulo vinte	
Capítulo vinte e um	
Capítulo vinte e dois	
Capítulo vinte e três	
Capítulo vinte e quatro	
Capítulo vinte e cinco	
Capítulo vinte e seis	
Capítulo vinte e sete	

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Capítulo quarenta e dois

Agradecimentos

ANNA CAREY

BLACKBIRD

A FUGA

TRADUÇÃO Flávia Souto Maior

V&R
EDITORAS



Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Raquel Nakasone
Preparação: Balão Editorial
Revisão: Ana Luiza Candido e Juliana B. Sousa
Diagramação: Ana Solt
Arte de capa: semper smile, Munique
Créditos das imagens de capa: © Shutterstock/ i3alda, Globe Turner, Ralf Juergen Kraft

Título original: *Blackbird*

© 2014 by Alloy Entertainment and Anna Carey
Direitos negociados através da Rights People, Londres
Produced by Alloy Entertainment
© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

1ª edição, 2015

de Catalogação na Publicação (CIP)
brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carey, Anna
Blackbird [livro eletrônico]: a fuga / Anna Carey ; tradução
Flávia Souto Maior. --São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2015.
- (Série Blackbird)

2 Mb ; ePUB

Título original: Blackbird

ISBN 978-85-7683-873-9

I. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

II. Série.

15-03786

CDD-028.5

Para catálogo sistemático:

028.5: Literatura juvenil

Para Kev

17 de outubro de 2014

O cadáver de uma jovem foi descoberto por policiais do Departamento de Polícia de Nova York em Coney Island no início da manhã de domingo. A mulher foi morta a tiros. Sua mão direita foi cortada na altura do pulso e não foi encontrada.

A polícia procura identificar a vítima. Ela é branca e tem entre 18 e 22 anos de idade.

CAPÍTULO UM



O TREM CONSERVA O CALOR DO SOL, mesmo uma hora depois de ter afundado no asfalto, abrindo caminho por baixo da vasta cidade. Na estação de

metrô Vermont/Sunset, uma chinesa de cabelos pretos com corte chanel inclina-se sobre a beirada da plataforma, tentando estimar a distância do trem. Há um grupo de alunos do ensino médio sob um cartaz de um programa de TV, compartilhando fones de iPod e conversando sobre um garoto chamado Kool-Aid. No fim de semana, ele vai dar uma festa no Echo Park enquanto os pais ajudam a irmã mais velha a se mudar para um dos campi da Universidade da Califórnia.

Você não ouve os estudantes rindo. Eles não te veem ali, deitada no fim dos trilhos, onde o túnel se transforma em escuridão. É a vibração que finalmente te acorda; os olhos se abrem, o teto curvo vai ficando visível. Suas têmporas latejam muito. Os trilhos estão de ambos os lados de seus ombros, sua coluna pressionada na reentrância do chão, onde papéis de bala e jornais velhos se acumulam há meses.

A buzina toca. Um feixe de luz aparece na parede, lançado sobre os azulejos conforme o trem se aproxima. Você levanta a cabeça, aproximando o queixo do peito, mas seu corpo todo está pesado. A sensibilidade em suas pernas ainda não voltou, é difícil virar o quadril, difícil se movimentar, embora você se esforce, tentando se arrastar para o espaço estreito sob a plataforma. Quando recua, exausta, visualiza o trem no fim do túnel. Ele te cobre com uma luz repentina.

O condutor te viu. O som do trem se modifica – o som dos freios fica mais alto, mais forte. Mas é tarde demais. Ele está vindo em uma velocidade muito alta. Só há uma escolha. Você se deita, cruzando os braços sobre o peito.

Três, dois, um. A princípio, tudo é som: o ranger das rodas sobre os trilhos de metal, o fluxo de ar quando o trem se movimenta para frente a toda velocidade. O sopro quente bagunça seus cabelos. Você fica olhando para a parte inferior e escura do trem. Metal, tubos e fios. O cheiro faz seus pulmões arderem. Quando o trem finalmente desacelera, parando na estação, você leva alguns segundos para processar tudo – ainda está lá deitada, a poucos centímetros abaixo do trem. Ainda viva.

Na plataforma, a mulher de cabelo chanel não consegue acreditar no que viu. Quando o condutor sai do vagão da frente, o rosto dela é tomado por lágrimas.

– Tem uma menina lá embaixo. Você não viu? Tem uma menina lá! – grita ela.

O condutor só consegue pensar “Ela estava deitada, não conseguia se mexer, por que estava deitada?”. Era a quarta vez que ele via isso em 26 anos, mas os outros três casos foram diferentes. Eles não estavam assim. Alguns ficam em pé,

alguns se jogam, outros caem e tentam subir de volta na plataforma. Mas ela só estava ali, deitada. Posicionada de maneira tão específica, braços cruzados sobre o peito, ombros na parte de dentro dos trilhos. “É estranho demais”, pensa. “Como se alguém tivesse largado a garota ali.”

Embaixo do trem, você consegue ouvir a mulher gritar. A voz dela falha, e um homem tenta consolá-la. Sombras se movimentam no espaço entre o vagão e a plataforma. Uma campainha toca e pessoas saem em fila, passos misturados com perguntas.

– Estou bem! – você grita. Sua voz te surpreende. É baixa e estridente, como a de uma criança.

Na plataforma, um homem repete suas palavras:

– Ela está bem! – Ele abre caminho até a frente da multidão, ajoelhando-se alguns metros acima.

O condutor pergunta:

– Você está ferida?

À primeira vista, da forma como escorre pela lateral de seu antebraço e gruda na camisa, parece óleo. O sangue é escuro assim, quase preto. Mas você não sente dor, apenas uma sensação de ardência, como se estivesse perto demais de um aquecedor.

– Estou bem – você repete. O corte não deve ter mais de dez centímetros. Não parece tão profundo.

O condutor discute com um colega sobre puxar ou não o trem. Consultam a central através do rádio, enquanto a mulher de cabelo chanel liga para a emergência, dando um relato frenético da terrível situação. Eles vão mandar ajuda.

Parece que você está lá há uma eternidade. Não consegue olhar para a parte inferior do trem sem ter vontade de gritar. Em vez disso, fecha os olhos, tentando puxar os braços para perto do corpo, tornando o espaço maior para não se sentir tão presa. O modo como desacelera a respiração é automático, contando as baforadas, deixando apenas um pequeno fluxo de ar se movimentar por entre seus lábios abertos.

Finalmente, ouve-se a sirene de uma ambulância, o som dos paramédicos se agrupando sobre a plataforma. Então eles gritam instruções, dizendo onde você deve colocar os braços, as pernas, como se tivesse ousado se mexer. O trem é retirado. Você está vendo a parte de baixo dos vagões do metrô se movendo, até não haver mais nada acima além de ar. A sensibilidade de suas pernas voltou. Você consegue se sentar, mas dois homens uniformizados pulam da beirada da

plataforma com uma maca, sobre a qual você é colocada. É só então que nota a mochila preta aos seus pés.

– O que aconteceu? Como você veio parar aqui? – pergunta um dos paramédicos, conforme eles te puxam na direção da plataforma.

Você olha para suas roupas, encarando um corpo que te parece completamente desconhecido. A frente da camiseta está molhada de sangue. Você está vestindo jeans e sapatos novos. Os cadarços são de um branco forte e vibrante.

– Não sei – você diz, incapaz de saber onde está ou que dia é, incapaz de se lembrar de qualquer detalhe de sua vida. Existe apenas esse momento, nada mais.

– Não sabe? Como você se chama? – O outro paramédico é um homem baixo e atarracado, com tatuagens que sobem pelo braço direito. A imagem de dois crânios, com rosas se entrelaçando ao redor, desperta algo em você. Tristeza? Luto?

Eles erguem a maca sobre a plataforma, um deles tirando coisas da maleta.

– Está tudo bem, eu estou bem – você repete, olhando para a escada rolante a alguns metros de distância. É a única saída.

Um dos paramédicos aponta uma luz em seus olhos, depois em sua boca. Você se senta, esquivando-se da maca, pisando no chão de cimento. Puxa a mochila para mais perto.

– Não preciso de ajuda. Estou bem.

– Você não está bem. – O paramédico pressiona. – Qual o seu nome?

Uma multidão se formou ao seu redor. Você busca na mente, mas ela parece uma sala vazia, sem almofadas para revirar, armários ou gavetas para vasculhar. Em vez disso, alcança o zíper da mochila, fingindo que sabe o que tem dentro.

Embalagens de alumínio com água e comida, um cobertor, uma camiseta extra, um canivete vermelho e um monte de coisas muito no fundo para alcançar. Suas mãos se movem na direção do pequeno bloco de anotações preto, com uma caneta presa à capa. Há uma moeda fixada com fita adesiva na primeira página. Abaixo, está escrito: *Não chame a polícia. Quando estiver sozinha, ligue 818-555-1748.*

Você se levanta, desviando dos dois paramédicos estupefatos, passa pela multidão e segue para a plataforma sufocante.

– Você não pode simplesmente ir embora – repreende o paramédico. – Volte aqui. Alguém pode segurar a menina? Ela não está raciocinando direito.

Ainda está zozna quando sobe a escada rolante. A multidão vai ficando para

trás. Você passa pela catraca. As escadas te levam para cima, para cima... os degraus são infinitos. Conforme corre, algumas pessoas na multidão te chamam, uma te segue, exigindo que se sente e descanse.

– Não vá, espere. Não vá.

Não há tempo. Quando chega ao alto das escadas da estação, os carros da polícia já estão virando a esquina, parando ao longo do meio-fio. Você olha rapidamente para o cruzamento: as ruas se chamam SUNSET e vermont. Há prédios de escritório, lojas de sanduiche e de milk-shake. Em que direção ir?

Você se vira e vê o paramédico com as tatuagens. Ele está ao lado do policial, conversando em voz baixa. O policial dá apenas alguns passos na sua direção, nem andando, nem correndo. Você toma a decisão. Segura firme nas alças da mochila e sai em disparada.

CAPÍTULO DOIS



APENAS O SOM DE SUA RESPIRAÇÃO, A batida silenciosa do seu tênis na calçada. Os passos são firmes e fáceis, suas costas estão retas como se estivesse sendo puxada para cima. Você corta caminho pelo pátio da frente da casa de alguém e pula uma cerca baixa de madeira. Lentamente, quadra após quadra, a vizinhança se transforma em colinas áridas, visíveis além das árvores.

Adiante há uma casa. Coberta de telhas, cerca viva alta. A janela em forma de meia-lua na frente está escura. Você passa pelo portão e entra no pátio, avistando um arbusto de flores de alguns metros de largura. Enfia-se debaixo dele, pressionando a barriga junto à terra fria, aliviando momentaneamente o calor.

Você fica ali enquanto um carro de polícia passa, parando várias vezes conforme dá a volta e desce a rua. Quando se vira de lado, nota a marca no seu pulso direito. Coberta com uma casquinha fina, a tatuagem ainda está dolorida. É a silhueta de um pássaro dentro de uma caixa, com letras e números gravados logo abaixo: *FNV02198*.

O que significa isso? Por que estava deitada nos trilhos do metrô? Por que não consegue se lembrar de como foi parar lá, como chegou à estação, à cidade? Você olha para suas roupas com a sensação de que está usando uma fantasia. Os jeans não servem, a camiseta está larga nos lugares errados, os cadarços não estão apertados o bastante. Você não consegue se livrar da sensação repugnante de que não vestiu a si mesma.

Um cão late. Em algum lugar, duas garotinhas riem, suas vozes aumentando

e diminuindo de acordo com a altura dos balanços que rangem. Carros passam na rua. Você fica ali, ouvindo cada som como se fosse uma pista. “Pense”, diz a si mesma. “Lembre.” Mas não vem nada. Nenhuma palavra, nenhum pensamento. Nenhuma lembrança de nada que aconteceu.

Quando o céu muda de rosado a negro, você se arrasta para o gramado e vira o conteúdo da mochila sobre a grama queimada pelo sol, dispondo os objetos rapidamente em linha reta. Há alguns lacres plásticos. Um mapa com uma estrela marcada com caneta preta. Embalagens de alumínio, a camiseta, o bloco de notas e o canivete, o cobertor, e um frasco vermelho de spray de pimenta.

Você examina os últimos bolsos da mochila, verificando o forro duas vezes para ter certeza de que não há nada escondido. Há um maço de dinheiro no bolso da frente. Você passa os dedos rapidamente pelas notas, mãos trêmulas. São mil dólares.

Abre o bloco de notas em uma página em branco, alisa o papel e escreve:

Coisas que sei que são verdadeiras:

- Estou em Los Angeles
- Acordei nos trilhos do metrô da estação Vermont/Sunset
- Sou uma garota
- Tenho cabelos pretos e longos
- Tenho uma tatuagem de pássaro no pulso direito (FNV02198)
- Sou boa de corrida

CAPÍTULO TRÊS



NA MANHÃ SEGUINTE, VOCÊ SAI POR UMA abertura na cerca dos fundos. Depois de dez minutos dando voltas por vias estreitas, o bairro se transforma em ruas retas, gramados tostados pelo sol e uma ou outra loja. Uma avenida larga revela um supermercado com um telefone público do lado de fora. Você tira o bloco de notas da mochila e abre na primeira página, arrancando a moeda.

Ela cai na fenda, mas não há sinal de chamada. Você recoloca o fone no lugar e examina a rua, esperando que haja outro telefone público em uma ou duas quadras. Mas só vê a viatura de polícia estacionando na outra entrada. Você ainda está perto da estação de metrô, e se pergunta se estão à sua procura. Não quer arriscar. Segue para dentro, mantendo o braço na frente da camiseta para esconder a mancha de sangue.

As portas automáticas se abrem em saudação. A primeira coisa que você nota é o ar, frio, úmido e com cheiro de hortelã. À sua esquerda, depois de um conjunto de mesas, há um banheiro. Você mantém a cabeça baixa enquanto segue na direção dele, tentando não chamar atenção.

A porta se abre e bate em seu braço. Um garoto sai, trombando o ombro com força em seu nariz. Você se desequilibra e ele te segura, pegando em seus cotovelos ao te puxar para perto, estabilizando seu corpo.

Atrás dele, outro garoto sai do banheiro, enfiando algo no bolso. Em alguns segundos, ele desaparece.

Seu nariz está latejando devido à pancada. A dor é tão intensa que você fecha os olhos. Ele não te solta e retira sua mão direita de cima da barriga com um gesto tão suave que você não resiste. Ele observa a mancha na camiseta e o corte

no antebraço, que secou e ficou em um tom cereja escuro, quase preto.

– Você está machucada.

Os cabelos castanhos dele estão desgrenhados, os cachos escondem a parte de cima das orelhas. O sol deixou a pele morena e sardenta. Ele te observa, analisando seu rosto com os olhos acinzentados como se estivesse lendo um livro.

– Eu preciso me lavar, só isso. – Você puxa o braço e entra no banheiro.

Você não consegue relaxar até a porta se fechar e travar. Quando olha no espelho, vê o que ele vê. A terra perto dos cabelos, os pedaços de folhas secas presos ali. A mancha na camiseta é de um marrom pútrido. Você examina seu reflexo pela primeira vez. Seus olhos grandes e fundos são tão escuros que parecem pretos. Você tem maçãs do rosto protuberantes e uma boca pequena em forma de coração. Os traços não parecem familiares, é o rosto de uma garota que você nunca viu antes.

Você se vira de lado, e é quando nota a cicatriz que vai da parte de baixo da orelha direita até a nuca, com a pele repuxada e vermelha. Passa os dedos até onde ela desaparece, sob a gola da camiseta. Ainda está sensível. O ferimento se retorce em uma linha estranha e irregular. Você se vira, não querendo pensar em como ou quando o conseguiu. Não é do trem. Quando aconteceu? Como?

Bastam alguns minutos para limpar a terra debaixo das unhas, vestir uma camiseta limpa e tirar os pedaços de folha dos cabelos. Quando termina, está com uma aparência melhor, mais aceitável. Você puxa os cabelos sobre os ombros para cobrir a cicatriz.

Do lado de fora, examina o supermercado em busca do garoto. Parte de você espera que ele tenha ido embora, mas a outra parte fica feliz ao ver que ele está ali, a apenas alguns metros de distância, andando pela seção de cartões comemorativos. Ele se vira quando a porta fecha, com um pequeno sorriso se formando nos lábios. Você olha em volta, imaginando se o policial entrou.

Vira à esquerda no primeiro corredor. Não há ninguém ali. Pega uma garrafa de água da prateleira, desenroscando a tampa. Já tomou metade quando percebe o garoto ao seu lado. Os olhos dele passam da água para você e para o espaço vazio na prateleira.

– Você parece bem melhor.

– Como eu disse, só precisava me limpar.

Você se afasta, indo mais além no corredor, mas ele te segue alguns metros atrás. Olha para o seu braço, para o papel higiênico manchado de vermelho, pressionado ao ferimento.

– O que aconteceu? Você tá bem?

– Parece pior do que é. Eu tô bem, de verdade.

Ele não vai embora.

– Parece bem feio.

– Meu braço é o menor dos problemas...

Você examina a frente da loja, procurando novamente pelo policial. Perdeu-o de vista. O outro menino que estava no banheiro se foi.

– O que vendeu pra ele? – você pergunta.

– Do que tá falando?

– No banheiro... Você vendeu alguma coisa pro menino. Maconha? Comprimidos? O quê?

O garoto passa uma cesta de uma mão para a outra, com duas maçãs tristes rolando ao lado de um fardo de seis latas de refrigerante.

– Você não sabe do que tá falando.

– Sei sim. – Era óbvio, pelo modo como ele segurava o que havia no bolso, como se alguém pudesse ver ou tirar dele. – Acabei de ver um policial lá fora. Você devia pelo menos ficar esperto.

– O que você sabe sobre isso? – O garoto se aproxima, te olhando com um novo interesse. Há algo mais amigável agora, como se antes tivesse te subestimado.

– Se importa se eu usar seu telefone por um segundo? – Você aponta com a cabeça para o telefone no bolso da frente, percebendo o retângulo destacado pelo tecido.

– Acho que tudo bem. – Ele passa o aparelho. – Você não tem celular?

– Se eu tivesse, acha que estaria pedindo?

Você se afasta alguns passos antes de tirar o bloco da mochila, abrindo na página com o número. O nervosismo bate enquanto espera, ouvindo o silêncio antes do primeiro toque. Você não consegue deixar de odiar a pessoa do outro lado da linha, seja quem for, por saber mais do que você mesma sobre sua vida.

Três toques, e a voz de um homem:

– Estava me perguntando se você ligaria.

O garoto estava a menos de três metros, fingindo olhar umas caixas de cereal. Você abaixa a voz:

– Quem é?

– Apenas me encontre em meu escritório. É o prédio marcado no mapa. Venha sozinha.

Você está tentando interpretar as palavras, descobrir algum significado além do que foi dito, mas ele desliga e o visor mostra apenas o tempo. Dezoito

segundos, e ele se foi.

O garoto está escutando, então você fala com o vazio, despedindo-se e agradecendo. Verificando o telefone, apressa-se para acessar o histórico e apagar o número. *Mãe, Mãe, Mãe*, mostra a lista abaixo. Quando devolve o telefone, o garoto estreita os olhos.

– Do que está rindo?

– Nada – responde, já se afastando. – Obrigada pelo celular. Preciso correr.

Mas, quando você se vira, vê o policial no fim do corredor. Está de perfil, aproximando os dedos de uma prateleira de salgadinhos. Ele levanta os olhos, percebendo que você o viu.

Você se vira para o garoto.

– A menos que... você pode me dar uma carona até um lugar?

Ele coloca a cesta no chão, o fardo de refrigerante agora enterrado sob duas caixas de cereal.

– Para onde precisa ir?

– Para o centro.

Ele aponta com a cabeça para a saída, encorajando-a a sair. Você anda ao lado dele, seus ombros quase se tocando, e precisa se esforçar muito para não se virar, para não olhar uma última vez o policial no fundo do supermercado. Quando chega ao caixa, o garoto esvazia a cesta na esteira, e as maçãs rolam cada uma para um lado.

– Meu nome é Ben, por sinal.

A menção ao nome dele te deixa nervosa, e você se pergunta por que não pensou nisso antes. As revistas *People* e *Us Weekly* então amontoadas em uma prateleira bem à sua frente, e outra chamada *Sunset* está bem ao lado.

– Eu sou Sunny – você mente. Parece um nome tão bom quanto qualquer outro. Parece real.

Depois, olha para trás uma última vez, só para ter certeza de que o policial não está lá.

CAPÍTULO QUATRO



O JIPE PASSA CORRENDO POR EDIFÍCIOS CINZENTOS e estacionamentos vazios, uma viela com barracas de lona rasgadas. Você vê o mundo lá fora passar, certa de que fez algo errado. Roubou alguma coisa, fugiu de algum lugar. Escola? Casa? Não há outro motivo para ter sido avisada para não entrar em contato com a polícia, para estar esperando que um estranho diga quem você é. Por que estava tão decidida a fugir? Por que seu instinto era correr? Por que não consegue se lembrar de nada?

Só de pensar, você se contrai. Você era alguém antes. E se há uma linha entre bom e ruim, devia estar do lado errado dela. Era você quem estava fugindo, correndo, tentando não ser pega. A cicatriz no pescoço deve ser algo que mereceu.

– Não sei o que você está pensando – diz Ben –, mas não é tão ruim. Só faço isso pra ganhar um dinheirinho extra.

– Eu não estava pensando nisso.

– Eu nem uso isso – continua Ben. – Parei há um tempo.

– Sério... – Você olha pela janela enquanto as quadras passam voando. – Não vou contar pra ninguém. Não precisa se preocupar.

Ben vira à esquerda na Broadway, quase atingindo a lateral de um Fiat estacionado na esquina.

– Meu professor de História diz que é síndrome do último ano. Que ninguém se importa. Que só estamos esperando a formatura, então acabamos fazendo coisas idiotas. Ele não estava falando sobre drogas, mas sim... sobre tudo. Não vou pra um terço das aulas.

– E onde fica nesse tempo?

- Em casa.
- Seus pais não se importam?
- Minha mãe não para muito em casa.
- Por quê?

– Ela tá doente. – Ben desacelera o carro. Observa as quadras seguintes, perto de onde você disse que estava indo. Aquela pausa diz tudo: “Deixe pra lá, não faça mais perguntas, é só uma coisa que eu contei e espero que ignore”. – Bom, você precisa me dizer pelo menos pra onde estou te levando.

– Vou ficar aqui. – Você aponta para a calçada, meia quadra à frente. Tentou manter a conversa neutra durante a carona de vinte minutos, zombando das latas de energético espalhadas pelo piso do carro, ouvindo Ben descrever o Colégio Marshall, escola pública que frequenta há alguns anos, desde que foi expulso da escola particular. Vez ou outra, Ben perguntou sobre seu braço ou sobre o que tinha acontecido pela manhã, por que seus jeans estavam rasgados e sujos. Você só pegou o mapa uma vez e tentou não deixar que ele visse, mas ele ficou olhando, prestando atenção na estrela.

Ben estaciona perto de uma cerca de metal. Do outro lado de um terreno vazio, dois homens estão sentados sob um alpendre, compartilhando um cigarro. Havia marcas de gangues pichadas no muro de tijolos.

– Quer que eu te deixe aqui?

– Aqui está ótimo.

– *Ótimo*? – Quando Ben diz isso, a voz dele fica mais alta e a palavra dá lugar à risada. O edifício do mapa fica a cinco quadras, mas você não vai arriscar que ele te leve até lá.

O jipe tinha acabado de parar quando você abre a porta, descendo para a calçada. Ben remexe no porta-luvas, vasculha o painel central e o chão. Quando encontra uma caneta, rabisca no verso de um recibo amassado e te entrega o papel. É um número de telefone.

– Para o caso de uma emergência? – você pergunta.

– Para o caso de não ser tão ótimo. E se precisar de alguma coisa. Tanto faz. Você dobra o recibo e o guarda no bolso da frente da calça.

– Valeu pela carona.

A porta é fechada. O motor ainda está ligado. Ele está com as duas mãos no volante ao olhar para os edifícios do outro lado da rua, tentando descobrir para onde você está indo. Duas respirações. Ele dá um meio sorriso e finalmente engata a marcha.

Depois que ele vai embora, você passa pelo terreno vazio e por um edifício

chamado CLUB STARLIGHT, com o toldo cinza desbotado. As ruas estão praticamente desertas. Passa pelo Teatro Orpheum, o cartaz anunciando uma banda de que nunca ouviu falar. Então, depois de mais alguns passos, vê a entrada curva que se sobressai na calçada.

O saguão está vazio. O posto do porteiro está abandonado e não há nem um livro de registro ou caneta sobre o balcão. Você olha para o outro canto, onde há uma câmera de segurança empoleirada como um pássaro. Vira a cabeça, levando a mão à região da têmpora para bloquear o perfil, esperando que o ângulo não esteja certo, que não tenha capturado sua imagem de frente.

Um quadro com plaquinhas de plástico na parede lista as empresas, mas todos os nomes são desconhecidos. Você passa os olhos nos números. Depois das companhias de crédito e dos consultórios de terapeutas, encontra CONSULTORIA GARNER, CONJUNTO 909, 818-555-1748. É o mesmo número do bloco de notas.

Você pega o elevador para o nono andar. Quando as portas se abrem, o corredor está vazio, o tapete é bordado com uma estranha estampa de setas que apontam para frente. Em algum lugar, uma copiadora barulhenta cospe páginas. Você para no conjunto 909, ouvindo o silêncio do outro lado da porta. Não há passos, não há vozes, não há barulho de papéis.

Ninguém responde à sua batida na porta. Você bate novamente, mais alto dessa vez, mas ninguém vem. Você se senta com as costas na parede, mochila entre as pernas, quando tem uma ideia. Tira o canivete e o abre; a lâmina reflete a luz e você a enfia entre a fechadura e o batente da porta, inclinando a ponta de modo a fazer pressão sobre o mecanismo. Depois de alguns segundos de manobra, ele estala e a porta se abre.

Sabe que já fez isso uma centena de vezes antes. Foi muito fácil, muito rápido, suas mãos são muito firmes e seguras. Retoma os pensamentos do carro: “Você fez algo errado”.

A porta abre e você meio que espera ver alguém ali, sentado atrás da mesa ou em uma das cadeiras encostadas na parede. A sala está vazia, a tela do computador está escura. Há revistas sobre uma mesa arredondada. *The Economist*, *National Geographic*, *Time*.

Sobre a mesa, um risque-rabisque e um copo dourado cheio de canetas. Há uma foto emoldurada de duas crianças loiras sentadas em um cais. Os pés delas batem na água. Você avança alguns passos além da sala de espera, passando por uma parede de vidro jateado em que se lê CONSULTORIA GARNER em letras metálicas. Gira a maçaneta e o alarme dispara.

Cobre os ouvidos e olha em volta. Tem dinheiro espalhado pelo tapete. Há um cofre no canto, com a porta semiaberta, a tranca arranhada e quebrada. A cadeira está virada de lado. As gavetas foram esvaziadas no chão, há papéis e pastas por todo lado.

Você lembra a si mesma de que não pegou nada, nem mesmo tocou no cofre ou no dinheiro. Está aqui porque pediram. Ainda assim, só consegue pensar na câmara de segurança do térreo, no canivete no bolso, em como invadiu a sala com facilidade.

Do lado de fora, no corredor, várias pessoas já saíram dos escritórios. Um homem vestindo terno e colete fica olhando para você por sobre os óculos de aro fino.

– Não sei o que aconteceu – você diz, olhando para as duas mulheres paradas ao lado dele. Uma delas está ao telefone. – Eu não fiz nada.

O homem olha para sua mochila, depois para o fim do corredor, onde mais alguns trabalhadores se juntam. Você se pergunta quanto tempo tem até que sigam para o elevador ou para as escadas, bloqueando as saídas. Tem apenas alguns segundos para decidir: tentar explicar ou sair correndo.

Você sai correndo.

CAPÍTULO CINCO



A VENDEDORA ESTÁ ASSISTINDO A UM DESENHO animado quando você entra, olhos na pequena televisão de tela plana no canto da sala. Três vestidos estão pendurados no braço dela. Enquanto escolhe um, ela se vira para você, analisando seu rosto.

– Posso ajudar?

– Só estou olhando. – Você desaparece pelo corredor.

Ela dá alguns passos para poder te ver. Deve ser os jeans manchados, a camiseta suja e ensopada de suor. Você parece o tipo de pessoa que roubaria uma loja, e não consegue deixar de sentir que ela não está muito errada. Já está estimando como seria fácil puxar um monte de camisas da arara, enfiar duas ou três na mochila quando ela não estiver olhando, e simplesmente ir embora. Começa a caminhar por outro corredor e ela finalmente se vira.

Você passou quase doze horas do outro lado da rua, em frente ao prédio de escritórios, agachada nos fundos de um estacionamento, escondida atrás de uma pica-pe. Viu a polícia chegar e sair e o edifício esvaziar quando o céu escureceu. Já eram quase duas da manhã quando encontrou um táxi, motorista fora do horário de serviço, estacionado e dormindo na esquina, e deu instruções para te levar de volta para a região norte.

Você passou a noite em um parquinho infantil. Ainda há areia por todo canto – dentro das meias, nos bolsos da calça, atrás das orelhas. Você ainda está se perguntando se deveria chamar a polícia. Não é capaz de se explicar. Desde que saiu, está pensando na sua mão sobre a maçaneta, no canivete enfiado na fechadura para arrombá-la.

Você se aproxima da arara, pegando uma camiseta preta com estampa desbotada. Uma cobra enrolada em uma rosa. Uma regata justa, alguns shorts jeans com os bolsos visíveis através da frente rasgada. É fácil encontrar as coisas de que você gosta. Está segurando tudo nos braços quando nota uma alternativa – camisetas lisas de algodão e shorts cáqui, um cinto com um girassol de metal como fivela. Você larga o que estava segurando e parte para as peças mais básicas, como se estivesse construindo uma fantasia.

O telefone do balcão toca. A vendedora atende e cumprimenta um cara chamado Cosmo. Ela conta sobre um teste enquanto começa a registrar suas compras.

– Não, é pro papel da acupunturista – a garota diz, segurando o fone com o ombro. Ela puxa uma camiseta pelo balcão de vidro, voltando a passar os olhos por sua calça manchada.

Na TV, atrás dela, os comerciais terminam e começa o noticiário matutino. O âncora parece de plástico, com nariz reto e brilhante, sobrancelhas costuradas à testa. Ele apresenta uma matéria sobre um urso solto em Agoura Hills. Corte para outra matéria sobre orçamentos na área de educação. A vendedora fica mexendo na etiqueta de uma das camisetas. Ela aponta para uma arara como se dissesse “Preciso ver o preço”.

Ela é extremamente lenta, parando a cada instante para falar ao telefone, tirando e colocando coisas na arara. Você apoia os cotovelos no balcão, cuidando para manter o braço direito sob o esquerdo e o ferimento encoberto. Dá para sentir a pele saliente do pulso, onde está a tatuagem. Ainda está sensível ao toque. FNV02198. É possível que seja seu aniversário. Se for 2 de janeiro de 1998, você teria 16 anos, completando 17 dentro de alguns meses. Podem ser suas iniciais. Farrah Natasha Valente, Faith Neely Vargas... os palpites são reconfortantes.

Quando mostram a imagem, você está meio ausente. Reconhece o saguão primeiro, o balcão vazio e as janelas quadradas sobre a entrada. “Polícia procura informações sobre um roubo no centro de Los Angeles.” Há a sua imagem olhando para a câmera de segurança. Outra do corredor do conjunto comercial. Você enfia o canivete na porta, para arrombar a fechadura. “A polícia diz que o ladrão escapou com mais de 10 mil dólares. Quem tiver qualquer informação a respeito do assalto, favor entrar em contato com o Disque Denúncia.”

A menina volta, olhando para a televisão, depois para você, prestando um pouco de atenção em seus cabelos, depois na camiseta. Você se vira para a prateleira que está atrás, pegando um par de óculos vintage, cobrindo-os com duas blusas que puxou de outra arara. Quando ela desvia os olhos, você enfia os

óculos no bolso de trás e acrescenta as blusas à pilha. Ela olha novamente para a televisão, mas o noticiário está no intervalo.

Ao passar uma nota de cem à vendedora, você tenta manter as mãos firmes. Foi idiotice voltar aqui, a apenas algumas quadras da estação de metrô. Você voltou ontem à noite porque é o único lugar que conhece, mas não deve demorar para alguém te reconhecer. Pela primeira vez desde que acordou, você sente a garganta apertada, os olhos tão úmidos que é preciso se virar, por medo que a garota perceba.

Quando ela te entrega a sacola, você fica olhando para o chão. Ela ainda está ao telefone no momento em que você sai no calor repugnante, com os sons estridentes do sino na porta pairando no ar.



O quarto do hotel é silencioso. A janela dá para um muro de cimento. Você fica lá parada, encarando seu novo reflexo no espelho atrás da porta.

Tomou banho, penteou o cabelo, limpou a terra e a sujeira. A franja reta fica logo acima das sobrancelhas. As lentes dos óculos são finas e de plástico, a armação, de acrílico transparente. A camisa de manga longa que comprou tem flores roxas no colarinho e nas mangas. É algo que uma mulher em uma casa de repouso poderia usar.

Não é você – não a calça jeans clara ou o cinto. Nem mesmo o relógio de plástico. Você sabe disso, mesmo não sabendo mais nada. Está representando um papel. Garota Indefinida. Meio desprezensosa, meio formal. Até seu reflexo é desconhecido.

Ao longe, alguém mete a mão na buzina. Você tenta se deitar na cama, mas parece macia demais, é estranho demais, então arruma os lençóis e cobertores sobre o carpete. Veste uma camiseta e tira os óculos, espreguiçando-se ao lado da cama. A sensação das costas no chão é boa, e você fecha os olhos, imaginando que, se ficar assim por tempo o bastante, o mundo lá fora pode ser diferente quando voltar a abri-los. Poderia acordar sabendo quem é, finalmente reconhecendo a cicatriz no espelho. Vai acordar e saber... poderia acordar e saber...

Você fica ali deitada, ouvindo os sons da rua. Coloca o braço sobre o rosto,

cobrindo os olhos com a dobra do cotovelo, bloqueando a luz. Você se mexe, vira de lado. O sono não vem.

Repassa a lista, revolvendo os fatos, separando-os como pequenas pedras preciosas. Acordou nos trilhos do metrô em Los Angeles. Foi conduzida a um escritório no centro, preparado para dar a impressão de que você o tinha roubado. Você sabe como arrambar uma porta com um canivete, e é provável que tenha feito isso muitas vezes.

Quem te atraiu até lá não queria apenas que você ficasse longe da polícia, mas precisava ter certeza de que não recorreria a ela, não importa o quanto estivesse desesperada. A intenção era que fosse pega... mas por quê?

Não quer ligar a TV por medo de ver a foto novamente. Em vez disso, pega o telefone do quarto e discar o número do bloco de notas. O número da Consultoria Garner. O telefone toca, toca e toca. Você desliga e tenta mais uma vez, e outra, mas ninguém atende.

Quando o silêncio se torna insuportável, você abre as gavetas do criado-mudo para ver o que tem dentro, procurando algo para ocupar seus pensamentos. Estão todas vazias, à exceção da primeira, onde há um livro com capa de couro preta. As palavras *Bíblia Sagrada* estão gravadas em letras douradas. Você não consegue parar de olhar para a fita vermelha que marca a página. Pega o livro, passando a fina tira de cetim entre os dedos. Abre em uma página e surge a lembrança, o cheiro de incenso retornando.

O som te cerca, aquele ruído triste e oco de seus sapatos sociais batendo no chão de mármore.

É tudo tão claro. Ao caminhar pelo corredor, não ousa olhar para os bancos nas laterais. Em vez disso, seu olhar permanece fixo no caixão. Ele está na frente do altar, sobre um suporte de metal com rodinhas. Está coberto com um lençol de linho branco. Ao passar, você coloca a palma da mão sobre ele, imaginando que ela pode afundar através da madeira, do enchimento e do tecido, até tocar a mão dele. Não era o corpo dele, o rosto dele, apenas uma casca vazia, como se a vida tivesse esvaído. Por quanto tempo ficou ajoelhada perto do caixão? Quem chegou e te tirou de lá? Então veio aquele som – aquele som terrível e estremecido da tampa sendo fechada pelo funcionário. Uma mulher se inclinou para frente e tampou o rosto com as mãos. Ela não foi capaz de olhar.

“Não olhe para eles”, você pensa, subindo no altar. Agarra os dois lados do púlpito, tentando se firmar. A igreja está vazia, exceto pelo grupo de pessoas na primeira fila. Já consegue senti-las observando, os olhos arregalados esperando. Olha para os bancos no fundo, um rápido reconhecimento antes de baixar os olhos

para o livro.

Você brinca com a fita de cetim que marca a página. Respira fundo. A última coisa que escuta é sua própria voz, em algum lugar fora do corpo, palavras que são praticamente suspiros.

– Uma leitura de Eclesiastes.

Então o quarto de hotel surge ao seu redor. Você está de volta, sentada na beirada da cama, e as visões e sons da lembrança se foram. Coloca a Bíblia de volta na gaveta e a fecha. Seu rosto parece diferente e estranho e, por um breve instante, fica tão aliviada por ter se lembrado de alguma coisa que chega a sorrir.

É um momento passageiro, levado por uma tempestade repentina. “Alguém morreu, alguém morreu.” Você não sabe quem era ele ou o que aconteceu, mas parece que um órgão crucial foi cortado e sua vida será mais difícil agora, mais arriscada. Você se encolhe, lágrimas quentes nos olhos.

“Ele está morto”, pensa, sem saber quem, apenas que era importante. “Você o amava e ele morreu.”

CAPÍTULO SEIS



VOCÊ QUEBRA A ROSQUINHA EM PEDAÇOS. A raspadinha de laranja é doce demais. A voz do locutor de rádio aumenta e diminui de volume em uma vibração infinita e irritante. Sentada à mesa nos fundos da lanchonete, você nota apenas a risada estridente do operador de caixa, o zumbido incessante das luzes.

Do outro lado da janela de vidro, carros aceleram pela Vine Street. O calor é tão intenso que você até consegue vê-lo, o ar assume uma característica líquida e ondulada. Você vasculha a mochila, finalmente localizando o bloco de notas. Anota os acontecimentos do dia anterior, sentindo-se melhor por estar fazendo alguma coisa, qualquer coisa. Tenta se lembrar das palavras exatas que o âncora usou para descrever o roubo. Tira os recibos do bolso, anotando os gastos totais com alimentação e roupas. Mesmo depois de pagar pelo quarto de hotel, ainda tem mais de oitocentos dólares.

Vira a página, voltando para a lista de antes. A lembrança é indistinta. Você não consegue se lembrar da cor dos cabelos da mulher. Castanhos? Grisalhos? Só se lembra das mãos, da pele fina como papel, dos dedos pressionados às têmporas ao cobrir o rosto. Não consegue dizer a cor da camisa dela, não chegou a olhar para as pinturas nos fundos da igreja. Então escreve as únicas coisas que estavam claras:

- Eu me lembrei de uma igreja
- Alguém próximo a mim morreu (pai, irmão, tio, avô?)
- Eu estava lendo algo em seu funeral

- Uma mulher (minha mãe?) também perdeu essa pessoa
- Havia menos de doze pessoas lá

Você apoia a caneta sobre o papel, bem abaixo da última linha, e deseja que houvesse mais. Quer escrever algo definitivo, mas só resta essa sensação de agonia, o luto te recobrando como uma película fina.

Você guarda o bloco de notas. Fica inquieta ao reorganizar a mochila. Algo parece estranho... errado. Há um homem de barba cinzenta no caixa, pagando por uma rosquinha com um punhado de moedas. Uma mulher sem um dente da frente lê uma revista. Você se vira, observando os bancos plásticos amarelos, e então o nota.

Ele tem cabelos ralos e castanhos, olhos frios. Olha para você de uma maneira óbvia e sem constrangimento, sem nem disfarçar. Ele usa camisa e gravata, o tecido branco ensopado debaixo dos braços. Você também o encara, está toda tensa, mas ele não desvia os olhos.

Seu corpo parece leve e frio. Você deixa a bandeja onde está, não se preocupando em recolher o lixo espalhado sobre a mesa. Pega a mochila e segue na direção da porta, mas, nos poucos segundos que leva para alcançá-la, ele já está se levantando e colocando a carteira e as chaves no bolso de trás.

Você começa a descer as escadas e sai, confiando que os carros vão parar quando você atravessar. Um caminhão desacelera meia quadra acima. O motorista enfia a mão na buzina. Todos os semáforos estão verdes e mais carros aceleram em sua direção enquanto você corre, com a pele coberta de suor.

Quando finalmente chega ao outro lado da rua, você se pergunta se não imaginou tudo, se o perigo era tão real quanto pareceu. Você se vira bem a tempo de ver o homem no estacionamento. Ele entra em um carro prateado. A lateral está amassada, desde o para-choque traseiro até a porta dianteira. Ele apoia os dedos na beirada da janela aberta. Não dá para saber se te reconheceu das fotos do noticiário ou de antes. Nada nele parece familiar. Ele ainda observa, com os olhos no retrovisor, saindo com o carro.

Você corta caminho por uma ruela e desaparece em um edifício-garagem. A placa diz ARCLIGHT CINEMAS. Uma seta aponta para a rampa de entrada, e você desvia dos carros estacionados, indo parar em um pátio interno. Lá dentro, filas saem do caixa e dão a volta num café. Você abre caminho pela multidão, passa por um senhor com boné dos Oakland A's e por um grupo de mulheres exageradamente maquiadas. Sai na frente do prédio. Um grupo de adolescentes acabou de sair do cinema. Há dez deles, talvez mais, e você fica por perto,

seguindo-os a apenas alguns passos.

Quando começam a descer um lance de escadas, você anda ao lado deles como se fizesse parte do grupo. Um garoto com um skate embaixo do braço entrega um documento de identidade para a amiga.

– É da Maryland – ele diz – Funciona, contanto que ninguém confira no banco de dados.

A menina tem uma mecha roxa no cabelo. Ela vira o documento, inclinándolo para um lado e para o outro na luz.

– Você conseguiu isso naquela tabacaria da Hollywood com a Western?

Você está lado a lado com eles, caminhando pela Sunset Boulevard, quando olha para trás. O homem chegou de carro. Ele para no cruzamento, dando seta para a esquerda, pronto para dar a volta no quarteirão. Está te seguindo. Você tem certeza.

Você se aproxima mais do grupo, posicionando-se no meio para não ficar tão visível. As garotas ao seu lado estão falando de um show que assistiram e do batom preto que compraram na farmácia. É estranho ouvir os detalhezinhos mundanos da vida delas.

– Ei... vocês sabem onde posso arrumar umas balinhas? – você pergunta, esperando alguns segundos para que eles absorvessem.

Um garoto na frente começa a gargalhar. Alguns “Que merda é essa?” ecoam pelo grupo.

– Você é louca? – O garoto com o skate olha para seus jeans e camiseta largos, observando as delicadas flores roxas na gola. – Não pode simplesmente se aproximar das pessoas e perguntar sobre drogas. O que você tem na cabeça?

– Vontade de tomar uma bala. – É provocativo, mas funciona. Eles se fecham ao seu redor. Você conseguiu a atenção deles.

– Você pode ser policial – comenta um garoto de aparelho nos dentes.

– Eu não sabia que existiam policiais adolescentes.

A menina com a mecha roxa no cabelo ri.

– Acho que não existe, né?

Você para no cruzamento, observando o sinal do outro lado da rua, a mão vermelha piscando e dizendo *não atravesse, não atravesse*. Fica de cabeça baixa, mas, com o canto do olho, consegue ver o carro se aproximando. O homem passa, continuando pela Sunset. Há um adesivo no porta-malas: PERGUNTE-ME SOBRE IMÓVEIS. Você olha para onde deveria ficar a placa do carro, mas não há nenhuma.

Ele para na próxima esquina e liga a seta, preparando-se para virar à

esquerda em uma rua lateral. Você está na frente do grupo, observando o homem ir embora, quando seus olhos encontram os dele no retrovisor. Quando ele vira a esquina, suas pernas são um peso morto.

– Eiiiiiii? Você me ouviu? – pergunta o garoto com o skate, te cutucando para que atravessasse a rua.

– Sim, estou ouvindo. – Você avança para o meio da multidão ao atravessar, mas é difícil fingir que está prestando atenção. Olha para trás, esperando o carro reaparecer.

O garoto coloca o skate no chão, sai e se afasta. Depois de um instante, ele para na calçada, bem à sua frente. Levanta a mão, fazendo sinal para os outros ficarem quietos.

– Você não tá com a polícia?

– Eu já falei que não.

Ele aponta para atrás de você. Você se vira, olhando na mesma direção. O homem está lá. Ele estacionou o carro fora de seu campo de visão. Vira a esquina, acelerando o passo ao se aproximar.

– Então aquele cara não tá com você?

Você entra na frente dele, tentando falar com a voz firme:

– Não, não está.

– Há quanto tempo ele tá lá? – o garoto pergunta.

– Ele me seguiu quando saí da lanchonete. – Você se aperta para passar, batendo no skate sob o braço dele. – Preciso ir. Por favor, não deixe que ele me veja.

O garoto fica entre você e o homem, bloqueando a visão. Você não corre, apenas aperta o passo, tentando não chamar muita atenção. Já está na outra esquina quando ouve o garoto gritar:

– O que você tá fazendo, seu doido? Pare de seguir a menina.

Você se vira, vendo a moça com a mecha roxa pegar no braço dele. O homem se livra dos jovens, posicionando os punhos como se fosse atingi-los. Ele dá um passo para o lado e escapa. Está resmungado alguma coisa, mas você não consegue escutar.

Você fica grata por aquele pouquinho de tempo. As vozes se misturam ao som do trânsito, de carros acelerando quando o semáforo fica verde. Há uma loja enorme meia quadra à frente. Você olha para trás, vendo um garoto com piercing no nariz gritar com o homem. Então entra rapidamente.

O lugar é gigantesco. Há discos e CDs comprimidos em prateleiras, capas de LPs coladas em todas as paredes. Um homem com uma camiseta do Amoeba

Music empilha caixas em um carrinho de metal. Você desacelera o passo, fingindo ser uma cliente qualquer, mas seu pulso está tão acelerado que dá para senti-lo nos dedos.

Só há duas escolhas ao entrar: ir até uma sala estreita nos fundos ou subir a escadaria de metal à sua direita. O resto da loja é um espaço aberto, fileira após fileira de estantes de plástico. Você vai direto para os fundos. Dois funcionários da loja estão tão ocupados repondo DVDs que não veem você passar.

Uma arara com centenas de camisetas ocupa a parede mais distante. Quando chega ao canto, fora do campo de visão da maioria dos clientes, você se abaixa. Abre espaço entre os cabides e encosta na parede, puxando algumas das camisetas para te cobrir. Um moletom do Nirvana cai a seus pés e você o usa para esconder os tênis.

Você separa as camisetas apenas o suficiente para enxergar. De onde está, consegue ver o primeiro corredor e o espaço perto da porta. Duas garotas passam. Uma tira um DVD da prateleira e o observa, colocando-o de volta em seguida.

O rádio toca uma música conhecida. Você não sabe a letra, mas reconhece a melodia, e isso é reconfortante. Está encurvada, queixo apoiado nos joelhos, abraçando as pernas, quando ele entra na sala dos fundos. Dá a volta no segundo corredor. Você tem vislumbres da camisa dele, do ombro, da lateral do rosto. Respira em silêncio ao vê-lo no fim do corredor.

Por um instante, ele fica a apenas poucos metros de distância. Você consegue vê-lo do peito para baixo. Ele enfia a mão no bolso e fica ali parado, tão perto que dá para ouvir a respiração. Você tenta permanecer o mais imóvel possível quando ele pega o telefone e começa a digitar um número. Ele então se vira, passando os olhos pela sala uma última vez antes de sair.

Você finalmente solta o ar. Enfia as unhas na palma da mão até doer, com raiva por ter entrado na lanchonete bem nessa hora. Com raiva por ainda estar aqui, em Los Angeles. Era apenas questão de tempo até que alguém te visse. Quem é ele? E por que estava te seguindo?

Turistas enchem a sala dos fundos. Cinco estão na sua frente, com seus sapatos ortopédicos a poucos centímetros de seus pés. Tiram camisetas da arara, conversando a respeito de um passeio até o letreiro de Hollywood. Um funcionário ajuda um cliente a encontrar *Acossado*. A música muda várias vezes.

Quando tem certeza de que ele foi embora, você sai de baixo da arara, pegando algumas camisetas e enfiando-as no fundo da mochila. Passa uma sobre a cabeça, verificando duas vezes se não há etiquetas de alarme ou de metal na

parte de dentro. Vai embora com a mesma rapidez com que entrou. Quando passa pelas portas, toma cuidado para manter a cabeça abaixada, tentando evitar as câmeras de segurança.

Do lado de fora, a Sunset Boulevard está movimentada. Restaurantes e bares desembocam na rua. Mesmo quando você está a várias quadras de distância, no meio de outro bairro, ainda procura por ele. Todos os carros prateados são ele, todas as pessoas passando pela calçada. Você corta caminho pelo quintal de alguém e sai correndo entre as árvores.

CAPÍTULO SETE



A MULHER ESTÁ ESPERANDO PARA OUVIR O nome dela. Só está esperando para ouvir o nome dela. Está cansada desses jantares, dessas refeições, dessas pessoas – só quer receber o prêmio. Então, quando Silvia O'Connor, esposa de Bill, se aproxima, mencionando algo sobre a salada, ela fica realmente irritada. Silvia está sussurrando:

– Ah, o molho! Essas nozes caramelizadas!

A mulher tenta sorrir com educação, mas simplesmente não consegue.

No palco, Reagan Arthur está fazendo um discurso sobre o progresso da empresa. O fechamento do ano, os destaques, este trimestre, o outro trimestre. Ela já sabe de tudo isso. O discurso seria bem antes de seu prêmio, e ela verifica periodicamente o programa, imaginando se a ordem mudou. A ordem não mudou.

Duas cadeiras depois, Bill apoia o queixo nas mãos, olhando para Reagan como se estivesse apaixonado. Ela quase chega a sentir pena... quase. Os rumores eram de que Bill ganharia. Havia certa presunção da parte dele nas semanas anteriores ao anúncio. Flutuava ao redor dele como perfume barato.

Agora ela está esperando ser chamada, Reagan terminar o discurso, dizer logo de uma vez... “Diga!” Silvia ainda está falando. Silvia está gostando do vinho.

Ela procura pela garçonete que estava servindo coquetéis, mas é difícil distinguir os atendentes. Todos usam o mesmo smoking e luvas brancas. As mulheres têm os cabelos presos. Os homens usam gel. Ela está prestes a levantar a mão quando um dos garçons se aproxima, enchendo sua taça de vinho.

Acontece tão rápido que ela fica confusa. Sente algo esvoaçar sobre seu joelho e pensa, por um instante, que derrubou o guardanapo. É só então que nota aquilo no chão. Ao lado de seu calcanhar direito, há um pequeno envelope branco. Ela se vira para o garçom, mas ele já foi embora.

Ela se abaixa e o abre. São duas linhas escritas à mão, em letra de forma:

RODOVIÁRIA GREYHOUND

HOLLYWOOD BOULEVARD

Ela sabe imediatamente do que se trata. Tem uma onda repentina de nervosismo, a garganta seca. Ela fecha os olhos para buscar alívio, levando os dedos ao colar, ao pequeno medalhão que usa. Ainda está sob a mesa, ainda segurando o envelope, quando Reagan chama seu nome.

CAPÍTULO OITO



SÃO QUASE SEIS E MEIA QUANDO VOCÊ chega à rodoviária. Suas mãos estão trêmulas. A temperatura é de 21 graus e você sente calafrios. Passou a noite no barracão dos fundos da casa de alguém, mas não conseguiu dormir.

Enquanto anda pela rodoviária, analisa o rosto de todos. Observa a mulher sentada no canto, com um saco de dormir dobrado ao lado. Olha para o homem de meia-idade do lado de fora, com duas bolsas empilhadas sobre uma mala, certificando-se de que não há nada familiar em seus traços.

Não demora muito para o operador de caixa te notar. Você está andando de um lado para o outro, dando voltas silenciosas nas cadeiras do saguão. Ele grita atrás de uma parede transparente à prova de bala:

– Deve chegar em dez minutos. Área três. – Ele aponta para a porta.

Ele acha que você está ansiosa à espera do ônibus. Você não sabe por que está ansiosa. Por tudo. Os ônibus já estavam cheios na noite anterior, mas você conseguiu comprar uma passagem para hoje. Sete da manhã, São Francisco. Parece um lugar longe o bastante para recomençar, grande o bastante no qual se perder. Parece uma oportunidade... para quê, você não tem certeza.

Quando sai para o ar da manhã, o estacionamento está vazio, à exceção de alguns poucos carros. Há dois ônibus de vidros escuros nas áreas cinco e doze. Do outro lado da rua, uma casa noturna está fechando. Um homem puxa uma porta de metal sobre a entrada, colocando o cadeado e trancando tudo.

Você tenta se concentrar na máquina de venda automática, nas vinte opções de café da manhã que tem à sua frente. Salgadinho de queijo, salgadinho de

queijo picante e pretzels e amendoins e barras de chocolate... Digita o código para o salgadinho de queijo. A espiral gira, empurrando o pacote, que vem para te saudar.

Você se senta encostada na parede da rodoviária, abrindo o saquinho e comendo um por um. Fecha os olhos e tenta retomar a lembrança: os pequenos recortes do caixão, suas mãos, a igreja. Conforme caminha, vê o púlpito. Um anjo no altar segura uma trombeta. Você se lembra do incenso e daquele forte perfume floral, de como aquele único buquê ao lado do púlpito mudou o ar.

Você se lembra, você se lembra.

Todo o resto existe em um lugar indistinto, como se estivesse olhando por uma câmera fora de foco. Não consegue distinguir o relógio na parede da igreja. Não sabe o que está vestindo, que ano é ou o que aconteceu. Concentra-se no livro que está à sua frente, tentando lembrar o número exato da página. Não consegue se recordar do trecho. Não consegue nem enxergar as palavras na página; em vez disso, sua lembrança é interrompida, sua mão ainda está marcando a página com a fita. Ainda assim, você mantém os olhos fechados. Espera que ela retorne. De cabeça baixa, ombros apoiados na parede da rodoviária, o som está em segundo plano. Em algum lugar fora de você.

Você abre os olhos.

Analisa a área do estacionamento. Um lado é todo gramado, parte da grama tem quase um metro de altura. Algumas árvores intrincadas cresceram no terreno abandonado vizinho. Você observa as sombras delas.

Então escuta o som novamente: a pisada silenciosa de uma pessoa se movimentando por galhos secos. Demora um instante para processar o que está vendo. A figura segue em frente e surge no estacionamento. A mulher veste uma camisa de mangas compridas e calças pretas de corrida, cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo. Parece ter idade o suficiente para ser mãe de alguém, aquele tipo de mulher que se vê em um jogo da liga infantil ou na fila do supermercado. Conforme segue para a frente do edifício, você nota a arma em sua cintura.

Você se levanta. Ela te examina rapidamente enquanto acelera o passo. Você se vira, começando a correr. Atravessa a rua e entra em uma viela deserta. Ela está bem atrás. Você examina os fundos dos prédios, procurando uma entrada pelos portões de garagem. Estão todos trancados.

Percorre mais uma quadra, mas a mulher acompanha o ritmo. Quando você olha para trás, ela está correndo sem esforço, movimentando os braços. Ela é rápida demais. Você tenta ter uma ideia de sua altura, seu tamanho, imaginando

se teria alguma chance contra ela. Você só tem 1,61 metro. A mulher é mais alta, mas é magra, com membros longos e finos.

Por instinto, você corre em arco, cortando outra viela e saindo na Hollywood Boulevard. O trânsito está tranquilo e você se sente sozinha, exposta, as ruas estão vazias demais para conseguir se esconder. Um conversível te vê atravessando e diminui a velocidade. Leva apenas um instante para o carro voltar a acelerar, passando rápido, sem te dar muita atenção.

Você continua, virando na direção da estrada, ainda ouvindo o som dos carros em algum lugar mais acima. Por um instante, não há nada além do zumbido de estática, e é fácil acreditar que conseguiu correr mais do que ela. Mas, quando olha para trás, a mulher está lá, na última esquina. Não diminuiu nem um pouco o ritmo. Você tenta manter a respiração estável com longas puxadas de ar, mas a presença dela te atordoa. Ela só vai levar alguns minutos para percorrer a distância entre vocês.

Você é toda coragem e instinto, músculos, sangue e ossos. Puxa a mochila para frente, abrindo o zíper do jeito que dá. O canivete está bem em cima. Assim que o pega, solta a mochila, sentindo o peso dela ir embora. Tudo o que você tem. O dinheiro. Os suprimentos. O bloco de notas. Você tenta não pensar nisso, tenta apenas sentir o quanto está mais leve.

Você pega velocidade. Ao chegar ao túnel da estrada, você vira, descendo para uma rua abandonada, paralela à estrada acima. A mulher desapareceu do seu campo de visão. Há arbustos à sua esquerda e prédios à direita – outro edifício-garagem de três andares. Você sai correndo pelos fundos dos prédios, escondendo-se atrás de uma caçamba de lixo.

Ela está se aproximando. Você ouve os sapatos batendo no asfalto, o som chegando mais perto. Abre o canivete e agarra o cabo. “Três”, você pensa, tentando conter o tremor em suas mãos. “Dois...” Há uma irregularidade nos passos dela ao virar a esquina, e você escuta a hesitação. Ela se deu conta de que você está escondida. Registrou que há algo errado.

“Um.”

Você dá um passo à frente. Mantém o canivete abaixado. Nivela o ombro direito com a barriga dela, firmando os pés para absorver o impacto. Quando colidem, tudo em seu corpo dói. As pernas dela cedem. Ela tropeça, caindo no chão, mão sobre o ventre. Todo o ar dela se esvaiu do corpo e ela abre a boca, ofegante, tentando respirar.

Seu primeiro instinto é ir até ela, mas ela logo pega a arma, mirando em seu coração. Antes que possa atirar, você está em cima dela. Suas mãos se juntam

em um movimento em X sobre os braços dela, esticados. A força tira a firmeza do punho dela. Sua mão esquerda agarra o cano e gira, libertando a arma. Você a joga o mais longe possível, e ela escorrega pelo asfalto.

Você fica surpresa com sua facilidade em desarmá-la. Tenta ignorar o latejamento na cabeça, no ombro, na lateral do corpo. Ajoelhando-se ao lado dela, fica tão perto que dá para ver o rímel nos cílios. Ela tem quarenta e poucos anos, mas a pele é bem esticada. Tem lábios carnudos e exagerados.

Uma mão imediatamente vai ao pescoço dela. A mulher segura um medalhão entre os dedos, o metal brilha sob a luz forte da manhã. De um lado, a silhueta de um homem, do outro, um cervo com chifres. Ela fica girando-o de um lado para o outro.

Você levanta o canivete, pousando-o sobre a garganta dela. Mas não vai matá-la, sabe que não. Não pode. Ela fica olhando para você, o peito abaixando e levantando enquanto ela luta para respirar. Você faz o possível para fingir.

– Quem é você? Por que estava me perseguindo?

A mulher tosse. Ela ainda segura o medalhão, virando-o entre os dedos. Quando separa os lábios, a voz é um sussurro triste e lento:

– Sinto muito...

– Sente muito? – você repete.

Ela fecha os olhos, respira mais uma vez, e antes que você consiga processar, ela sorri. A palma da mão dela se ergue e acerta a base de seu nariz. A dor é tão grande que seus olhos se fecham. Sua cabeça lateja. Ela tira o canivete de sua mão, você está sem forças, o corpo inteiro está fraco. Mal consegue contê-la quando ela rola para longe. A mulher se ergue, acomodando-se de modo a ter uma visão melhor de sua garganta.

Ela agarra sua cabeça com uma mão, observando enquanto te mantém ali, ainda com um sorriso nos lábios. Então ela levanta o canivete. A dor em sua cabeça é incandescente, suas costas estão raladas e sangrando sobre o asfalto, e você sabe que chegou o fim.

Fecha os olhos, esperando que ela ataque. Ouve um zunido, depois uma breve respiração. Algo atingiu a lateral do corpo da mulher. Uma ferida se abre, não maior que uma moeda. A bala entrou bem abaixo do seio esquerdo. Ela se deixa cair, o corpo se contorce e fica tenso, mão pressionada contra as costelas.

Você se levanta e vira, procurando pela pessoa que atirou. Está sozinha na viela. Os prédios não revelam nada, as janelas estão fechadas e escuras, os telhados, vazios. Você leva um tempo para perceber o edifício-garagem a duas portas de distância. Há um indivíduo no segundo andar, ao lado de um dos pilares

de concreto. É aquele homem, usando uma camisa branca parecida com a do dia anterior e calças pretas. Você pisca, estupefata, enquanto ele te observa de longe.

Então ele abaixa a arma. Fica olhando para você por um instante, e você não entende bem o porquê. Não há expressão no rosto dele. O homem leva a mão às costas e enfia a arma no cinto.

Ele entra no carro prateado ao lado, batendo a porta. Você consegue ouvir os rangidos e chiados dos pneus conforme ele dá cada volta, descendo o edifício e desaparecendo por uma saída desconhecida.



CAPÍTULO NOVE

A PRIMEIRA BATIDA PREENCHE O PEQUENO BANHEIRO do posto de gasolina. Há uma pausa, depois mais batidas, dessa vez mais fortes. Você está encaixada em um canto ao lado da pia, com uma mancha de sangue seco na lateral da camisa. Precisa levantar, sabe que precisa, mas a pessoa do outro lado da porta pode ser qualquer um – o homem de antes, a polícia. Você andou apenas cinco quadras antes de se esconder aqui.

Finalmente, você ouve a voz de uma menina, uma vizinha fina e desprestenciosa:

– Tem alguém aí?

Você se levanta, lavando as mãos com água fria, secando o rosto com toalhas de papel. Quando vê seus olhos no espelho, parece meio morta. A lâmpada cria sombras estranhas no seu rosto.

Você sacode as mãos para secá-las. Mantém a cabeça baixa ao passar pela menina, que não tem mais de treze anos. Duas horas se passaram desde o tiro, talvez mais. No calor da manhã, você não consegue parar de pensar, imaginando há quanto tempo o homem estava lá parado antes de dar aquele tiro. Quem você é para ele? Por que ele te protegeu? Por que te seguiu, observando de cima?

O mundo continua fora de você: o funcionário do posto de gasolina ajuda um cliente com o cartão de crédito, um cara de trinta e poucos anos passa em um carro, a placa de uma loja muda para ABERTO. Olhando para trás, a fila de carros é infinita, mas não há táxis, ônibus, nenhuma saída fácil. Você corre os olhos pelas lojas e saguões de escritórios, pelas mesas externas do café e pelas

janelas. Horas já se passaram, mas você ainda acha que vê o homem em todo lugar – no rosto dos estranhos que caminham ao lado, no carro estacionado do outro lado da rua.

Você está acelerando o passo, cabeça baixa, quando reconhece o cruzamento de antes. É difícil resistir. A mochila não pode estar a mais de três quadras, e sem ela você não tem nada. Não tem roupas, não tem água, não tem comida. Centenas de dólares esperam por você lá, a mochila está quase visível, os galhos do arbusto estão quebrados sob seu peso.

Carros passam. Você olha para trás, para frente, para os lados, certificando-se de que não deixou nada passar. Então segue sem parar até que esteja pendurada em seu ombro.

Um quarteirão já foi, depois outro. Ninguém está te seguindo. Apenas um ônibus passa, turistas olham para você do andar de cima. Ainda assim, algo parece errado. Você pode sentir. Não há polícia, não há sirenes, não há sinal do homem. Você vira à esquerda na esquina, começando a correr, observando o alto dos prédios, o edifício-garagem onde ele estava.

Quando a viela fica visível, não há ambulâncias. Ela não está isolada com fitas da polícia. Quase duas horas se passaram e o corpo da mulher não está mais lá. Um caminhão sobe a rampa da estrada, acelera e se junta ao trânsito.

Conforme se aproxima da longa faixa, continua olhando para trás, mas não há ninguém. Quando chega à viela, não há sangue. Dá a volta pelo asfalto, indo ao lugar onde jogou a arma, mas ela não está ali. O trecho de terra sob a estrada está cheio de garrafas quebradas. Você procura um rastro, algum arranhão ou marca por onde a arma poderia ter escorregado, mas não encontra nada. Aproximando-se, vê suaves linhas na terra, como se tivesse sido aplainada.

Ao lado da caçamba de lixo, bem onde a mulher foi baleada, o asfalto está quase seco. Perto do meio-fio, há uma poça rosada; a mancha é tão fraca que você mal consegue ver a princípio. Naquelas duas horas que ficou fora, alguém retirou o corpo, limpou a cena e saiu. Até lavaram o sangue.

Olhando fixamente para o edifício-garagem acima, você quase pode ver o carro prateado ali. Imagina o homem atrás das sombras, sob o toldo, onde não era fácil vê-lo. O tiro foi silencioso. Se você estivesse passando de carro, poderia nem ter notado.

Você volta a se virar para o asfalto, desejando alguma comprovação de que foi real. Seu nariz ainda está latejando. Seu corpo está dolorido na parte que colidiu com ela. Você segura a camiseta entre os dedos, analisando as manchas marrons no tecido branco, as gotículas do lado direito, exatamente abaixo da

região em que ela foi atingida.

“Foi real”, você pensa. “Aconteceu.”

Mas, quando você se vira, a viela está deserta. Não há nenhum carro no edifício-garagem. Há apenas aquela mancha fraca de sangue e o movimento da estrada.



CAPÍTULO DEZ

A FLORESTA ESTÁ SILENCIOSA. O GAROTO ANDA na sua frente, partindo os galhos com a faca de lâmina curva. Você fica olhando para a tatuagem que cobre as escápulas dele, o crânio que te olha de volta com olhos vazios e profundos. Há asas dos dois lados. As penas são tão perfeitamente desenhadas que parecem reais. Você continua concentrada naquilo, vendo os músculos se movimentarem sob a pele, tentando silenciar seus suspiros.

O suor começa a escorrer do seu cabelo, em filetes finos pelas laterais do seu rosto. Você vai agarrando os galhos enquanto caminha, pisando sobre pedras e troncos de árvores caídos. O galho em sua mão é pesado, tem mais de dez centímetros de espessura e a extremidade está afiada em forma de ponta.

Em algum lugar perto de você, um ramo se quebra. O garoto vira e você observa seu perfil: a ponta do nariz, os grossos cílios e os cabelos pretos que caem sobre os olhos. Ele viu alguma coisa, mas antes que você possa se virar, ele já está gritando:

– Vamos! Ande!

Você não vê o que está vindo, mas ouve o farfalhar das folhas se separando, galhos de árvores se rompendo, a respiração de algum ser vivo se movimentando pela floresta. O garoto sai correndo na sua frente. A lama grossa prende a sola de suas botas quebradas, te puxando para baixo. A fera está vindo na sua direção, mais rápido agora, por entre as árvores, e você está presa lá, incapaz de se mover. Ela está chegando, você tenta livrar as pernas uma última vez. Os ramos se enrolam em você, serpenteando, apertando seus tornozelos. Você se vira e vê de

relance um animal gigantesco, de pelo escuro e emaranhado, com um ferimento ensanguentado no pescoço. O garoto desaparece além das árvores. Você está correndo, tentando ir mais rápido, quando a coisa te alcança, fincando os dentes na sua nuca.



00h22. Você não dormiu mais de uma hora e seu coração ainda está acelerado devido ao sonho. Verifica as trancas da porta do quarto do hotel. Verifica as janelas, certificando-se de que ainda estão fechadas e trancadas. Está no quinto andar, mas isso não te ajuda a se sentir melhor. Você nota apenas a saída de emergência, o patamar três metros abaixo, o telhado que poderia ser alcançado com uma escada.

O sonho pareceu tão real. Você ainda é capaz de ouvir o estalar dos galhos conforme o animal se aproximava. Era gigantesco, o corpo ágil movendo-se rapidamente entre as árvores. O que era? Onde você estava? E quem era o garoto tatuado? Mesmo tentando lembrar, a imagem dele já está desaparecendo, caindo no desconhecido juntamente com todo o resto.

Você pega o bloco na mochila e anota os detalhes – a tatuagem de crânio, a cicatriz que percorria a parte inferior das costas dele, bem acima do cinto. A lâmina da faca era curva. Anota tudo o que consegue lembrar sobre a floresta. O ar era pesado, as árvores, viçosas e tropicais, como se fosse um outro mundo. Parece impossível, mas ainda assim você escreve o detalhe final – *um animal me atacou* – e leva a mão à cicatriz, passando os dedos por toda sua extensão.

Quando termina, coloca o bloco junto com o resto de suas coisas. Você se apoia na cama, mas seu corpo está dolorido. Seu braço sangra, a casca da ferida repuxa a pele, pegando no cobertor áspero e embolado. Os músculos do seu ombro e da lateral do corpo estão sensíveis ao toque. Em algum momento, você ralou os ossinhos dos dedos da mão esquerda. Eles ardem quando você fecha a mão em punho.

Você visualiza o recibo com o número de Ben, enfiado na frente do bloco de notas. Pensa na mão dele em seu pulso, no modo como o rosto dele mudou quando viu o ferimento, contraindo-se como se o próprio braço estivesse cortado. Pensa no quanto tinha parecido sincero ao escrever o telefone no recibo,

pressionando-o na palma da sua mão, te dizendo para ligar se precisasse de alguma coisa. Você não sabe ao certo se quer vê-lo ou se apenas quer alguém aqui, como se a solidão fosse responsável pelo seu esgotamento. Você pega o telefone, discando antes de pensar em mais coisas.



Quando Ben entra na lanchonete, ele sorri – esse sorriso fácil, cotidiano – e te faz pensar na palavra *desencanado* e no que ela realmente significa. Você está se esforçando tanto para ser normal. Pediu um milk-shake. Sentada no banco, correspondendo ao sorriso, você pode sentir os músculos do rosto, como sua pele é estranha e rígida.

Ele escolheu o lugar, um restaurante especializado em tortas a apenas algumas quadras do hotel. Está praticamente vazio, mas há um cara de jaqueta de paetês e gravata algumas mesas adiante. Você escolheu a mesa dos fundos, perto da parede, perto de uma saída de emergência. Sente-se melhor quando consegue ver todo o espaço.

Conforme Ben se aproxima, sua expressão muda; ele junta as sobrancelhas e fica sério.

– Por que está usando esses óculos? Que cabelo é esse?

Ele escorrega pelo banco e você não consegue deixar de se sentir ofendida, passando as mãos na franja, arrumando os óculos sobre o nariz. Já se olhou no espelho muitas vezes, mas sente que deixou passar alguma coisa.

– Sempre uso óculos, só estava sem aquele dia.

Ben inclina a cabeça, apertando os olhos.

– Não tem nada a ver com aquela foto sua no noticiário?

Você o observa, esperando, compreendendo. Ele sabe. Seus olhos vão para a porta, para além das janelas, avaliando a rua. Escorrega para fora do banco e dá dois passos, mas ele te alcança, colocando a mão em seu braço.

– Não contei pra ninguém. Não sou idiota.

– Se você sabe... por que está aqui?

– Porque você me ligou. Parecia que precisava de ajuda.

– Acho que eu disse “Quer fazer alguma coisa?”. De onde tirou que eu precisava de ajuda?

Ben corre os olhos pelos bancos vazios ao lado. Você se senta, a mão dele ainda em seu braço. Ele baixou a voz e está se aproximando, com o rosto bem em frente ao seu:

– Era pra isso que precisava de carona? Pra roubar aquele lugar?

– Sei o que parece – você diz – E sei o que você vai pensar, mas alguém armou pra mim. Aquela pessoa pra quem liguei do seu telefone me disse pra ir até lá. Foi tudo... encenado.

– Certo... armaram pra você... beleza.

– Por favor... não preciso que você me julgue, sr. Eu Vendo Maconha em Banheiros de Supermercados. É a verdade. E agora esse homem, um cara que nunca vi antes, tá me seguindo.

Ben olha para trás, para as janelas da frente do restaurante.

– Ele te seguiu até aqui?

– Não sou idiota – você repete as palavras dele. – Despistei o cara. Tenho certeza, senão não teria te ligado.

Você andou tentando compreender, e seu melhor palpite é que o homem começou a te seguir depois que você foi ao escritório, que ele a perseguiu do centro até Hollywood, onde te viu na lanchonete. Depois disso, não tem certeza. Achava que o havia despistado na loja de discos, mas e se ele estivesse lá o tempo todo, te seguindo a uma certa distância? Será que foi assim que ele te encontrou perto da rodoviária?

Ben puxa o saleiro e o pimenteiro da lateral da mesa, jogando-os de um lado para outro entre as mãos.

– Onde você tá ficando?

– No mesmo hotel.

O nariz dele está queimado de sol. Algumas sardas cobrem seu rosto. Com o moleto de capuz, ele parece mais novo que você, o que torna sua expressão tensa um pouco engraçada, como um menino tentando se passar por adulto.

– Se não tomar cuidado, eles vão te achar – ele diz, por fim.

– Quem? – A simples palavra “eles” te faz pensar na mulher com a arma, no homem no carro prateado.

– A polícia...

– Eles não me encontraram ainda.

Você olha em volta, certificando-se de que ninguém escutou o que ele disse, o que você disse. Uma música pop toca no alto-falante do teto. Você se arrepende repentinamente de tê-lo convidado, desejando ter simplesmente voltado ao hotel para dormir.

– Eu não fiz nada – você diz.

– Eu não disse que fez... mas por que tenho a impressão de que não tá me contando a história toda? Seu nome é mesmo Sunny?

Você faz uma pausa antes de responder e acaba se entregando. Ele solta um suspiro baixo e agitado, deixando a testa cair nas mãos.

– Eu contaria a verdade se soubesse qual é – você afirma. – Mas eu não sei.

– Você não sabe o seu nome?

– Não. E não conheço o homem que estava me seguindo, não sei o motivo.

Um homem entra pela porta da frente e você se encolhe no assento, levando a mão à lateral do rosto para esconder o perfil. Ele tem cabelos castanhos e ralos e usa uma camisa branca. Você vê a nuca dele, esperando que ele vire, mas, quando vira, tem barba e bigode. Não é ele.

– O que foi? – Ben pergunta.

Sua respiração está rápida demais para responder. Não se dá conta de que suas mãos estão tremendo até que Ben começa a olhar para elas, vendo seus dedos dobrarem uns sobre os outros, pressionando a mesa para estabilizá-los.

– Esse cara... você nunca tinha visto ele antes daquele dia?

– É o que estou tentando dizer: eu não sei. Não me lembro de nada a não ser dos últimos dias.

Ben sabe que tem mais, você percebe pelo modo que ele volta a agarrar o saleiro e o pimenteiro, escorregando-os de um lado para o outro. A garçonete chega e ele sacode a cabeça, dizendo que não, não queria pedir nada.

– Então você vai simplesmente voltar praquele hotel? – ele pergunta após uma longa pausa. – Simplesmente vai ficar esperando lá até ele te encontrar de novo? Ou a polícia te encontrar? E a sua família? Deve ter alguém te procurando.

Você volta a pensar na lembrança, no funeral, nas poucas silhuetas nos bancos da frente. Será que aquilo foi real? Como pode ter certeza?

– Vou tentar descobrir a verdade... só que ainda não sei como.

– E se esse cara voltar?

Você dá de ombros. Na realidade, não está mais com medo do homem, mas como pode dizer a verdade em voz alta? Que, depois de armar para você e te seguir, ele salvou sua vida? Que uma mulher estava tentando te matar e, por algum motivo, ele a matou?

– Como eu disse... ainda não entendi tudo. Na verdade, não entendi nada.

Você se levanta para sair, deixando algum dinheiro sobre a mesa.

– Talvez fosse melhor você ficar na minha casa – Ben sugere. – Eu devia estar na casa da minha tia enquanto minha mãe não melhora, mas esse esquema

já deu errado.

– Do que tá falando?

– Ela me pegou vendendo maconha e... pediu para eu me retirar. – Ele faz aspas com os dedos ao dizer isso. – Ela me expulsou no melhor estilo Beverly Hills. Então eu voltei pra minha casa, que é mesmo mais perto da escola. Tem uma edícula nos fundos. Ninguém vai saber que você tá lá.

– Não posso.

– É mais seguro do que ficar em um hotel qualquer.

– Nenhum lugar é seguro.

– Eu disse *mais* seguro. – Enquanto você caminha, ele passa os olhos pela lanchonete, do mesmo jeito que você vem fazendo nos últimos dias. Ele olha para trás, para a saída dos fundos. Dá para ver como ele está mudando, como parece tenso. Ele já está envolvido.

– Você não vai me querer por lá. – Mas o que realmente você quer dizer é: “Você não sabe que não vai me querer por lá”. Tem tanta coisa que não contou. Não é justo.

– Só eu estou lá. Minha mãe vai demorar pelo menos um mês pra voltar.

– Onde ela está?

O rosto dele muda, e você percebe que ele não quer responder, mas fica em silêncio, esperando.

– Em uma clínica mais pro norte.

Algo em você reconhece a expressão – o modo como ele não olha em seus olhos ao responder. A mãe dele está doente, e você se pergunta se alguma parte sua passou pela mesma coisa. Parece familiar demais... real demais.

– É que... já estou com problemas o suficiente – você diz. – Não posso me responsabilizar por mais ninguém.

– Eu sei.

Mas quando você entra no estacionamento, ele aponta para o jipe. Não é uma boa ideia, nem ao menos razoável, considerando o que aconteceu pela manhã. Mas aqui está Ben, mordendo o lábio inferior em um gesto de nervosismo, afundando a ponta do tênis no asfalto, triturando algumas pedrinhas soltas. O rosto dele está ficando mais familiar – você provavelmente poderia descrevê-lo se fechasse os olhos, poderia ouvir a voz dele mesmo se ele não estivesse aqui.

Você deveria voltar ao hotel, ao quarto impessoal com papel de parede bege e gavetas vazias. Mas, quando ele dá de ombros e se afasta, você o segue. E, pela primeira vez no dia todo, não olha para trás.

CAPÍTULO ONZE



QUANDO VOCÊ SAI DO CHUVEIRO, O VAPOR é tão denso que deixa o ar anuviado. O espelho está embaçado e você está aliviada por não ver seu reflexo. Pelo menos dessa vez não há cicatriz, não há tatuagem na parte interna do pulso. Você pega a camiseta limpa e a calça do pijama que Ben emprestou, usando um top por baixo para não se sentir tão exposta. Quando entra na casinha dos fundos, algo está queimando.

– Fiquei com fome – Ben explica. Ele se movimenta pela cozinha estreita, ligando um exaustor, que suga a fumaça saindo da frigideira. – Dois queijos quentes bem tostados.

Você dá uma segunda olhada na edícula, agora que todas as luzes estão acesas. É só um cômodo, a bancada da cozinha se projeta, separando os sofás do fogão e da pequena geladeira. A mesa de centro foi empurrada para o canto. O sofá-cama de dois lugares está aberto, o colchão fino coberto por algumas mantas. Não há nada na parede, nenhuma foto emoldurada, nem quadro ou pôster. Os móveis não combinam.

– Vocês não usam muito esse lugar, né?

– Na verdade, não – Ben responde. Ele puxa o sanduíche com a espátula, fumaça subindo em volta. – Quando minha avó estava viva, ela ficava aqui. E era isso.

Você vai até janela, puxando as cortinas de lado para poder ver a casa principal novamente. A parede dos fundos é toda de vidro. Há uma única lâmpada à direita, revelando uma cozinha moderna e elegante, com algumas banquetas de metal diante do balcão. As janelas do andar de cima refletem as

estrelas. Embaixo, a piscina não passa de uma poça sobre um pátio de tijolos, luzes apagadas, superfície inerte.

– Então você tá morando aqui sozinho? Cadê seu pai?

Ben pega dois pratos em um armário superior. Ele não olha para você, apenas limpa os pratos com um pano, como se já não estivessem limpos.

– Ele morreu há alguns anos.

Você quer perguntar como, o que aconteceu, mas a expressão de Ben mudou para algo que não consegue decifrar. Ele coloca os pratos sobre a bancada e volta ao fogão. Você pensa na visão do altar, no fato de haver apenas um buquê e apenas uma dúzia de pessoas. Fica se perguntando quem era ele. A lembrança pode ser de seu próprio pai. É estranho pensar que isso pode ser algo que vocês compartilham.

– Desculpa. Eu só estava curiosa.

– Não, é uma pergunta normal – ele diz – Só que é um saco. Minha mãe deve vir pra casa no mês que vem, mas é difícil saber. Então, é... sou só eu, por enquanto. Fiz dezoito anos no verão, então ninguém pode fazer nada. Ninguém pode me obrigar a ficar com a minha tia.

– Achei que ela tivesse te expulsado.

Ben ri.

– Você se apegua aos detalhes, né?

Ele chega perto, alcançando uma gaveta, mas o espaço é muito estreito. Por um instante, o corpo dele fica a poucos centímetros do seu. A respiração sobre sua pele.

Quando você finalmente olha para Ben, ele se afasta. O rosto dele está vermelho. Ele continua empurrando os sanduíches com a espátula. Você o observa, esperando que olhe em seus olhos, mas ele não olha.

– Você pode se encrencar por me deixar ficar aqui.

Ele não levanta os olhos. Em vez disso, coloca um dos sanduíches em um prato e empurra na sua direção.

– Eu posso me encrencar por muitas coisas.

– Mas problemas sérios. Tipo, abrigar uma fugitiva – você reitera.

Ele pega o prato e se senta na beirada do sofá. Dá de ombros ao morder o sanduíche.

– Não há motivo algum pra você estar aqui. Não tem como eles saberem que nos conhecemos, não é?

– Acho que não.

– Então tá tudo bem. Você não vai dar uma festa aqui, certo?

– Nada de festas... por enquanto – você ri, dando uma mordida. É a primeira coisa que você come em dias que não vem em uma embalagem plástica ou uma caixa.

– Não estou preocupado. Você vai dar um jeito. – Ele tira o cabelo da testa. – Além disso, vai ser legal ter alguém aqui por um tempo.

Ele sorri, e você de repente se dá conta de que ele está ao seu lado. Com o ombro junto do seu. A manga da camiseta dele roça em seu braço. A calça do pijama dele tem cintura baixa, revelando uma pequena faixa das costas dele.

– Aposto que é a recompensa – ele fala, dando mais uma mordida no sanduíche.

– O quê?

– Aposto que é por isso que o cara tá te seguindo. A notícia que eu vi dizia que havia uma recompensa pra quem tivesse informações. Ele deve ter te reconhecido.

Suas entranhas se contraem. Você se lembra de tudo o que não disse. Não é esse o motivo, e você sabe, mas ele não pode saber.

– Talvez.

– Bem, se alguém te encontrar, vou fingir que não vi o noticiário. Ninguém pode provar que eu vi. – Quando os olhos dele refletem a luz, são de um cinza claro, quase translúcidos. – Então... *Sunny*...

– Por que você tá falando desse jeito?

– Não é seu nome de verdade...

Normalmente, você ficaria irritada, mas ele diz em tom de brincadeira.

– Bem, quando eu descobrir meu nome verdadeiro, você vai ser o primeiro a saber.

– Meio que combina com você. Com seu jeito ensolarado... – Ele abre um sorriso do tamanho do rosto e você não consegue deixar de sorrir um pouco também.

Quando você está prestes a responder, ele estica o braço e segura em seu cotovelo do mesmo jeito que fez na primeira vez em que se encontraram. Ele levanta seu braço e observa o corte na pele.

– Parece melhor – ele comenta.

– Um cara que eu conheci no supermercado me disse que era sério.

– Que nada. Parece tudo bem. Esse cara deve ser um idiota. – O rosto de Ben está a poucos centímetros do seu. – Ei, quer ver uma coisa?

– O quê?

– Vem comigo. Você vai ter um tempo livre amanhã.

Ele empurra a porta, fazendo sinal para você o seguir. Ao atravessar o quintal, você se sente um pouco diferente, mais relaxada, e se dá conta de que não está analisando os limites da propriedade, nem olhando para trás. Está a quilômetros de distância da estrada, de tudo o que aconteceu pela manhã. A mulher que tentou assassinar você está morta. Precisa acreditar que, independentemente do motivo pelo qual o homem te seguiu, ele te salvou. Podia ter te matado, mas não matou. Você não se sente completamente segura, nada pode fazer com que se sinta segura depois do que viu, mas Ben estava certo. É mais seguro aqui.

– A chave reserva fica bem embaixo dessa rocha – Ben explica, apontando para uma pedra ao lado da entrada. Ele tira o próprio chaveiro do bolso, abre a porta, entra na salinha dos fundos. Há uma cesta de basquete, uma jaqueta sobre ela, alguns livros.

Você está na metade do corredor e já consegue sentir como a casa está vazia. Sem música, sem perfumes saindo da cozinha ou sons reconfortantes de louça batendo na pia. É tão silencioso que dá para ouvir seus próprios passos. Uma luz adiante revela uma mesa de jantar vazia.

– Eu odeio aqui em cima – Ben confessa, e você fica imaginando se ele consegue ver no seu rosto, se sabia que você estava pensando a mesma coisa. Ele desce as escadas e você vai atrás. – Costumo dormir no sofá lá embaixo. Essas coisas eram do meu pai...

As paredes do porão estão repletas de jogos de fliperama. Há uma fileira de dez ou mais máquinas de *pinball*, um jogo do Pac-Man, uma espécie de jogo de Skæe-Ball. As roupas de Ben estão empilhadas em uma das pontas de um longo sofá em L, no canto. Na outra ponta, há um travesseiro e um cobertor. Ele vai recolhendo embalagens vazias de salgadinho, enfiando alguns frascos de remédio controlado nas gavetas da mesa de centro.

– Ele colecionava essas coisas? – Você se senta diante do Pac-Man, pegando uma moeda de dentro de um tubo de papel. Coloca-a na abertura, manuseando o controle, mas perde a primeira vida em segundos.

– Tem um lugar no vale que vende essas máquinas – Ben explica. – Ele costumava me levar lá no meu aniversário pra escolher.

– Quantos anos você tinha?

– Ganhei a primeira aos doze – Ben responde. Ele fica te olhando iniciar o jogo seguinte, observando o modo como sempre fica presa nos cantos, como o controle não se movimenta da forma como você gostaria. Ele coloca a mão sobre as suas antes dos fantasmas te alcançarem, te ajudando a fugir. Você sente

o calor da mão dele.

– Pronto. Você tá melhorando. – Ele te solta, deixando as mãos caírem na lateral do corpo. Então se senta de frente para você.

– Você tem a vantagem da casa – você diz.

– Prepare-se – ele ri. – São seis anos de treino.

Ele coloca mais algumas moedas. A musiquinha eletrônica recomeça. Ben olha em seus olhos e abre um sorriso amplo e alegre.

– Fiquei feliz por ter resolvido ficar.

O jogo seguinte se inicia. O quarto de hotel parece distante.

– Eu sei. Eu também.

CAPÍTULO DOZE



VOCÊ PASSOU A MANHÃ TODA PESQUISANDO NO computador de Ben. Não encontrou nada sobre uma garota desaparecida com tatuagem no pulso. Nada sobre uma mulher baleada perto da Rodovia 101, independentemente do número de sites que visitou ou palavras que buscou. A Consultoria Garner não tem site. As notícias se referiam a eles apenas como uma empresa de tecnologia, sem o nome de ninguém que trabalha lá.

Você sai da edícula com uma toalha na mão, deixando o sol aquecer sua pele. O quintal está silencioso, exceto pelo som do filtro da piscina. Você coloca os óculos de sol que Ben te deu e um boné vermelho com as beiradas desgastadas. Está prestes a deitar quando nota um moletom roxo e rasgado no pátio, embolado ao lado da última cadeira. Há um iPhone em um dos bolsos. Quando pega o moletom, uma carteira cai. Há três cartões de crédito, alguns vale-presentes, uma carteira de motorista de Nova York e uma identidade. Você a abre, contando as notas de vinte no compartimento principal: sete ao todo. Não precisa do dinheiro, mas os cartões são tentadores. A garota se parece o suficiente com você: uma adolescente de cabelos escuros. Poderia usar a identidade e os cartões de crédito para reservar uma passagem de avião para a outra costa.

Você está se abaixando, prestes a enfiar a carteira no bolso do shorts, quando ouve o rangido do portão. Coloca a carteira de volta no moletom. Então o deixa sobre a cadeira e cruza as pernas, fingindo olhar para o outro lado do quintal.

A garota se aproxima. Seus passos são tão seguros e firmes que você precisa lembrar a si mesma que ela não mora aqui. O cabelo preto e volumoso está

raspado de um dos lados, a franja cai sobre a testa, misturando-se ao resto dos fios na altura do ombro. Você ajusta a aba do boné, sentindo-se mais protegida atrás dos óculos.

– Isto é seu? – Você pega o moletom, entregando-o. – O que ele tá fazendo aqui?

– Eu esqueci. – Ela pega a blusa, amarrando-a na cintura como se não fosse nada de mais.

– Você diz isso como se morasse aqui...

– Minha avó mora na casa vizinha. Ela é amiga da Liz. Às vezes Liz vai lá fazer uma visita. Ela disse que a gente poderia usar a piscina.

Liz. Ben nunca disse o nome de sua mãe, mas há fotos dela pela casa. De manhã, você notou uma pilha de correspondências sobre um dos videogames; eram contas e catálogos endereçados a Elizabeth Paxton.

– Não sou de ficar no quintal de estranhos – a garota explica. – É que... esse calor tá insuportável.

– Beleza – você mente, tentando recompor o rosto.

– Enfim... – a garota diz – Obrigada por tomar conta da Rhonda.

– De quem?

– Da Rhonda. – Ela mostra o moletom roxo.

– Você deu um nome pro moletom?

– Gosto de pensar nessa blusa como uma força vital. Ela estava comigo quando tirei minha carteira de motorista, quando prestei vestibular, quando me mudei. Primeiro beijo, primeiro namorado, primeiro tudo.

– *Tudo...?* – você pergunta, surpresa com a rapidez com que igualou o tom de voz ao dela.

A menina abaixa os óculos escuros para você poder ver os olhos dela. Depois sorri.

– É uma pergunta bem pessoal pra alguém que nem sabe o meu nome.

– Você também não sabe o meu.

A menina apenas sorri.

– Eu não estava usando a blusa, exatamente... Mas ela estava lá. Como testemunha.

Ela usa as mãos para falar, e suas unhas refletem a luz, o esmalte azul brilhante cintila. A garota não se senta, mas você tem a sensação de que ela não pretende sair, que vai ficar ali parada, conversando até que você a mande embora.

Ela se joga na espreguiçadeira ao seu lado, com o biquíni rosa metálico

refletindo o sol. Os shorts jeans estão rasgados, mostrando os bolsos de tecido branco por baixo. Ela tem um piercing no rosto e uma tatuagem – uma inscrição do lado direito do corpo: “Você nunca se decepciona quando não espera nada de alguém”.

– Sua tatuagem. – Você aponta para ela. – De onde é essa frase?

– *A redoma de vidro*. É um livro. Quando meus pais descobriram, ficaram putos. Ficaram dizendo “Não podemos acreditar que você fez isso com seu corpo. Está acabando com você mesma. É tão pessimista. Quando se tornou tão pessimista?”.

– É meio pessimista. Mas eu gosto.

A menina passa os dedos pelas letras, traçando uma linha entre elas.

– Essa é a questão. Eu fiz essa tatuagem com treze anos. Três anos atrás. E quando eles disseram isso, uma parte de mim pensou “Hum. Talvez eu odeie essa tatuagem. Talvez eu vire uma dessas pessoas com uma tatuagem esverdeada no corpo e passe anos desejando não ter feito. Talvez eu tenha que remover”. Mas eu ainda concordo com o que está escrito. Ainda acho que é verdade. Chego quase a desejar que fosse diferente. E a sua? O que significam esses números? – Ela aponta para o seu pulso. Por reflexo, você o cobre rapidamente com a mão.

– É bobagem – você diz, mantendo a tatuagem coberta. Não era para ela ter visto tão bem.

– Vamos! Eu mostro a minha e você mostra a sua, não é assim que funciona?

– Ela abre um sorriso. Não mostra os dentes, apenas curva os lábios, formando uma covinha.

– É só uma coisa que fiz com um amigo. Os números são... o aniversário dele – você afirma, imaginando se não seria verdade. Pensa novamente no sonho, no garoto que seguiu pela floresta.

– E as letras? São iniciais?

– Sim, iniciais. Não estamos mais juntos.

A história é reconfortante: ter amado alguém o suficiente para querer torná-lo permanente. Você quase quer acreditar.

Ela acena com a cabeça.

– Então agora está com o filho da Liz... Bud? Billy?

– Ben.

– Isso! Minha avó tinha umas fantasias de que talvez a gente fosse a fim um do outro, que a gente pudesse ser amigos enquanto eu estivesse aqui. Ele é bonitinho... um pouco normal demais pra mim. Gosto mais dos que usam jeans apertado, camiseta justa, daquele tipo será-que-ele-é-ou-não-gay. Mas não posso

te culpar.

Você entende as consequências. A garota vai contar à avó, que vai contar à mãe do Ben. Seria melhor se ninguém soubesse que está hospedada na casa dele, que há uma escova de dentes sobre a pia, algumas roupas emprestadas amontadas no chão do banheiro.

– Nós não estamos juntos. Eu só fico um pouco aqui às vezes, mas não é nada. É só mais fácil. Preciso resolver umas coisas em casa.

– Entendi. É, resolvendo umas coisas... eu me identifico.

– É... você não deveria estar na escola?

– E você?

– Tenho dezoito anos – responde. Você não está certa disso, mas, se comparando a ela, parece certo.

– Eu tô dando uma pausa enquanto fico com a Mims... minha avó.

– De onde você é?

– Long Island. Já estive lá? É um lugar que só tem shoppings, se é que isso explica alguma coisa.

Não significa nada para você, mas a expressão dela muda. A garota olha para baixo, puxando a barra desfiada dos shorts.

– Eu não conheço.

– Vou ficar aqui só uma semana, na surdina, como dizem. Teve um “escândalo” na escola. A solução da minha mãe foi entrar imediatamente na internet e comprar uma passagem pra eu vir pra Los Angeles. – Ela faz aspas imaginárias ao dizer “escândalo”.

– Uma semana com a sua avó... parece meio chato.

– Na verdade, a Mims é incrível. Ela faz ioga todos os dias e é sarada. Sério! Os braços dela são mais definidos que os meus. E é bem mais fácil ficar com ela. Não tenho que ficar me explicando o tempo todo.

A menina tira o iPhone do bolso do moletom. Começa a mexer nele, digitando algo, depois vira a tela para você.

– Quer ver uma coisa?

Você se aproxima, vendo-a colocar um vídeo que, a princípio, mostra apenas uma criança no supermercado. Ela não deve ter mais de três ou quatro anos, e dá para ver as pernas da mãe ao fundo, virada para o outro lado. Não há barulho. A menina usa um vestido azul e está dançando, embora você não saiba o motivo. Ela arrasta os pés e joga uma mão para cima. Então a melodia de um violão começa a tocar. O vídeo corta para uma mulher que corresponde à descrição de Mims, flagrada sozinha, dando um rápido giro pelo chão. E continua até o fim da

música, mostrando pessoas diferentes, de idades diferentes, dançando sem saber que estão sendo vistas.

– Você que fez? – pergunta.

– Fiz. Tenho um canal no YouTube onde posto essas coisas. Levei dois anos pra juntar todos esses pequenos momentos. Eu sempre estava pegando o telefone, tentando gravar pessoas. Você ficaria surpresa com a frequência com que isso acontece. Sabe aquele no metrô, do cara com os fones de ouvido? É o meu preferido.

– O meu também.

Ela volta a guardar o celular no bolso, depois fica olhando para as unhas, arrancando pequenos flocos de esmalte. Quando volta a falar, as palavras são mais suaves, mais baixas:

– O escândalo teve a ver com os vídeos. Meu terapeuta diria que eu me referi ao caso como “escândalo” para chamar sua atenção, porque quero que você saiba o que aconteceu. Porque eu queria que você perguntasse. E talvez seja verdade.

– Eu vou perguntar: o que aconteceu? É esse vídeo?

– Não... é um outro. Eu até mostraria, mas meus pais olharam todos os celulares e computadores que eu já tive e garantiram que fosse apagado. Eles contrataram uma dessas empresas de informática. Mas ainda tá por aí, na internet. Eles ainda não entendem completamente como funciona a internet, e o que isso significa para o meu vídeo.

– Foi tão ruim assim?

A menina levanta os óculos escuros e se aproxima.

– *Eu* não achei ruim. Começou por causa de uma foto que estava rodando pela escola. Eu não a conhecia, mas uma menina do primeiro ano mandou a foto dos peitos dela pra um cara do time de futebol com quem estava ficando, e ele mandou pra todos os amigos. Dois dias depois, todo mundo da escola já tinha visto. E aí é que está a questão... todo mundo ficou com raiva *dela*. Todo mundo estava agindo como se ela estivesse errada, não ele. E foi ele que mandou a foto pra todo mundo. Chegou um ponto que eu não aguentei. Então umas amigas e eu fizemos o vídeo: só peitos.

– Só peitos? O que isso quer dizer? – Você não consegue evitar o riso.

– Peitos atrás de peitos atrás de peitos. Só peitos. Eu filmei minhas amigas trocando de camiseta e de sutiã, depois botei uma música. Nossos rostos não aparecem. A questão é: qual é o problema? Por que todo mundo tá humilhando essa menina? Ela não foi pra escola por uma semana, seus amigos disseram que

ela não estava comendo e não conseguia parar de chorar. Eu falei: são só peitos, pessoal. Que porra!

Ela fala com as mãos, uma versão animada e caricata de si mesma, e você fica imaginando se ela é alguém de quem você seria amiga antes. Será que você teria gostado tanto dela, teria confiado nela? E isso importa?

– Então as coisas não acabaram bem.

– Não. Por isso essa viagem pra visitar a Mims. Eu ainda acho que tô certa... Bom, e você? Do que tá fugindo?

As palavras dela te pegam desprevenida, e mesmo sabendo que é apenas um modo de dizer, tudo nelas te deixa desconfortável. Não há motivos para a polícia procurar por você aqui, mas você não consegue deixar de olhar para os portões do fundo, certificando-se de que nada parece estranho.

– Só de umas loucuras em casa. Meus pais não param de brigar. É melhor vir pra cá e escapar.

– É, aqui é bem legal... – A menina se levanta e vai até a beirada da piscina. Não está muito limpa, é óbvio, mas ela começa a descer as escadas até a água bater nas canelas. Está prestes a entrar mais quando uma voz a chama do outro lado da cerca.

– Iz, vamos – uma mulher fala. – Temos que encontrá-los em meia hora. Se não sairmos logo, vamos ficar presas no trânsito.

– É melhor eu ir – a garota afirma, molhando as escadas ao sair. Ela se abaixa, recolhendo suas coisas. – Mas vou estar por aqui amanhã... e depois de amanhã... e depois de depois de amanhã. Tô sem carro.

– Eu também. E você é... Iz?

– Izzy. Agora você precisa me dizer seu nome.

– Todo mundo me chama de Sunny.

– Te vejo amanhã, pequena Miss Sunshine?

Você sorri, e a sensação é tão boa que te surpreende. Ao se recostar na cadeira, o sol é reconfortante e, pela primeira vez nessa manhã, seus ombros estão relaxados. Você sabe que seria melhor se não a visse de novo. Se inventasse alguma desculpa para justificar por que não estaria lá no dia seguinte.

Mas ela segue na direção do portão e você não diz nada, e essa acaba sendo sua resposta. Ela segura a blusa de moletom e acena em despedida.

CAPÍTULO TREZE



– PRIMA RITA – BEN PARA O CARRO e desliga o motor. Ele não parou de sorrir durante todo o trajeto.

– Rita, sério? Que tal Tess, ou Zadie? Algo mais legal? – Você puxa o quebra-sol, olhando seu reflexo no espelhinho. Deixou a franja reta, bem acima dos óculos, cobrindo as sobrancelhas.

– Rita é engraçado – ele diz.

– É nome de velha.

– Por isso é engraçado.

Você olha pela janela do passageiro. Adolescentes cambaleiam pelo gramado, alguns com copos descartáveis na mão, outros com garrafas de bolso. A frente da casa está cheia de latas amassadas. Atrás do portão de metal, você pode ver a multidão, cabeças se sacudindo, uma mão ou outra sendo levantada.

– Eu não devia ter falado com aquela garota hoje... – você diz, retomando a conversa. Você passa o dedo pela pulseira de couro que Ben encontrou em uma gaveta e lhe deu. Você a usa para cobrir a tatuagem.

– O que você podia fazer? Ignorar? Ia ser ainda mais estranho. – Ben pega umas caixas de plástico no porta-luvas e enfia-as no bolso da blusa de moletom. – Aquela notícia passou três dias atrás. Se ela ainda não viu, não vai ver mais. Fui eu quem te deu carona e, mesmo assim, tive que ver de novo pra ter certeza de que era você. O pior que pode acontecer é alguém contar pra minha mãe que eu estava com uma menina em casa. Ela provavelmente vai ficar aliviada por eu não estar só jogando videogame e comendo salgadinho.

Ele sai do carro, fazendo sinal para você seguir. Uma garota e um garoto

estão sentados no gramado, cerveja pingando pela borda do copo enquanto se beijam.

– Então, qual é a história? Sou sua prima?

Ben ri.

– É, isso mesmo. Mas ninguém vai perguntar. Vamos entrar e sair em dez minutos.

Você mantém a cabeça baixa ao descer do jipe, levantando a mão para cobrir o rosto. A música é alta. A casa se estende ao lado de uma colina. Abaixo, a cidade é silenciosa e calma. Ben anda na sua frente, com a mão sobre o bolso da calça, sentindo as pequenas caixas. Ele tinha prometido que só entregaria umas coisas. Entrar e sair, apenas dar uma passada, havia dito.

Ele cumprimenta um garoto com boné dos Dodgers. Você ziguezagueia pela multidão, se espremendo entre meninas com maquiagem pesada nos olhos e cachos firmes.

– Rex, essa é minha prima Rita! – Ben grita.

Um garoto de olhos vermelhos sorri e acena para você com a cabeça. Ben vai entrando, na direção de portas corrediças de vidro. Atrás delas, alguns garotos compartilham um *bong*. Ben vira para trás, pegando na sua mão.

– Já volto. Promete que não vai se meter em confusão?

– Vou fazer o possível. – Você se vira, observando o quintal lotado. Um garoto entrou na piscina com roupa e tudo. O moletom infla em volta dele e as calças colam nas pernas finas.

Quando Ben desaparece lá dentro, você corta pelo pátio, sob fios de luzinhas de Natal antigas, até uma mesa repleta de garrafas pela metade. Há duas garotas lá, espremendo limões em uma mistura cor-de-rosa. Você se serve de uísque com gelo, dá o primeiro gole e gosta de como ele aquece a garganta ao descer. Ben estava certo. Ninguém parece te notar. As garotas estão falando de alguns amigos com quem se encontraram em um parque, dizendo que vão até lá às vezes para beber (não tem polícia) e que talvez vejam o show de uma banda amanhã no Palladium.

É libertador estar perdida no meio de tanta gente. Alguns caras tentam acertar bolinhas de pingue-pongue em copos de cerveja, ao lado da piscina. Outros jovens estão espalhados pelo gramado, cabelos emaranhados e úmidos, olhos semicerrados. Você veste uma camiseta larga, moletom com capuz e shorts – roupas que têm sua própria camada de invisibilidade. Nenhum cara se vira para olhar. Ninguém presta atenção em seu rosto. Você se senta no pátio e tira os tênis, deixando os pés afundarem na água fria e cristalina.

Termina a bebida. Vê a festa se desenrolar à sua frente. O garoto pula sobre um colchão inflável, apoiando os braços nele. Garotas formam um círculo em outro canto do gramado, dançando. Você pensa: “Isso é ser normal”.

Seus membros se aquecem, a dor na lateral do corpo desaparece. Não sabe quanto tempo se passou quando Ben volta. Ele olha para o copo.

– Tá se divertindo?

– Eu devia ter pego um para você.

– Que nada, eu não bebo.

Ele não está sorrindo, e só por isso você sabe que não está brincando.

– Por quê?

– Porque... sei lá. Só não bebo.

– Você não bebe e nem fuma... Então por que tá vendendo maconha?

Um sorrisinho estranho toma conta dos lábios dele. Ele se aproxima, com a voz mais baixa do que antes:

– Pode parar de me julgar, srta. Sou Procurada Pela Polícia.

– Ah, qual é. É uma pergunta válida...

– Eu vendo pra ganhar dinheiro. Não é por isso que a maioria das pessoas faz essas coisas?

Você toma mais um gole de bebida, sorvendo a mistura aguada.

– Você estuda com essas pessoas?

– São alunos de escola particular – ele explica. – Eu estudo no Colégio Marshall. Não existo pra eles.

Você não sabe exatamente onde fica o Colégio Marshall, mas isso explica por que o trajeto até essa casa pareceu levar mais de meia hora, serpenteando por estradas estreitas, sem conseguir ver além do brilho dos faróis. Agora que está aqui, você se sente mais distante de tudo o que aconteceu, da preocupação de que alguém te reconheça do noticiário.

– Estou conseguindo agir como uma pessoa “normal”?

Ben ri.

– Sim, você se encaixou bem. Tá se sentindo normal?

– Mais do que me senti o resto da semana.

– Normalmente, fico fora de casa o máximo que posso depois da escola – Ben diz – O pessoal vai para o Griffith Park e fica no estacionamento. Ou saio dirigindo por aí. Mas hoje foi o primeiro dia que eu realmente quis ir pra casa. Foi estranho.

– Obrigada... eu acho...

Ben ri de novo.

– Eu quis dizer que foi, tipo... estranho no bom sentido.

Enquanto ele estava na escola, você notou a foto sobre a lareira. O pai, a mãe e ele, quando tinha uns doze ou treze anos. Estavam em um evento formal. Ben usava terno e gravata. Sua mãe sorria, olhando para a lateral da câmera. Eles pareciam felizes, congelados em um momento perfeito.

– Quando aconteceu? Seu pai, as coisas com sua mãe...?

– Tantas perguntas...

– Não precisa responder.

– Meu pai morreu há três anos. Ele era dez anos mais velho que minha mãe e simplesmente ficou doente. Estava com uma tosse, foi ignorando, continuou indo trabalhar. E então piorou. Ele foi pro hospital... depois morreu.

– O que era?

– Pneumonia. Fiquei muito bravo, porque foi idiotice, sabe? Se ele tivesse ido ao médico antes, provavelmente não teria morrido.

Você volta a pensar no funeral, na igreja que existiu durante aqueles poucos minutos. Quando esteve lá? Será que era seu próprio pai? Quer tocar no assunto, mas não parece certo, como se estivesse comparando a vida dele com uma vida imaginária, algo que nem tem certeza se é real.

Ele olha para a festa, vendo as pessoas passando pelo quintal lotado, alguns segurando o copo no alto.

– E minha mãe... não sei quando aconteceu. Sei que, quando meu pai morreu, ela teve que lidar com um monte de coisas. Meu pai não tinha contado muita coisa pra ela, e sei que ficou estressada. Mas depois percebi que ela meio que enlouqueceu... começou a esconder as coisas de mim. Estava agindo como se fosse outra pessoa. Foi internada há dois meses.

Você aproxima a mão da de Ben, colocando os dedos sob os dele só para ver qual é a sensação. A expressão dele está mais séria e, por um instante, você fica hesitante, até mesmo nervosa. O rosto dele está a poucos centímetros do seu.

Ben pega a sua mão, apertando-a. Puxa-a para mais perto dele, como se fosse algo delicado, virando-a, pressionando-a entre as suas. Então ele olha para a festa, onde mais alguns adolescentes pularam na piscina de roupa. Uma garota está sentada nas escadas usando shorts jeans, camiseta e cabelos ensopados, rímel escorrendo pelo rosto.

– Então é essa a história – Ben afirma. Ele se vira para você, se aproxima, sorri. – Tem mais alguma pergunta? Podemos fazer outra coisa agora?

– Sem mais perguntas.

– Ótimo, então vamos embora daqui. – Ele se levanta, te puxando. Você

enfia os pés nos tênis, mas Ben já está indo. Você cambaleia atrás, tentando alcançá-lo.

– Onde você tá indo?

– Nadar.

Ele não olha para trás. Você se vira para a piscina, vendo um menino se esforçar para subir em um colchão inflável rosa-neon.

– Onde? Na sua casa? – você pergunta.

– Melhor – ele responde. – Você vai ver.

CAPÍTULO CATORZE



É DIFÍCIL VER ONDE A TRILHA TERMINA e a mata começa. Você anda pelo caminho estreito, mãos nas costas de Ben, pés instáveis na areia. Mais ao longe, o mar é prateado e cintilante, a lua lança luz sobre a água.

– Só um pouquinho mais – Ben avisa. – É aqui.

A escadaria de metal corta a lateral do penhasco rochoso, descendo dois andares até a estreita faixa de areia. Você segue atrás de Ben, vendo onde ele coloca os pés. Ele evita os buracos enferrujados no metal, os espaços em que os degraus estão corroídos. Você pega no corrimão, segurando firme, com a outra mão na alça da mochila. Em poucos minutos, estão na praia.

É uma faixa de areia estreita junto a um penhasco íngreme, algumas rochas são visíveis na parte rasa do mar. A uns trinta metros, há um veleiro velho virado de lado. De onde você está pode ver a costa até o sul, pontuada com luzes e uma roda-gigante girando ao longe.

– Este é um dos meus lugares preferidos. A gente costumava vir aqui quando eu era criança. – Ben se vira para a água e tira a camiseta, expondo as costas nuas. Você solta a mochila, pegando o cobertor fino e o estendendo sobre uma rocha próxima.

Tira a blusa de moletom, deixando-a na areia. Ben já entrou na água, indo em direção a um pequeno afloramento de rochas. Você enrola a barra dos shorts, amarra a camiseta com um nó acima do umbigo, e o segue, deixando a água fria bater nos tornozelos, coxas, cintura.

Você prende a respiração e dá um mergulho, nadando até a parte mais funda. Está longe o bastante para não alcançar o fundo, mas é fácil se movimentar com as ondas, e você se pergunta onde e como aprendeu a nadar.

Em alguns segundos, já está a poucos metros das pedras, cujo contorno corta a superfície da água. O enorme penhasco atrás delas tem quase dez metros de altura.

As ondas batem no pé do penhasco, onde se acumulam algas marinhas. É estranhamente convidativo o modo como as rochas se projetam, cintilantes e prateadas à luz da lua. Antes de questionar, você sai nadando, suspende o corpo, encontra o corrimão e sobe mais.

– O que você tá fazendo? – Ben grita lá de baixo.

Você não responde. A base do penhasco é escura e escorregadia, as pedras estão cobertas de algas. Enfiando os dedos nas frestas, a pele das mãos queimando, você avança mais um metro, onde a rocha está seca e áspera. É tão fácil. Seu corpo abraça o penhasco. Logo, está uns seis metros acima da superfície da água, talvez mais.

– Sunny! – ele grita. – Você vai se matar, sério! Não é fundo o bastante pra você poder saltar.

Você chega a uma base estreita com não mais de quinze centímetros de largura. Pressionando o corpo contra a rocha, você se vira de frente para o mar. O céu está bem na sua frente, estendendo-se junto ao horizonte.

Ben fala mais alguma coisa, mas você não consegue escutar. Seus pés já estão empurrando a rocha. Consegue sentir o barato do mergulho, o fato de não haver nada abaixo, apenas ar. Seus braços estão voando na lateral do corpo, as costas arqueadas. A água se apressa em te encontrar. No último segundo, você se estica, chutando os pés para cima da cabeça.

Quando corta a superfície, está tão acordada, tão viva. Seus olhos estão fechados debaixo d'água. Naquela calma, você tem o vislumbre repentino de uma floresta. Uma borda coberta de musgo ao lado de uma cachoeira. Uma figura passa ao lado, apenas uma silhueta. Você solta o ar, bolhas se formam ao redor, e logo a imagem desaparece. Está lá, sozinha, ouvindo seus batimentos cardíacos.

Não havia medo ou preocupação, você apenas sabia que já tinha estado lá antes. Aquele lugar era familiar. Está voltando lentamente, as lembranças retornando pouco a pouco. Quanto tempo levaria para lembrar tudo? Quanto tempo levaria para lembrar quem você é?

Quando finalmente emerge, Ben está rindo.

– Minha nossa! – exclama. – Foi muito louco! Como você fez isso?

Ele ri novamente e você tira a água dos olhos. Sabe que já fez isso antes. Quando e onde, não tem ideia.

– Não sei. Simplesmente fiz – você tenta explicar. Ainda sente a adrenalina, seu coração está acelerado, a pele ardendo nas áreas que se chocaram com a água.

Quando começa a nadar de volta para a praia, ele te segue, apressando-se, mas incapaz de acompanhar seu ritmo. Você chega na parte rasa e segue para a praia. Fica na areia, torcendo a ponta da camiseta.

Você leva um instante para notar Ben. Ele está paralisado onde as ondas suavizam, observando você.

– O que tá olhando?

Ele não diz nada. Em vez disso, pega o cobertor sobre a rocha e o coloca sobre seus ombros.

– Só você.

– Só eu? – você finge estar ofendida.

– Eu quis dizer... *você* – ele sorri. – Ah, vamos... não é tão fácil dizer a uma garota que ela é bonita, legal e... diferente.

– Você nunca conheceu uma garota desmemoriada?

Ele ri, e o hálito é morno sobre seu rosto.

– Não – ele responde com suavidade, aproximando-se. O rosto a poucos centímetros do seu. – Você é a primeira...

– Nenhuma assaltante de banco em seu passado? – você sussurra, mas antes que possa dizer outra coisa, ele chega mais perto e pressiona os lábios nos seus, deixando uma mão escorregar por suas costelas.

Você o deixa te beijar, os lábios dele nos seus, em seu rosto, seu queixo. Você leva as mãos ao rosto dele, e ele te puxa para mais perto. Ben pressiona o corpo junto ao seu e você se agarra nas costas dele, sentindo cada músculo sob a superfície da pele, passando a mão sobre os ombros. Ben sorri e se ajoelha, te puxando para a areia junto com ele.

– Estou feliz por você ter me flagrado vendendo maconha naquele supermercado – ele ri. A mão dele escorrega sobre sua barriga, o dedo fazendo um círculo sobre seu umbigo.

– Estou feliz por ter te flagrado vendendo maconha naquele supermercado.

– Estou feliz por você estar feliz por ter me flagrado...

Mas, antes que ele consiga terminar, você está em cima dele, beijando-o, fazendo as palavras se perderem. Seus cabelos pingam sobre o peito dele, e você seca a água. Ele se movimenta de maneira metódica, cobrindo sua pele com os lábios, seguindo uma linha da clavícula até seu queixo. Parece tão fácil e gostoso que é desconcertante quando ele para. Ele recua, passando os dedos sobre sua

cicatriz.

– Isso é de antes?

– Estava aí quando eu acordei. – Você vira a cabeça, cobrindo a cicatriz com a mão.

Lentamente, com cuidado, ele afasta seus dedos. Você fecha os olhos, não querendo ver o rosto dele. A respiração está mais perto, o calor está sobre seu pescoço, e então os lábios se abaixam. Ele beija toda a extensão da cicatriz, sem parar, cobrindo cada centímetro.

– Odeio isso – ele sussurra. – Você não merece nada disso.

– Você não sabe. Eu posso ter...

– Eu sei sim.

Ele parece ter tanta certeza que você tem vontade de acreditar. Talvez houvesse um motivo para você ser quem era, para ter feito o que fez. Talvez tudo possa ser explicado.

Ben volta a deitar sobre o cobertor e você apoia a cabeça no peito dele. Puxa o cobertor para se cobrir, aninhando-se sob seu queixo.

– Ela vai voltar – você diz, sem saber quem estava reconfortando. – Minha memória vai voltar.

– Eu sei.

Você fica ali, deitada, com areia e sal do mar nos cabelos, vendo-o fechar os olhos e ceder ao sono.

Quer acompanhá-lo, mas não consegue. Dez minutos se passam, depois mais dez, e você está com muito frio, muito agitada, pensando apenas no bloco de notas em sua mochila. Sabia que não poderia arriscar voltar à rodoviária Greyhound, que eles presumiriam que tentaria ir embora novamente e procurariam por você em estações de trem e terminais de ônibus. Se aquela mulher estava atrás de você, deveria haver outros. Mas quem? Quanto tempo demoraria para te encontrem?

Você sai de perto de Ben, com cuidado para não acordá-lo.

Pega uma camiseta seca e calças na mochila, tirando as roupas ensopadas. Espreme a água das pontas dos cabelos, prendendo-os em um rabo de cavalo, tirando o sal do rosto. Então pega o bloco, abrindo na última página usada.

- O homem usava camisa social branca e calças pretas

- Ele dirigia um Camry prateado sem placa

- Ele te seguiu duas vezes: primeiro na lanchonete em Hollywood, e depois perto da rodoviária, a cinco quadras de lá

- Ele te encontrou depois de mais de um dia
- Ele atirou na mulher que te perseguia e a matou
- Ele salvou sua vida

Ao ler a lista, relê duas linhas de novo e de novo. *Ele te seguiu duas vezes. Ele te encontrou depois de mais de um dia.* O homem sabia onde você estava nas duas vezes, aparecendo de repente, como se saísse do nada. É possível que a primeira tenha sido coincidência, que ele tenha te rastreado do primeiro local ao segundo, mas, enquanto tenta juntar o quebra-cabeça – todas as horas que se passaram entre a lanchonete e a rodoviária, todos os lugares em que esteve nesse meio-tempo –, é aquela palavra que vêm à mente: rastrear.

Você pega a mochila, manuseando-a como se estivesse pegando fogo. Esvazia o conteúdo sobre a areia. Analisando tudo, separando as roupas, desdobrando o mapa, apertando-o, tentando descobrir se é possível conter algo. Você mexe em tudo, passando os dedos pelas notas, abrindo e fechando o canivete, verificando a lata de spray de pimenta.

Está prestes a deixar a ideia de lado quando nota o forro da mochila. Observa cada centímetro, pressionando os dedos contra o tecido. Por fim, enfiado atrás da etiqueta da marca, você encontra um quadrado de metal grosso. Com um corte de canivete, ele se solta, caindo em sua mão.

Você pode ouvir seus batimentos pulsando nos ouvidos, sua respiração está tão curta que chega a doer. É só um pouco menor do que a bateria de um celular. Parece um artefato de segurança, algo para evitar roubo.

Você olha para Ben, ainda dormindo na areia, protegido do vento que vem da água. Não pode fazer com que corra mais perigo. Você não vai fazer isso. Guarda tudo de volta na mochila e vai embora, subindo a escada íngreme de metal, observando-o conforme segue para o alto do penhasco. Quando chega lá em cima, passa pelo jipe e desce a estrada estreita que vai te levar de volta à Pacific Coast Highway.

“Ele sabia onde você estava”, pensa. “Ele sabe onde você está.” Você anda, anda. Se ele te seguiu antes, vai voltar, não vai? Quanto tempo vai demorar para ele aparecer novamente? É hora de conseguir algumas respostas da única pessoa que pode responder. Você vai ter que montar uma armadilha. Se o homem te seguiu duas vezes, vai seguir de novo.

Você continua andando no escuro, esperando a estrada se bifurcar à frente. Esperando para ver se o jipe de Ben vai passar. Ainda está esperando quando chega à estrada. Levanta o polegar e, depois de alguns minutos, uma senhora

para, oferecendo-se para te levar de volta pela costa.

CAPÍTULO QUINZE



O HOMEM ESTÁ ESPERANDO EM FRENTE AO abrigo para jovens há quase uma hora. O ar-condicionado está ligado no máximo, mas o carro ainda está quente. O gelo em seu copo derreteu, o refrigerante diet já está aguado. Ele olha para a foto no banco do passageiro. O garoto não deve ter mais de dezessete anos. A foto o pegou de perfil. O nariz parece já ter sido quebrado uma ou duas vezes. Tem uma tatuagem aparecendo perto do colarinho, o nome de alguém em letras estreitas.

É quase meio-dia. Ele tem certeza de que não viu o garoto entrar. A única chance é pegá-lo na saída. Seria mais fácil se pudesse simplesmente perguntar à pessoa que está cuidando das entradas, passar um dinheiro para quem está na recepção. Mas as instruções foram específicas. Estacionar aqui, esperar, abordá-lo depois que ele tiver caminhado um determinado número de quadras. O recrutamento está ficando mais detalhado conforme os meses passam. Ultimamente, mal pode piscar sem antes perguntar a alguém.

Ele abre o porta-luvas. Ao lado do bolo de dinheiro, há um saco de balas aberto. Maureen o mataria se soubesse. “Só uma?”, ela diria. “Quando na vida você comeu só uma?” Ele pega só uma do saquinho e dobra o plástico algumas vezes, como se aquilo o vedasse. Então enfia o saco de volta no porta-luvas, escondendo-o atrás do dinheiro. “Pronto”, ele pensa, fechando o compartimento. “Vou esquecer delas. Não vou pegar mais nenhuma.”

Mas, assim que mastiga a bala gelatinosa, deseja outra. Nem a engoliu ainda e já está abrindo o porta-luvas novamente. A única coisa que o impede é o telefone, aquela coisa idiota tocando no bolso da frente da camisa. O visor diz

BLOQUEADO, como a maioria das chamadas. Ele atende assim mesmo.

– Oi?

– Sou eu. Pergunta rápida.

Ivan nunca faz perguntas rápidas. Ele sempre precisa que alguém o acalme, que alguém o convença a não fazer bobagens. Está trabalhando para eles há apenas duas semanas e os telefonemas são constantes, esses pequenos pedidos de apoio.

– Que foi? Tô ocupado.

– O dispositivo de rastreamento não tá mais se movimentando.

– Onde está?

– Em um parque, há dois dias, não andou nem um metro e meio.

– E...? – Ele observa a porta do abrigo. Um cara baixinho com uma camiseta manchada sai, com uma sacola de lona nos ombros. Não é ele.

– O que eu faço? Já passei pra eles a segunda localização.

– Se tá preocupado, vá verificar. Enquanto isso, seria melhor passar uma atualização. – Dois outros caras saem, ficam um pouco na calçada, depois viram à direita. O garoto aparece atrás deles. Cabeça raspada. Uma blusa de moletom embolada debaixo do braço. Ele não nota o carro do outro lado da rua.

– O que isso quer dizer? Acha que aconteceu alguma coisa?

– Tá fazendo quase quarenta graus todos os dias desde a semana passada. Ela tá em um parque e não tá se movendo. O que acha que significa?

Ele não espera Ivan responder. Desliga, colocando o telefone no bolso de trás antes de sair do carro. Fica a dez metros do garoto, sorrindo porque sabe que parece mais amigável, mais acessível. Quer parecer uma pessoa confiável.

Mais duas quadras até abordá-lo. Ele seca o suor da testa, vira a esquina, longe do abrigo. Só mais duas quadras.

CAPÍTULO DEZESSEIS



FARÓIS. O LENTO RANGER DE PNEUS SOBRE o cascalho, depois o motor sendo desligado, deixando o bosque em silêncio. Quando o sol começou a se pôr, você fechou os olhos por apenas alguns minutos, e agora a mata está escura. Há um carro no estacionamento. A porta abre e fecha. Um homem digita algo no celular quando se encaminha para a trilha, seis metros adiante.

A lua está cheia e brilhante, facilitando a visualização da curva na trilha, onde você enterrou o dispositivo de rastreamento, bem embaixo de uma grande pedra quadrada. Está aqui há dois dias, escondida no meio dos galhos e das árvores. Deixou Ben sozinho na praia e sabe que ele deve estar preocupado, se perguntando o que aconteceu com você, onde você está. Mas não pode pensar nisso agora. Precisava fazer isso. Se o rastreador não está se movendo, você não está se movendo, e o homem finalmente veio descobrir o motivo.

Ele está olhando para cima, queixo virado em sua direção. O brilho azul fraco da tela do telefone iluminando o rosto. Você está empoleirada bem acima, atrás de galhos e arbustos espessos, a alguns metros de outra trilha estreita. Escondeu a mochila em uma vala ao seu lado, junto com o lixo dos últimos dias, garrafas de água vazias e embalagens de sanduíches que comprou na lanchonete do planetário do parque. Você remexe na parte de cima da mochila, procurando os lacres plásticos e a corda que encontrou em uma loja de artigos militares. Apalpa o bolso para garantir que o spray de pimenta ainda está lá. O canivete ainda está na sua cintura.

Ele caminha com o telefone na mão, olhando para a tela de vez em quando. Dá para ver o brilho, um fecho de luz vindo de baixo, movimentando-se de encontro a você. Você está logo acima, a não mais que cinco metros dele.

Ele desaparece e depois reaparece na curva. Está se movimentando na

direção do dispositivo quando tira um segundo telefone do bolso da calça. Está tocando. Ele atende.

– Estou aqui – ele diz – Ligo assim que tiver notícias.

Você reconhece a voz de algum lugar, não sabe dizer de onde. Será que ele estava em um de seus sonhos? Será que o conhece de antes? Você o observa dar a volta, com uma mão fechada em punho. A pessoa do outro lado da linha está dizendo alguma coisa. O homem fica abrindo e fechando a boca para responder, mas só consegue pronunciar uma série de “mas” e “sim, mas”, e nada mais.

Ele desliga, passando o dedo sobre o telefone, alternando o olhar entre a tela e a trilha. Está a poucos metros do dispositivo de rastreamento. Hesita e olha para os arbustos, usando o celular como lanterna.

Você sai do meio dos arbustos, andando pela trilha e se aproximando do homem. Ele está de costas para você, se embrenhando no mato. É mais magro do que você se lembra, e tem uma pele tão pálida que parece um fantasma à luz da lua. Ele está empurrando alguns galhos tão freneticamente, com um braço levantado para proteger o rosto, que você quase chega a ter pena. Parece diferente do outro homem que viu no estacionamento.

A cintura dele está vazia, não há nenhuma arma ou coldre e, até onde você pode ver, ele não leva nada além do telefone. Você agora está a apenas três metros de distância, tão perto que consegue ouvir a respiração dele. Está com o spray de pimenta na mão, dedo sobre a válvula. Quando ele dá mais um passo, você salta na direção dele. Ao se aproximar, de repente se dá conta do quanto é pequena – ele é uns trinta centímetros mais alto que você e, embora seja magro, movimenta-se com rapidez, virando antes que você chegue à metade do caminho.

Você dispara o spray de pimenta e um jato fino de líquido o atinge no nariz e na boca. O rosto dele fica tenso, as costas encurvadas, as mãos cobrem os olhos. À pouca luz, você pode ver o suor se formando na testa dele, correndo em filetes finos pelo rosto.

Quando tem certeza de que ele não pode te ver, você se aproxima, tirando um lacre plástico do bolso. Você o coloca em volta de um dos pulsos dele, enfia a outra mão dentro e aperta, até os dois pulsos ficarem presos juntos. Ele tenta correr, mas tropeça, batendo o queixo na terra.

Quando ele se vira, seu rosto está inchado e coberto de manchas, o spray deixou marcas vermelhas em sua pele.

– Achei que você estivesse morta – ele diz, deixando a cabeça cair sobre o declive rochoso. – Eu devia saber que era uma armadilha. Eles me disseram que

você era esperta.

– Eu te conheço – você diz, rapidamente percebendo por que reconheceu a voz dele. Era ele a pessoa que atendeu ao telefone. Que te disse para ir ao prédio de escritórios. – Você armou pra mim.

Você pega o canivete, pressionando-o na lateral da garganta dele. Você quer muito saber. Quer pelo menos fazer com que ele conte algo, qualquer coisa, que seja real.

– Quem é você? – você pergunta. – Por que a mulher estava tentando me matar? Por que ela foi atrás de mim?

É só quando a lâmina está perto do pescoço que ele fica tenso. Seus dedos apertam o cabo do canivete e uma voz familiar surge dentro de você. “Não. Não somos assassinos. Não somos como eles.”

As palavras estão tão presentes, são tão reais que você vira a cabeça, esperando ver o garoto do sonho. É como se ele estivesse atrás de você. Era a voz dele, você tem certeza disso, e fecha os olhos tentando evocá-la novamente. Alguns instantes se passam e você sabe que já se foi. *Ele* já se foi.

O homem olha para você, mal conseguindo abrir os olhos.

– Era eu. Nunca disse que não era.

– Mas por quê? Por que me disse pra ir até lá? O que aquela mulher queria de mim?

– Eu não sei – ele diz, ofegante, e só então você se dá conta de que mudou a mão de lugar. Seu pulso está apertando a traqueia dele. Você o solta, afastando-se um pouco.

Quando se vira novamente, ele parece assustado. As palavras pegam ritmo, uma puxando a outra.

– Uns caras me pagaram pra armar aquele esquema no escritório, mas fizeram isso por meio de outras pessoas. Deve ter umas quatro pessoas entre eles e eu. Nem conheço esses caras pelos primeiros nomes.

– Mas sabe seu próprio nome. Quem é você?

– Ivan. Ivan Petrovski.

– Explique – você exige. – Estou ouvindo.

– Há um mês, estava fazendo uns trabalhos esporádicos pra um cara. Ele era amigo de um cliente a quem ajudei a comprar uma casa. Sou corretor de imóveis. Ele me falou que o colega estava procurando alguém pra fazer outro serviço. Quinze mil dólares por um mês de trabalho. E envolvia colocar um dispositivo de rastreamento em alguém. Eu informaria o paradeiro dessa pessoa, e também faria outras coisas no começo e no final.

– Outras coisas no começo? – você pergunta. – Como dar a entender que eu roubei aquele lugar? Você *matou* uma pessoa.

– Não sei por que queriam a polícia atrás de você. Eles não me contaram. Só me falaram pra organizar tudo e que, assim que você sáisse da estação de metrô, eu deveria registrar os seus passos. Eles ligaram duas vezes perguntando sua localização.

– Quem são “eles”? Quem são as pessoas com quem você está falando?

– Recebo instruções específicas de alguém que recebe instruções de outra pessoa. Não sei exatamente... não tenho certeza de quem são eles – ele se move sobre a terra, tentando se sentar.

– Então você concordou em trabalhar pra eles sem fazer nenhuma pergunta? O homem dá de ombros, incerto.

– Eu precisava do dinheiro e, depois que entrei, não consegui sair. Mas não sou má pessoa. Quando vi que ela ia te matar, eu a impedi. Eu te salvei.

– Quem era ela? Eu fiz algo a ela? Ela me conhece?

– Não sei quem ela era. Nunca tinha visto aquela mulher.

– Se você não a conhece, por que atirou nela? Por que não atirou em mim?

O homem fecha bem os olhos.

– Não pretendia fazer isso. Não sabia o que ia acontecer. Tinha passado a informação sobre a rodoviária e depois te segui, mas não era pra eu fazer isso. Fiz tudo o que pediram durante semanas e estava começando a sentir... apenas tive um pressentimento de que alguma coisa ia acontecer, e queria saber o que era, por que estava sendo pago. Então me dei conta de que ela ia te matar. E algo dentro de mim... sei lá. Você é só uma menina. Tenho uma filha um pouco mais nova que você. Tinha uma arma no carro... simplesmente atirei.

– E o que vai acontecer agora? Eles estão atrás de você?

Ele fica sacudindo a cabeça e você nota pela primeira vez a cicatriz onde devia estar sua orelha direita.

– Eu falei pra eles que você a matou... tive que falar...

– Por quê? Por que você fez isso? – Sua voz é instável ao dizer isso. Toda a incerteza retorna. Se a queriam morta antes, o que vai acontecer agora? O que vão fazer agora que pensam que matou um deles?

Ele não responde. É difícil dizer se sabe mais do que está dizendo, mas não há motivo para ficar aqui, ouvindo o que ele diz, tentando decifrar o que é ou não verdade. Você se ajoelha, tirando o telefone e as chaves do carro do bolso dele.

O telefone é barato e descartável, tão frágil que parece que pode quebrá-lo ao meio. Você entra no histórico, consultando a lista de chamadas recentes. A

maior parte da lista está bloqueada, mas bem abaixo há um número. Você aperta o botão, fazendo a ligação.

– O que está fazendo? – Ivan pergunta, te observando, juntando as sobrancelhas de preocupação.

Você vira de costas para ele, aproximando o telefone do ouvido, que chama duas vezes.

– Imobiliária Esposito – um homem diz.

Você demora um instante para responder. São quase 21 horas, é até mais tarde na Costa Leste. Todos os estabelecimentos comerciais normais deveriam estar fechados.

– Estou com o Ivan – você afirma.

– Onde você está?

– Desligue o telefone! – Ivan grita atrás de você. Você se vira e ele está tentando soltar as mãos, a expressão em seu rosto é desvairada. – Eles sabem que estou aqui.

Você olha para o celular, os números cronometrando o tempo. Sem pensar, aperta ENCERRAR CHAMADA, deixando a tela ficar preta.

– Você não devia ter ligado pra eles! – Ivan berra. Ele tenta se levantar, mas tem dificuldade com o solo irregular, com as mãos ainda amarradas atrás das costas.

– Agora eles sabem que você sabe, vão chegar aqui e matar nós dois. – Ele olha para o estacionamento. – Temos que ir embora. Logo devem chegar. – Ele sai pela trilha à sua frente. Tenta correr, mas é difícil. Os ombros se curvam para frente e ele fica puxando os braços, mas, com a cabeça abaixada, acaba tropeçando.

Você fica lá parada, olhando para o parque. A mata está escura. Mal dá para notar, a princípio. As luzes iluminam alguns caminhos estreitos, os galhos e árvores bloqueiam sua visão. Mas logo vê o brilho dos faróis. A Mercedes preta chega ao estacionamento abaixo e para bem ao lado do carro vazio de Ivan.

– São eles! – Ivan grita. – Deixe os dois telefones aqui. Aquele tem GPS embutido.

Há uma passagem íngreme na trilha, à sua direita. Você joga os telefones nos arbustos e corre, sabendo que, se conseguir subir por aquele caminho, pode voltar ao observatório. Há mais carros lá, mais gente.

Está quase chegando quando nota Ivan, uma silhueta dobrada perto da beirada do penhasco. Ele está ajoelhado na terra, contorcendo-se, lutando contra as amarras, tentando se soltar. Você está prestes a deixá-lo para trás, já no fim do

caminho, quando para. Como pode largá-lo desse jeito? Se o que ele disse é verdade, como você pode ir, sabendo que ele será morto?

– Por favor! – ele diz – Não tenho a mínima chance. – Ele está observando o carro lá embaixo. Dois homens saíram. Eles abrem a porta do carro de Ivan, depois o porta-malas, fazendo uma busca.

Você tira o canivete da cintura e segue na direção dele, cortando o lacre de plástico que prende seus pulsos. Ele fecha bem as mãos, depois abre, tentando fazer a circulação voltar aos dedos. Quando olha para você, está com os olhos molhados.

Ambos saem correndo, seguindo em direções diferentes. As pedras são mais difíceis de escalar no escuro. Enquanto se agarra no declive à sua frente, fincando a ponta dos pés na terra, vê Ivan de canto de olho. Ele corre pelas trilhas laterais, para longe do dispositivo, dando a volta até chegar a outra estrada. Ele não conhece essa parte do parque como você. Nunca esteve aqui antes. Você quer gritar e alertá-lo, mas ele já desapareceu depois da curva. Já está voltando para o estacionamento, na direção de um dos homens.

Você sobe mais rápido, fazendo força na subida íngreme. As palmas de suas mãos estão rachadas e sangrando, e você só consegue ver os corrimãos, um ou outro apoio para os pés. Quando finalmente chega ao alto, o caminho dá para outra trilha, dessa vez serpenteando na direção do planetário. Só então você olha para baixo.

Lanternas cortam a escuridão, revelando onde cada um dos homens está. Um já chegou ao dispositivo. O outro espera no estacionamento. Ouve-se um grito alto e abafado. Então a lanterna cai. Uma figura corre atrás das árvores.

– Achei! – um homem grita para o outro. – Ele está aqui.

De onde você está, pode ver o rosto do outro homem. Está usando um boné preto que cobre os olhos. Ele se ajoelha na terra, cavando embaixo da pedra até encontrar o dispositivo metálico de rastreamento.

Observa a borda do penhasco, virando o dispositivo na mão.

CAPÍTULO DEZESETE



ESTÁ TUDO ESCURO. A LANTERNA FAZ UMA varredura pela ribanceira, procurando por você. Ao se aproximar, você se aperta junto ao tronco da árvore. Os feixes de luz se demoram sobre uma área de arbustos a três metros de distância. Depois desaparecem. Você ouve os passos se afastando. Quando sobra apenas o silêncio, finalmente se movimenta.

A mata parece segura. Seu corpo demonstra saber exatamente como negociar com o solo irregular, evitando raízes, desviando de galhos baixos. Você pega uma trilha escondida na lateral do penhasco, permanecendo no meio da vegetação, perto do limite do estacionamento. Está vazio, à exceção dos dois carros. A luz do interior da Mercedes está acesa, a porta aberta.

O homem de boné volta para o carro, sacudindo a cabeça.

– Ela sumiu. Nem sinal das chaves. Teremos que voltar depois pra pegar o carro.

Ele entra do lado do passageiro. Ivan se senta bem atrás dele, cabeça baixa, ombros inclinados para frente. Ele seca o suor da testa e você nota pela primeira vez que amarraram as mãos dele com uma corda.

Os faróis acendem. O motor está ligado. O carro parte e você se dá conta de tudo o que está indo junto com eles: qualquer chance de entender, de saber a verdade. Você pega as chaves no bolso. Precisa segui-los. Assim que a Mercedes sai do estacionamento, você corre, parando apenas quando chega ao carro de Ivan.

O lado de dentro cheira a água sanitária. O porta-luvas está aberto e seu interior foi esvaziado. Não há nada no piso ou no banco do passageiro. Você demora alguns segundos para entender qual chave é a de ignição, mas, assim que consegue, seus movimentos são automáticos, o pé vai para o freio, a mão engata

a marcha. Você deixa os faróis desligados e segue em frente, descendo a colina, quase sem usar a gasolina.

Você fica bem para trás, esperando até eles estarem fora de seu campo de visão para virar à direita atrás da Mercedes. A rua está vazia, exceto por alguns carros. Você segue uma picape que anda devagar pela pista da direita, movendo-se só quando ela se movimenta, agora apenas um pouco para trás.

A avenida continua por mais dois ou três quilômetros, e a Mercedes desaparece por alguns minutos. Você faz uma lista mental dos lugares por onde passa: o restaurante tailandês com uma flor de lótus na placa, o hotel cinza e rosa, o túnel e os dois postos de gasolina, um de frente para o outro. Diz em voz alta o nome das ruas que cruza, repetindo-as enquanto dirige sob as placas, esperando manter um registro mental de onde está indo. “Western, Gower, Highland, La Brea.” Só quando há uma subida na avenida você volta a ver o carro preto. Ele vira à esquerda na direção de um prédio baixo, com várias janelas protegidas com grades.

Quase ao mesmo tempo que faz a curva, o carro encosta do lado direito da estrada, na frente da casa. Você segue até o próximo semáforo, dando a volta no quarteirão para se aproximar a partir de outra direção. Em um minuto, você surge na outra esquina da rua, faróis ainda apagados, diminuindo a velocidade e parando quando o carro dele fica visível.

De onde estacionou, você consegue ver a Mercedes adiante. Os homens não te veem. Estão ocupados demais puxando Ivan do banco de trás.

Você corta pelo gramado dos vizinhos quando eles entram e desaparecem. Parte da casa está coberta com lona. Você escala a grade, dando a volta pelo quintal de cimento.

Ao chegar aos fundos da casa, vê apenas uma janela iluminada. Está tão suja que é preciso limpar uma parte dela para poder ver. Ivan está lá com os dois homens. A casa está praticamente vazia, a entrada está cheia de material de construção, e as escadas e a lona levam o logotipo da Parillo Construções. Há várias mesas na sala de jantar. Papéis cobrem todas as superfícies. Pastas de arquivo de papelão se acumulam perto da porta. Um mapa de Los Angeles ocupa uma parede, repleto de tachinhas vermelhas. Outra parede está coberta com uma dúzia de fotos. De seu ângulo de visão, consegue ver apenas umas três: um falcão, uma cobra, um tubarão. Cada uma com o nome de uma cidade: Nova York, Los Angeles, Miami. Você tenta ver melhor, mas a única outra janela fica no segundo andar, alto demais para alcançar.

O homem de boné preto se apoia sobre uma das mesas, com os olhos fixos

em Ivan.

– Ouvi dizer que teve uns dias movimentados.

Ivan segura a amarra que envolve seus pulsos, passando os dedos pela corda.

– Eu já disse tudo o que sabia sobre o assassinato. Eu vi a menina atirar na mulher, e depois sair correndo. Eu me livrei do corpo. Foi isso.

– O que eu não consigo entender é por que você estava lá quando aconteceu – o homem continua falando. – É uma coincidência engraçada você, por acaso, estar verificando o dispositivo de rastreamento quando ela foi morta. Sorte nossa, acho.

Ivan fica ali parado, concordando com a cabeça, sabendo que ainda não é sua vez de falar. A pele dele já está úmida de suor. Há círculos molhados debaixo dos braços. O homem olha de soslaio para o amigo, como se avaliasse a reação de Ivan.

– E agora isso. Você nos dá a localização dela, aparece lá, depois recebemos uma ligação da garota feita do seu telefone. O que devemos pensar disso? Quero dizer... está há menos de um mês trabalhando pra nós e já está fazendo merda.

– Fazendo merda é pouco – afirma o outro homem.

Faz-se uma longa pausa. Finalmente, Ivan fala:

– Não foi culpa minha. Ela sabia que eu iria, então deixou o dispositivo ali por alguns dias e ficou me esperando. Queria saber sobre o escritório, sobre o que aconteceu lá. Perguntou sobre a mulher que foi atrás dela. Mas eu não contei nada. Não contei. Juro! – A voz dele é tensa, as palavras saem apressadas. Conforme olha para os homens, um filete fino de suor desce pela lateral de seu rosto.

O homem de boné preto acena com a cabeça, ouvindo. Então dá um passo à frente. Ele se abaixa, de modo que seu rosto fica na mesma altura do rosto de Ivan. Está a apenas quinze centímetros de distância, tão perto que parece uma ameaça.

– Diga exatamente o que contou a ela. Quero saber cada palavra.

– Eu não contei nada... – Ivan passa os olhos pela sala ao falar, olhando para os outros homens, elevando a voz em pânico. – Ela já sabia... já sabia sobre o rastreador, sobre a armação. Sabia tudo.

– Ela sabia sobre a ilha? – ele questiona.

– Que ilha? – Ivan pergunta, confuso.

O homem pergunta com tanta naturalidade que você fica pensando se ouviu mesmo direito. Não tinha como saber onde ficava a floresta que apareceu em seus sonhos, mas volta a se lembrar dela. As viçosas árvores tropicais. Os galhos

e a vegetação rasteira. O ar denso e úmido. Será que era uma ilha? Quanto tempo ficou lá? O garoto do sonho era real? E, caso seja, ainda está lá, em algum lugar?

– Última chance. Você não tem mais nada a dizer sobre o que aconteceu com a cliente? – o homem pergunta. – Nada pra confessar? Alguns de nossos outros clientes estão fazendo perguntas. Nós dissemos que a garota fez aquilo, que tudo não passou de um acidente infeliz que esperamos evitar no futuro. Mas ela nunca matou antes. Eles podem não saber disso, mas nós sabemos.

Agachada perto da janela, você tenta compreender – como eles te rastreavam apenas em momentos específicos, como te queriam morta. Quem são os clientes? A mulher que te perseguiu era um deles? E o que ele quis dizer ao afirmar que você nunca matou antes? Como sabem?

– Estou dizendo a verdade – Ivan alega. – Juro que não contei nada pra ela...

O primeiro golpe vem do outro homem. Ele estava tão quieto que você mal o notou, mas ele avança sobre Ivan, acertando-o na lateral do rosto, bem abaixo do olho. Ivan se curva, levantando as mãos para cobrir a face, mas o homem se aproxima, acertando-o novamente.

Há sangue no punho do homem. Você se contrai ao olhar para Ivan, ao ver como ele parece pequeno no chão, todo encolhido. O homem chuta as costelas dele. Depois pega a corda que amarra as mãos de Ivan, puxando-o até ele ficar em pé.

O nariz dele está sangrando, o rosto está inchado, há um corte bem abaixo do olho direito. O homem de boné se aproxima novamente, abaixando-se para falar.

– Pra onde ela foi quando saiu do parque? Ainda está lá?

– Ela foi na direção sul – Ivan diz. Da última vez que o viu, vocês seguiam para o norte, pela trilha, não havia como confundir. Ele está mentindo por você. Está tentando te ajudar a escapar. – Ela estava indo na direção de Hollywood, talvez voltando pra rodoviária. Eu não sei. Ela só largou o telefone e saiu correndo.

– Só temos duas localizações pra ela: a rodoviária e o parque. Onde ela esteve nos últimos dias? Diga e nós paramos.

Todo o seu corpo fica rígido, com medo do que Ivan vai dizer. Será que ele estava acompanhando o rastreador quando você estava na casa do Ben? Imagina Ben lá, sozinho, quando o carro para do lado de fora. Imagina-o vendo os dois homens na varanda da frente. Foi burrice achar que, de alguma forma, você poderia protegê-lo. Você nem sabe quem eles são.

Você aperta as chaves na mão. Poderia chegar ao carro em menos de um

minuto. Poderia chegar à casa de Ben em menos de vinte. Poderia tentar chegar lá antes.

Mas Ivan apenas repete a história, falando em voz baixa e firme.

– Eu não sei. Não anotei todas as localizações. Eu já disse, estava por perto quando vi no dispositivo que ela estava na estrada e fui dar uma conferida. Eu a vi matando a mulher, liguei avisando e limpei tudo, como você me mandou fazer. Depois ela foi pro parque, e ficou por lá desde então. O dispositivo não saiu do lugar por dias. Foi só por isso que fui até lá, juro. Não estou ajudando a garota – ele conclui.

Os golpes seguintes são mais barulhentos. O homem solta a mão de Ivan e o atinge várias vezes, em uma rápida sucessão de pancadas. Ele tenta proteger o rosto, mas já tem sangue escorrendo por seus dedos. Os socos continuam até o homem de boné preto levantar a mão, como se dissesse “basta”.

– Não posso confiar em você – diz o homem de boné. – E, se não posso confiar em você, não posso usar você.

O outro homem agarra Ivan pelas mãos, arrastando-o até a frente da casa. O homem de boné vai atrás. Você pressiona o corpo na lateral da casa, abaixando-se, escondendo-se.

Ivan teve acesso ao rastreador o tempo todo. Ele devia saber que você estava na casa do Ben. Tinha todas as informações: o hotel em que ficou, a lanchonete, a praia. Optou por te proteger. E agora, o que vai acontecer com ele?

Você ouve a porta abrir e fechar, os passos deles dando a volta na casa. Eles entram no carro. Ligam o motor. Você não sabe para onde o estão levando, mas não pode deixar que o machuquem, não depois do que fez por você.

O carro sai. Você conta até trinta de trás para frente, esperando para se mover quando já estiverem no fim da rua. Então pula a cerca, correndo pelos jardins dos vizinhos, parando apenas ao chegar ao carro de Ivan. Começa a seguir a Mercedes. Passa a primeira esquina, depois a seguinte, observando as ruas laterais em busca de algum sinal deles. Mas há apenas um táxi solitário e as placas de neon das lojas.

Eles já foram.

CAPÍTULO DEZOITO



VOCÊ SOBE A TRILHA, PRESTANDO ATENÇÃO NO declive escuro, procurando a mochila. Foi arriscado voltar para buscá-la, mas sem ela você não tem nada. Verificou mais de uma vez a rota, pegando um dos caminhos de cima, sob o letreiro de Hollywood, para garantir que não foi seguida. Parou o carro várias quadras antes da entrada. Agora, está descendo até o local atrás dos arbustos e desenterra a mochila. O tubo de spray de pimenta está vazio. O canivete caiu pela ribanceira enquanto você fugia, mas não é possível encontrá-lo no escuro.

Você volta ao carro e entra, ouvindo o som de suas respirações. O relógio marca 21h38. Você tira o bloco de notas do bolso de trás e escreve:

- A mulher que tentou me matar era cliente de algum tipo de organização
- Ivan conheceu essas pessoas por meio de um homem para quem estava trabalhando
- Sobre os homens:
 - um era magro, usava boné preto, barba rala, 1,90-1,95 m
 - um era atarracado, mais baixo (1,75 m?)
- A casa que usavam como centro de operações ficava perto da Hollywood Boulevard
- Mapa e três fotos na parede: um falcão, uma cobra, um tubarão (codinomes? alguma relação com minha tatuagem?)

- Os homens citaram uma ilha

Quando você fecha os olhos, não consegue ver o homem de boné preto, não consegue distinguir seus traços. O outro homem está ainda mais indistinto. Talvez estivesse usando uma camisa azul, talvez fosse preta. Você saiu tão rápido que não viu o nome da rua. Não olhou o número da casa e a Mercedes não tinha placa. Mas o que disseram... aquelas palavras ainda estavam claras. “Ela sabia sobre a ilha?”

Ao guardar o bloco, nota um pequeno quadrado de papel no console central, bem abaixo do freio de mão. Você o vira. É uma foto de Ivan e sua filha, que não deve ter mais de 14 anos. Eles têm os mesmos olhos azuis, o mesmo maxilar quadrado e nariz anguloso. O braço dele está em volta do ombro dela. Sorrindo, ele parece outra pessoa. Só de olhar, seu corpo fica gelado e seu coração, tenso. Para onde o levaram? O que está acontecendo com ele neste momento?

Você liga o motor e dirige, pensando em seus próximos passos. Terá que deixar o carro em algum lugar, mas e depois? É arriscado demais voltar ao centro de operações, mesmo se pudesse encontrá-lo no escuro. Você não sabe se é seguro ir até a casa do Ben. Os homens pareciam ter informações limitadas a respeito de seu paradeiro, e Ivan não contou tudo a eles, mas ainda não tem certeza. Você ouve o som abafado do ar passando pelas aberturas de ventilação, e pensa nas palavras de Ivan. Por que colocaram um rastreador em você e só solicitaram sua localização duas vezes?

Você dirige por quinze minutos. O trânsito na Venice Boulevard se arrasta. Carros avançam, diminuem a velocidade, aceleram. De repente, um lampejo de faróis reflete em seu retrovisor, te deixando cega. Um carro preto está bem atrás de você. Você faz uma curva. Ele segue. Você faz outra curva, ele segue novamente.

Observa o hodômetro mudar, contando os quilômetros. O carro ainda está visível em seu retrovisor, mesmo depois de trocar de faixa várias vezes, mesmo mudando sua rota, tentando despistá-lo. Será que está atrás de você desde o parque?

Não deve ser nada, provavelmente alguém ansioso para voltar para casa, mas você precisa ter certeza. Adiante, há um posto de gasolina com algumas lanchonetes ao lado. Você para no canto do estacionamento e espera um minuto antes de sair do carro. Pega a mochila, guarda a fotografia no bolso, e entra.

O ar cheira a frango frito. Algumas pessoas aguardam na fila da máquina de refrigerante. Outras se reúnem sobre bandejas, devorando as últimas batatas

fritas e anéis de cebola empanados. Há câmeras de segurança na entrada. Você as evita, olhando para baixo, seguindo na direção do banheiro.

Há quatro cabines e você passa na frente de cada uma, empurrando a porta para garantir que não tem ninguém. Abre a torneira, deixando a água escorrer até ficar bem fria. A sensação da água no rosto é agradável, um fluxo pungente que te acorda. Olhando no espelho, você começa a se sentir normal.

Vai até a última cabine, tirando a camiseta e virando-a do avesso, sem mostrar a estampa. Faz uma trança de um lado da cabeça, cuidando para cobrir a cicatriz. A câmera de segurança já te viu uma vez. Dessa vez, vai andar na direção oposta, cortando pela saída lateral para que não haja registro claro de sua partida.

Está prestes a ir embora quando a porta do banheiro se abre. Pela fresta na cabine, você vê um homem de chapéu e óculos escuros. Ele entra e tranca a porta, te prendendo lá dentro. Ele tem uma arma na mão.

Você levanta os pés imediatamente, um de cada lado da tampa do vaso sanitário, tentando se esconder da melhor forma possível.

Ele faz uma pausa, olhando para a fileira de cabines. Usa uma camiseta cinza e você fica surpresa ao ver o quanto é comum, normal. Você silencia a respiração. Leva a mão à cintura em busca do canivete, esquecendo-se de que o perdeu.

Ele se movimenta lenta e metodicamente. Encosta a palma da mão na primeira porta e a abre. Vai até a porta seguinte e faz o mesmo. Com apenas uma porta faltando, você sabe que ele logo estará na sua frente.

Não há saída. Nenhuma abertura de ventilação no alto, nenhum modo de passar por baixo da cabine sem ser vista. Você mantém uma mão na porta, segurando-a, esperando.

Mal consegue ouvir os passos dele. Você vê as botas, o couro preto polido refletindo a luz conforme ele se aproxima. Respira fundo, depois mais uma vez, preparando-se para lutar.

– Por que isso tá trancado? Quem tá aqui dentro? – pergunta uma voz. Alguém bate na porta, a tranca chacoalha.

O homem dá meia-volta, olhando fixamente para a porta do banheiro para ver se vai abrir. Você vê a tranca girando, prestes a destrancar. O homem dispara para a última cabine. Está quase chegando até você quando a porta se abre.

Um homem de macacão cinza entra e uma senhora vem atrás.

– Que raios está acontecendo aqui? – ele pergunta, olhando para o homem de chapéu. A arma de seu perseguidor desapareceu atrás das costas.

É a sua chance. Você abre o trinco e sai da cabine.

– Ele me seguiu até aqui – você diz, fingindo secar lágrimas. – Trancou a porta e não queria me deixar sair.

Você não espera para ouvir a resposta do zelador. Nem se vira para ver o rosto do homem.

Apenas sai correndo.

CAPÍTULO DEZENOVE



DEPOIS DE VINTE MINUTOS, COM OS BRAÇOS tremendo, coração regulado no peito, você finalmente diminui a velocidade e começa a caminhar. O homem não te seguiu ao sair do restaurante. Provavelmente teve que ficar e responder algumas perguntas... talvez tenham até chamado a polícia. Você não podia arriscar ficar lá para ver. Correu o máximo que suas pernas aguentavam, certificando-se de que o tinha despistado.

Você revira tudo na mente. O homem foi atrás de você, seguindo o carro por quilômetros, provavelmente desde o parque. Quem é ele? Qual a relação dele com os que interrogaram Ivan? Você tem certeza de que não era nenhum deles. Esse homem tinha ombros largos e corpo atlético, era mais alto do que um e mais baixo do que o outro. Você nunca tinha visto o carro. No lugar da placa, tinha apenas uma tira de papel, uma propaganda reluzente da Calabças BMW.

Ivan disse que eles pediram sua localização duas vezes. A primeira vez foi na rodoviária, a segunda no parque. O homem, assim como a mulher, te seguiu e tentou te matar. Mas por quê? O que eles têm em comum? Quem você é para eles?

Está tão pensativa que quase deixa passar. Está parada sob um toldo que diz LOJA DE BEBIDAS, olhando fixamente para a vitrine, para uma garrafa verde cheia de líquido escuro. É o rótulo que chama sua atenção. Há algo escrito e, acima da inscrição, um cervo com uma cruz no meio dos chifres.

É a mesma imagem que estava no medalhão da mulher.

Você abre a porta e encontra o atendente, lembrando de sorrir no último segundo. Ele levanta os olhos e retribui o sorriso. Tem trinta e poucos anos, usa óculos com armação preta e grossa e camiseta *vintage*. O laptop está aberto. Ele parece passar a maior parte do tempo atrás do balcão.

– Aquela garrafa ali – você diz, apontando para a que está na vitrine. – O que é?

– Minha sanidade – ele responde com um sorrisinho.

Você se lembra de rir um segundo tarde demais.

– O Jägermeister – você esclarece, lendo o nome. – Sabe alguma coisa sobre o rótulo, o que significa aquele símbolo?

– Finalmente – ele diz com um sorriso – uma pergunta de verdade.

Ele faz uma busca rápida e vira o laptop para você, para que possa ver com seus próprios olhos. Você lê rapidamente o trecho: “As garrafas exibem uma cruz cristã brilhante no meio dos chifres de um veado. A imagem faz referência aos dois santos padroeiros dos caçadores, Santo Huberto e Santo Eustáquio”.

Você levanta os olhos e acena com a cabeça, mas seu corpo todo está tremendo. Consegue agradecer rapidamente e sai. Ele ainda está sorrindo, ainda está perguntando se você quer uma garrafa, oferecendo um curioso “desconto de cliente”. Mas seus pulmões estão apertados, a respiração tão curta que chega a doer.

Você caminha rapidamente, esperando que o movimento te estabilize. É estranho que eles queiram pistas de seu paradeiro e de onde vai estar, mas não acessem o rastreador o tempo todo. Isso faria com que fosse mais desafiador te encontrar... te caçar.

O homem e a mulher não te conhecem e não têm motivo para te querer morta. São caçadores, você é a presa. É um alvo no elaborado jogo deles.

Você se senta na beirada da calçada, sentindo o estômago revirar, repassando tudo o que aconteceu desde que acordou. O modo como os homens se referiam a seus “clientes”. Como a mulher te seguiu sob a estrada, esperando até você estar sozinha na viela para tentar te matar.

Ivan estava falando a verdade. Ele fazia parte disso, mas nunca te desejou morta. Estava te rastreando para eles. Ele usou o roubo para te manter longe da polícia. Estabeleceu as interações duas vezes: primeiro, entre você e a mulher e, depois, fornecendo sua localização no parque. O homem deve ter te seguido desde lá. Está atrás de você agora... ainda está te caçando.

Você tira a foto de Ivan do bolso de trás, desejando que esteja vivo, que esteja em algum lugar.

Alguns minutos se passam em silêncio. Finalmente, você levanta os olhos. Do outro lado da rua, há um carro de polícia com as luzes apagadas. O policial não te vê. Ao mesmo tempo que segue na direção dele, você limpa a sujeira dos joelhos e ajeita os cabelos, sabendo que é inútil. Sua aparência é equivalente a

como se sente: cansada, abatida, meio morta.

Você mantém a mão na foto, passando o dedo sobre a superfície brilhante. Quando está quase chegando ao estacionamento, o policial levanta a cabeça. Ele fica te encarando, apertando os olhos como se não tivesse certeza do que vê. Então você agita o braço de um lado para o outro, fazendo sinal para ele.

– Aqui – você diz, mas sua voz parece bem diferente. Baixa e falha. Praticamente um suspiro. – Preciso de ajuda. Por favor.

CAPÍTULO VINTE



– FOI À TARDE – VOCÊ DIZ. – Não sei a hora exata em que acordei, mas ainda estava claro quando saí da estação.

– O informe da estação de metrô diz que foi um pouco antes das três da tarde.

O investigador tem barba e bigode grisalhos. Com a camisa verde lisa e calças cinza, ele poderia ser avô de alguém. Ele não bate na mesa. Nem ao menos levanta a voz.

Pelo contrário, ele faz perguntas específicas, com muita calma. Está sendo assim há horas. Ele anota tudo o que você diz em um bloco de notas amarelo. Não para de escrever, virando a página, escrevendo mais. Tem uma câmera no canto e você sente que estão te observando, que, em algum lugar, vários policiais estão assistindo, esperando ouvir mais da menina que roubou o escritório no centro.

– Devemos ter mais respostas depois que você for internada no hospital, mas, pelo que entendi, você não teve nenhum *flashback*? Nenhuma lembrança que pareça pertencer aos dias anteriores ao que você acordou no metrô?

– Tem umas coisas... mas eu não sei o que são. Não sei se significam algo.

– Que tipo de coisas?

– Um funeral. Tive uns vislumbres... durou só alguns segundos.

– Funeral de quem?

– Na verdade, não sei. Eu só estava passando por um caixão e tive a sensação de que alguém que conhecia tinha morrido. Só isso. Quase nem conta.

O homem acena com a cabeça. Eles pegaram sua mochila quando você

chegou e ainda não tinham devolvido. Você repassa mentalmente todo o conteúdo, esperando que tudo confirme sua história, que tudo, em algum momento, possa ser explicado. Contou a eles sobre a perda de memória, sobre Ivan, sobre terem armado para você, o roubo que encenaram no centro, a mulher que ele matou. Os homens, a casa, o fato de terem levado Ivan para algum lugar. Todas as vezes que perguntaram o motivo, do que se tratava tudo isso, você hesitou. Sentia as palavras nos lábios... *estou sendo caçada*... mas não conseguia dizer em voz alta. Não quer que desconsiderem tudo o que disse antes. Precisa que acreditem em você, que escutem.

– O homem, o que disse que se chamava Ivan? Você teve alguma lembrança ou *flashback* dele ou da mulher que ele matou?

– Não – você responde. – Nenhum. Vocês descobriram algo sobre o carro dele? Ainda estava onde eu o deixei?

– Estava, um policial o encontrou há uma hora. Não tinha nada dentro.

– Dá pra rastrear?

– O número do chassi estava raspado. O carro estava completamente limpo: nada na parte interna das portas, no motor, na coluna de direção. Achamos que ele foi roubado há um bom tempo. Estão verificando o porta-malas, mas até agora nada.

Ele junta uns papéis, como se estivesse se preparando para sair. Você respira fundo. Sabe que chegou a hora, que precisa contar agora.

– Tem mais uma coisa. – Você cruza as mãos, apertando até cortar a circulação. – Os homens que estavam naquela casa, os que levaram o Ivan... ele trabalhava para eles, e estava seguindo o rastreador, mas acho que não é só isso. Acho que era tudo parte de um jogo.

– Como assim, “um jogo”? – O homem para de escrever e passa a te observar com atenção.

– A mulher que foi baleada... antes de morrer, ela tentou me matar. E eu não consegui entender por que ela estava me seguindo. Mas, depois, quando saí do parque, outro homem veio atrás de mim. Um homem que eu nunca tinha visto. Ele também estava armado. Ele me encurralou em um banheiro, mas eu escapei.

– E você acha que eles estavam participando de um jogo? – diz o homem, quase gargalhando.

– Sei o que parece – você diz. – Mas é a única coisa que faz sentido pra mim no momento. O Ivan não sabia o que realmente estava acontecendo e, assim que começou a entender, assim que tentou me ajudar, eles se viraram contra ele. Sei

que ele armou pra mim, mas está correndo muito mais perigo do que eu. Independentemente de para onde o levaram, do que fez, ele precisa de ajuda também.

– Nós vamos tentar – o homem diz – Mas, me explica uma coisa... por que essas pessoas arrumariam tantos problemas por um jogo?

– Não é um jogo... é uma caçada. Acho que eles estão me caçando.

– Eles estão te caçando? Agora não estou conseguindo acompanhar.

– Por favor, apenas escute... – Você tenta manter a voz firme, mas a garganta está apertada. Não pode parecer insegura. Não pode parecer desesperada. – Acho que sou um alvo. Tipo... uma presa. Acho que me largaram no meio de Los Angeles e armaram o roubo pra eu não poder procurar a polícia, nem mesmo depois que uma mulher foi atrás de mim com uma arma. Acho que o Ivan me rastreou e forneceu minha localização pros dois caçadores, primeiro a mulher, depois o outro que foi atrás de mim hoje. Não era pro Ivan matar a mulher, isso não fazia parte do plano. Foi quando ela tentou me matar que ele entendeu do que se tratava o jogo. Ele tentou impedir.

O investigador permanece em silêncio. Você tem a sensação de que todo o ar saiu da sala. Ele volta a colocar a caneta sobre o papel, rabiscando mais algumas linhas que você não consegue decifrar.

Você continua, explicando tudo: o medalhão da mulher, o homem que te perseguiu, o mapa e os símbolos na parede da casa. Você menciona a ilha, mesmo sendo impossível ter certeza do que significa. Os homens fizeram referência a seus clientes. E agora, o serviço que fornecem faz sentido o: eles vendem entrada para o jogo de maior risco.

O investigador escreve tudo, às vezes interrompendo com perguntas para esclarecer algum ponto. Você perde a noção do tempo, mas continua, não querendo deixar nada de fora. Finalmente, tira o bloco de notas do bolso de trás, virando as páginas para mostrar os detalhes que anotou. Você sabe como deve parecer estranho para alguém de fora. Mas, no momento, não importa. A verdade é tudo o que te resta.

O investigador está fazendo as últimas anotações quando uma mulher entra. Ela coloca dois pedaços de papel do outro lado da mesa, onde você não pode ver. Aponta para alguma coisa escrita, e logo sai. Nem olha para você.

O investigador – o nome dele era Powers? ou Paulson? – observa o papel e o vira para o outro lado.

– Obrigada por ser tão meticulosa. Quer incluir mais alguma coisa antes de encerrarmos?

As paredes da sala são cobertas com algum tipo de material acolchoado à prova de som. De repente, você se sente presa, fechada. Foi bom dizer tudo em voz alta, como se confirmasse que essas coisas realmente aconteceram. E você fez o possível para incluir tudo – tudinho –, mas agora está convencida de que deixou passar alguma coisa, que tem algo específico naquela folha de papel que você não compartilhou, e ele está te testando.

– Acho que isso é tudo.

Ele guarda um papel no bolso e mostra o outro. “Ben”, está escrito. E o número. É o recibo do dia em que se conheceram.

– E quem é Ben? Você não falou dele.

Você tenta conter sua expressão, tenta não prender a respiração.

– Eu não falei dele... porque não o conheço.

– Você não conhece essa pessoa? Então por que tem esse número de telefone?

É possível que já tenham ligado para ele. Mas você arrisca. Não são nem seis da manhã e você duvida que ele esteja acordado, embora não seja impossível. Ele pode ter achado que era você. Pode ter atendido só para ver se era você.

– Foi só um cara que conheci no supermercado. Ele tentou me chamar pra sair.

– Por que guardou o telefone dele?

– Eu nem me dei conta disso...

Você espera um pouco, sabendo que não está dizendo toda a verdade se não incluir Ben, mas ninguém – nem mesmo a polícia – pode saber que ele te ajudou. Ele tem que permanecer afastado de tudo. A noite na praia... a festa... aquele beijo. Você tem que manter tudo isso longe da noite de hoje, de Ivan e dos homens e dessa delegacia de polícia, dessa sala apertada com luzes fortes e piscantes.

– Espero que seja verdade, porque vamos ligar...

– Não estou mentindo.

Quando olha nos olhos dele, já sabe que o está perdendo. O rosto dele revela as horas que você passou nessa sala, a história que contou – o absurdo de suas alegações. Você disse que estava sendo caçada como uma presa por várias pessoas no meio de uma cidade movimentada, às vezes em plena luz do dia. Pode culpá-lo por te questionar? Se alguém te contasse essa história, você acreditaria?

Mas, no momento, você precisa que ele acredite em você, que te proteja,

que encontre Ivan. E ele está olhando para o canto da sala, onde está a câmera. Será que pensam que está mentindo? O que estava escrito no papel da mulher?

– Sei que parece loucura, e eu me sinto louca – você afirma. – Mas eu não teria vindo até aqui se não estivesse desesperada. Você pegou minhas impressões digitais e eu vou pro hospital fazer todo tipo de exame que você quiser. Pode me interrogar de novo, mas preciso que me ajude. Não sei como entrei nisso, mas agora estou presa. Não posso sair.

O investigador junta os papéis e se vira, seguindo para a porta.

– Já volto. Espere aqui.

A porta se fecha e você volta a ficar sozinha. Guarda o bloco de notas no bolso. Pensa em Ben, no recibo, tentando estimar quanto tempo vai demorar até você conseguir chegar a um telefone para ligar para ele. Ele precisa contar a mesma história que você contou. Precisa explicar sobre o número de telefone.

A câmera de segurança do canto te observa. Dez minutos se passam, depois mais dez, e você fica preocupada. Não te deixaram tanto tempo sozinha assim desde que você chegou. Você levanta e se põe a andar de um lado para outro na sala, imaginando se isso vai te fazer parecer culpada. “Ela está agitada”, eles vão dizer. “Está nervosa.”

Você está pedindo que as pessoas acreditem que você não fez algo que aparece fazendo em uma gravação. Está pedindo que acreditem que existe um grupo de pessoas por aí caçando humanos por esporte. Caçando você e possivelmente outros. E, além disso, você só está se apresentando agora, depois de ver uma mulher morrer e ser perseguida por um homem armado. Você ouve a voz do investigador: “Por que não procurou a polícia antes?”

Porque estava com medo. Porque tinha certeza de que te prenderiam, pois até agora, dias depois, ainda era impossível saber a extensão de sua culpa. Porque não pode dizer a eles nada sobre si mesma, nem seu próprio nome. Está tentando pensar em todos os motivos, tentando compreender, quando a porta volta a abrir. O investigador volta com uma policial. Os cabelos dela estão presos em um coque baixo, os lábios pintados com brilho cor de vinho.

Ela está segurando algo bem atrás do investigador, e você não consegue ver. Uma onda de pânico se forma em seu peito, e você se pergunta se tinha mais alguma coisa, se você se traiu de alguma outra forma. Será que vão te prender?

Ela coloca um copo sobre a mesa e empurra-o em sua direção. É chá. O barbante fino está pendurado na borda de papel e o líquido solta fumaça. É tão inofensivo que você sente vontade de rir. Então o investigador te entrega um mapa.

– Veja se consegue nos mostrar onde fica a casa – ele pede, apontando para uma parte verde do mapa chamada Griffith Park – Você sabe pra que direção foi quando virou aqui?

A identificação sobre o bolso da camisa da mulher diz ALVAREZ. Ela te entrega uma caneta vermelha.

– Fomos pra direita – você diz, marcando o papel. – E eu segui o carro deles por alguns quilômetros. Depois de um tempo, fui parar na Hollywood Boulevard.

– Você risca a avenida em que acha que saiu, passando pelas ruas que reconhece. Western, Gower, La Brea. Para logo depois. Foi mais adiante, mas no mapa todas as ruas secundárias parecem iguais. É difícil dizer onde virou.

– Virou à esquerda quando estava nessa avenida?

A caneta sobrevoa o papel, e você não sabe ao certo o que isso quer dizer. Será que ainda pensam que é culpada? Será que acham que está inventando tudo isso?

– Não sei. Estava escuro e as ruas que cruzavam a avenida eram parecidas. Se eu visse a esquina, poderia afirmar. Foi depois de um hotel cinza e rosa.

O investigador e a policial se entreolham, e demora um bom tempo até que a mulher finalmente diz alguma coisa:

– Você seria capaz de reconhecer?

– Com certeza. Vocês só precisam me levar até lá.

O investigador concorda, e é só disso que você precisa. A policial não te algema. Ela não diz nada, apenas segue para a porta.

CAPÍTULO VINTE E UM



– É ESSA? – A POLICIAL CELIA PERGUNTA. Ela não pode estar a mais de quinze quilômetros por hora, a viatura passa tão devagar que todos os vizinhos parecem notar. Uma mulher de cabelos brancos e roupão entra, chamando alguém atrás do portão.

– Não é essa rua... – Você se inclina para frente, seu rosto a poucos centímetros da grade de metal que te separa dos bancos dianteiros. Quando ela abriu a porta de trás, você não conseguiu deixar de usar a atitude como medida do quanto acreditavam em sua história. *Confio em você o bastante para investigar, mas não para te deixar sentar ao meu lado.*

– Mas eu falei pra vocês desse restaurante com uma flor na placa. Foi só um pouco mais para frente – você acrescenta. – Tem que ser por aqui.

– Não está parecendo.

O ar-condicionado está forte, mas você sente sua pele pegando fogo.

– Estamos perto, não deve demorar muito mais.

Ela olha para você, e há algo mais amável em sua expressão.

– Não estou dizendo que não acredito em você – ela afirma. – Mas se não temos a cena do crime, não temos muito para prosseguir. Eles não encontraram nada no parque... nem mesmo o canivete.

Ela aponta para algumas casas na lateral da rua, outro hotel, um terreno cercado. Fica apontando, como se dissesse: “E essa? Isso te parece familiar? Lembra disso?”.

A rua estava escura na outra noite, seus faróis estavam apagados, e você estava mais preocupada em permanecer escondida. Só sabe o que sabe. Mas está começando a ter a impressão de que terá que descobrir alguma coisa, que não pode voltar sem uma prova.

O telefone dela quebra o silêncio. Ela para o carro e atende.

– Ainda não – diz – Ela acha que estamos perto.

Então há uma série de “sim” e “não”. Você se esforça para ouvir a voz do outro lado da linha, mas com o rádio ligado e o trânsito do lado de fora, é difícil entender qualquer coisa.

– Eu aviso – Celia fala antes de desligar. Ela guarda o telefone no bolso da camisa e sai com o carro. Quando olha para trás, misturando-se ao trânsito, você olha para onde ela está olhando. Depois de duas faixas de carros, consegue ver uma casa amarela em uma esquina.

– Espere – você diz – Vire na próxima rua à esquerda. Tente dar a volta.

Ela faz isso, mas dirige tão devagar quanto antes. Vocês dão a volta na quadra anterior. O galho baixo de uma árvore estende-se sobre a rua e algumas folhas pegam no teto do carro. Vocês passam por baixo dele e de repente as coisas se tornam familiares.

– É por aqui – você diz – Mais à frente, à esquerda.

– No fim da rua? – Celia pergunta, meio incerta.

Conforme se aproximam, você entende o porquê. A lona ainda cobre metade da casa mas, atrás dela, a fachada está queimada. Há dois caminhões de bombeiro em frente. Alguns homens estão tirando material da garagem e formando uma pilha do lado de fora.

– É aqui.

Ela estaciona nos fundos da casa, de onde você pode ter uma visão clara. As janelas do andar de baixo estão quebradas e pretas. O fogo já foi apagado, mas há rastros de fuligem nas laterais da casa, chegando até o segundo andar. Pela porta, você vê partes do interior carbonizado da casa, as paredes devoradas pelas chamas. Não é coincidência. Não pode ter sido aleatório. Eles estão encobrindo seus rastros.

Celia abre uma fresta em todas as janelas do carro. Então desliga o motor. É só quando ela sai, travando as portas, que você se dá conta de que ela vai te deixar lá. Você leva a mão automaticamente à maçaneta, como se tentar duas vezes pudesse abri-la.

Atrás dela, a maioria dos bombeiros voltou para dentro da casa. Um permanece ao lado do caminhão, colocando um tanque em um compartimento superior. Ela se aproxima dele e diz algo que você não consegue ouvir.

– Parece que foi uma festa – ele diz – Tem um monte de garrafas quebradas, umas seringas. Provavelmente apenas uns viciados.

Celia desaparece casa adentro. Quando volta, está confusa – dá pra ver pela

cara. Ela se vira, olhando os fundos da casa, vendo o que você viu. O lugar é exatamente como você descreveu ao investigador. A casa tem a mesma cor, as grades e o telhado são iguais. Há até os mesmos móveis de jardim quebrados: duas cadeiras de madeira e uma mesa podre empilhadas no quintal.

Ela volta para o carro, abaixando-se para olhar para você. Está prestes a dizer alguma coisa quando seu celular toca.

– Acabamos de chegar – ela responde. – É o lugar que ela descreveu...

Você agora percebe que ela acredita em sua história, ou pelo menos sabe que *you* acredita. Por que se entregaria se estivesse mentindo? Como poderia descrever em detalhes se não tivesse estado aqui?

Ela fica andando de um lado para o outro no pátio de concreto, olhando de vez em quando para o caminho estreito que dá para a frente da casa. Então sua expressão se altera. Você ouve mais alguns “sim” e “certo” antes de ela guardar o telefone de volta no bolso.

Ela abre a porta do carro. Pega-a pelo pulso, puxando-a para cima até você se levantar. Ela aperta tanto seu braço que te deixa momentaneamente abalada.

– O que está fazendo? – você consegue dizer. – O que eles falaram?

– Eles processaram suas impressões digitais. Tem um mandado de prisão em seu nome em São Francisco.

Você tem a sensação de que alguém embaralhou suas entranhas. Tem que lembrar a si mesma de que não estava mentindo, que não tinha conhecimento do que ela estava falando, independentemente do que fosse. Você não sabia.

– Casa noturna Xenith? O incêndio que você iniciou? O fato de ter pulado de um centro de detenção juvenil para o outro? Algo te parece familiar?

– Quando? Quando estive em São Francisco?

– Certo... me poupe de mais bobagens – ela diz. Dessa vez, sua voz está mais fria, diferente, e você percebe que ela já está pensando na delegacia, em te levar para lá e contar a todos como foi idiota em acreditar em você. Ela se vira. Quando pega as algemas na cintura, você não resiste à princípio. Está quase as colocando quando se afasta, escapando.

Ela parece surpresa. Você dá a volta, correndo para o quintal vizinho, e ela pega o rádio. Você apoia o pé na cerca de metal, pulando por cima, e cai com tudo do outro lado. Espera que ela corra atrás de você, mas, quando vira, ela já está perto do carro. Ainda está lá parada, com o rádio perto da boca, chamando alguém do outro lado da linha.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



QUANDO A POLÍCIA CHEGA À PORTA DA casa de Ben, ele ainda está dormindo e a campainha parece soar em outro plano, como uma espécie de som estranho e distante. Ele se contorce no sofá e puxa o cobertor até o pescoço. Permanece de olhos fechados, mas logo eles estão batendo na porta várias vezes, golpeando a madeira com força.

Ele levanta. Limpa a remela dos olhos, sentindo as pernas instáveis enquanto tateia o porão escuro. Tropeça nos sapatos. Conforme sobe as escadas, ouve batidas mais fortes, indo rapidamente em sua direção pelo longo corredor. Ele sabe que tem algo errado. Fica ali na entrada, pele fria e pegajosa, imaginando se seria tarde demais para fugir.

Espia pelo olho-mágico. Dois homens uniformizados encaram--no de volta.

O policial já está com o distintivo. Ele o segura diante da porta, esperando.

– Polícia de Los Angeles – diz. Os policiais ouviram os passos no corredor. Já sabem que ele está lá.

Ben se volta para a casa, fazendo uma lista de onde tudo está: quase meio quilo de maconha na mesa de centro do porão, as caixas plásticas e a balança no armário. Quando abre a porta, ainda finge estar meio dormindo, mesmo com o coração batendo forte no peito e as mãos trêmulas. Está de cueca samba-canção. Limpa os olhos novamente, esfrega o nariz.

– Pois não?

É sobre sua mãe. Eles sabem que está vendendo maconha. Eles o registraram em vídeo em algum lugar com Sunny e agora estão aqui, procurando por ela. Ele não considera a outra opção. Não considera que alguém possa estar morto.

– Bom dia... Ben Paxton?

– Sim...

- Seus pais estão em casa?
- Não, minha mãe não está... por quê?
- Queremos te fazer algumas perguntas. Tem um minuto?
- Claro, tenho.

O primeiro policial é mais velho, com cabelos pretos endurecidos por gel. Ele segura um pedaço de papel. Ben o pega, vira do outro lado e observa o recibo antes de entender do que se trata.

- Isso te parece familiar?
- É o meu telefone – Ben responde. – Eu anotei para uma pessoa.
- Quem? – O policial mais jovem é mais pesado e está ficando careca nas laterais da cabeça.

Ben não sabe se é melhor mentir a respeito dela ou contar a verdade. Onde encontraram isso? O que sabem? Se tivessem motivo para achar que ela tinha ficado em sua casa, ele já estaria em apuros. E não estariam pedindo para entrar.

- Uma garota que conheci no supermercado.

O policial tira o recibo da mão de Ben, dobra o papel e coloca-o no bolso de trás.

- Quando você conheceu essa garota?
- Há mais ou menos uma semana. Por quê?
- Ela te ligou? – pergunta o policial mais velho.

Será que eles sabem? Ben tenta se lembrar de onde Sunny ligou para ele. Do hotel? Eles sabem que ela estava lá?

- Não, ela nunca ligou. Por quê? O que aconteceu?

– Estamos investigando um caso em que ela está envolvida. – Ben espera, desejando que o policial mais jovem diga mais alguma coisa, mas ele não diz nada. Que caso? Onde ela está? Quer perguntar, mas tem medo de acabar falando demais.

– Ela está bem? – É tudo o que consegue dizer. O policial faz uma pausa, como se estivesse confuso com a pergunta, e Ben sente a necessidade de dizer algo mais, de explicar. – No dia em que a gente se conheceu, ela parecia meio desorientada. Foi por isso que dei meu telefone.

- O que quer dizer com “desorientada”?

– Sei lá. Ela estava com um corte no braço. – Parece idiota quando ele diz em voz alta. Por que se importaria com uma estranha? Ele devia parar de falar, não devia dizer mais nada.

– Se ela entrar em contato, você vai nos avisar. – É parte pergunta, parte afirmação.

– Claro, sim. Eu aviso.

Ben está com medo que eles perguntem mais alguma coisa, que talvez queiram entrar, mas essas poucas e simples respostas parecem tê-los deixado satisfeitos. O mais velho se vira para ir embora, o mais jovem o segue, e eles sussurram algo um para o outro enquanto caminham pela entrada da casa. Ben os observa entrando no carro.

Fecha a porta, tranca. Fica com a cara no olho-mágico, testa apoiada na madeira. Eles estão sentados no carro. Levam alguns minutos para ligar o motor e sair.

Eles não sabem de nada, Ben lembra a si mesmo. Estavam apenas averiguando. “Você está bem, está tudo bem.” Mas, enquanto olha para a rua vazia, sua respiração ainda está curta. As mãos parecem dormentes. Então duas perguntas começam a consumi-lo, uma depois da outra:

Onde ela está? Para onde foi?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



QUANDO BEN ATENDE A PORTA, O JOGO dos Dodgers está passando ao fundo. Ele está de calça de moletom e uma camiseta, os cabelos estão desgrenhados, como se ele tivesse acabado de sair da cama. Atrás dele, há dois garotos no sofá da sala. Eles são magros, queixos cobertos por uma barba rala. Um deles usa o boné virado para trás e tem acne no rosto. O outro está enrolando um baseado. Eles mal levantam a cabeça.

Ben fecha bem os olhos, como se você tivesse jogado água na cara dele. Antes que você diga qualquer coisa, ele te puxa para longe deles, para a sala de jantar, e fecha a porta. Você sabe que é melhor que não te vejam.

– Onde você estava? Sabe que a polícia está te procurando?

– Eles sempre estiveram me procurando.

Ben sacode a cabeça e aponta para a janela.

– Não, eles vieram *aqui*. Hoje de manhã. Eles vieram aqui e queriam saber se você tinha me ligado.

– Merda.

Você solta um suspiro profundo, pensando no recibo que encontraram em sua mochila. Queria alertar Ben sobre isso, mas depois que fugiu da policial Alvarez, ficou presa na encosta sobre a avenida Franklin enquanto viaturas aguardavam na rua de baixo. Você se escondeu atrás do barracão de alguém, esperando até as ruas ficarem vazias para voltar para a região leste. Tudo o que tem agora é o bloco de notas, a foto dobrada de Ivan e a camiseta e os shorts que está usando há dias.

– O que você disse?

– Eu disse que você não chegou a me ligar, o que era... a resposta certa? O que era pra dizer?

Ele vai até a janela da frente, olhando para a rua. Você não consegue deixar

de criticar a si mesma. Sabia que ligariam para ele, mas não pensou que apareceriam aqui fazendo perguntas. Você tinha observado a rua antes de se aproximar da casa. Seria possível ter deixado passar um carro estacionado com alguém dentro? Será que tem alguém lá fora nesse momento, observando?

Ele olha para trás, ouvindo os amigos na outra sala.

– Sinto muito – você diz – Eu não tinha pra onde ir.

Ele olha para seus shorts rasgados e para os tênis, ainda imundos. Pó laranja cobre sua pele e seus cabelos.

– Onde você estava? Cadê sua mochila?

– Já era.

Ben tira a franja da testa e você percebe que ele está pensando. Ele respira fundo antes de falar:

– Você me deixou sozinho na praia. Acordei e não tinha ideia do que tinha acontecido com você, não tinha ideia de onde você estava. Agora você está de volta... porque precisa de um lugar pra ficar? É isso?

– Não, não é isso.

– Foi o que você acabou de dizer...

Você para e pensa. Não tem mais dinheiro, não tem suprimentos. Tudo o que tinha se foi. Mas não precisava ter vindo até aqui. Andou mais dois quilômetros e meio depois de ter passado por um parque e pelo pátio de uma escola, onde poderia ter se escondido. Continuou andando mesmo depois que dois carros de polícia pararam na sua frente na rua.

– Eu vim porque confio em você – você afirma.

Ben apoia a mão no batente da porta. Ele fica olhando para o tapete por alguns instantes e você se pergunta se tem algo mais que possa dizer. Não está tentando convencê-lo, é a verdade.

Depois de um longo silêncio, ele abre um pouco a porta, olhando para o corredor. Então aponta para uma cadeira da sala de jantar.

– Só me dê uns minutos pra tirar eles daqui.

Ele desaparece na sala de estar. Você se senta e espera, ouvindo a televisão ser desligada e os garotos fazerem perguntas em voz baixa, confusos. É só quando eles saem e a porta se fecha que Ben faz sinal para você voltar.

A sala está uma bagunça. A mesa de centro está coberta com migalhas de batatas-fritas e sacos de salgadinho vazios. Há alguns copos de energético misturado com bebida, o líquido amarelo vibrante mesclado com cubos de gelo derretidos. Alguns pots plásticos cheios de maconha.

Você se senta no sofá, deixando as almofadas te envolverem. Ben anda ao

seu redor, pegando latas vazias do chão. Um minuto se passa, talvez dois, até que ele diz alguma coisa.

– Sei que não deve querer falar sobre isso, mas você precisa. Você desaparece e, quando vejo, tem policiais na minha porta. Que diabos? O que espera que eu pense?

Você se inclina, segurando a cabeça, sem saber ao certo se vai conseguir. Se contar a ele o que aconteceu – hoje, ontem, anteontem – vai tornar tudo ainda mais real.

– Eu fui até a polícia... e eles não acreditaram em mim.

As palavras o interrompem.

– Você contou sobre o homem que te seguiu? Sobre a sua memória?

– Tudo – você explica. “Muito mais do que eu contei pra você”, pensa.

– E por que não acreditaram em você?

Ben fica lá parado, esperando, imaginando como eles podiam ter te dispensado. Os olhos dele são tão amáveis, tão dispostos a enxergar o melhor em você, que você sabe que não pode ficar aqui nem mais um minuto sem contar tudo o que aconteceu. Ele merece saber do perigo e avaliá-lo da mesma forma que você. Deve isso a ele.

Você olha para baixo ao dizer, contando sobre a mulher armada, o fato de Ivan tê-la matado sob a autoestrada. Sobre o rastreador e o motivo pelo qual precisou deixá-lo na praia aquela noite. Sobre a casa e o homem que te seguiu quando você saiu do parque. Termina com a única conclusão a que chegou, a forma como ligou os pontos: você é uma peça de um jogo da vida real, uma presa, um alvo a ser morto.

Ben fica ali parado, olhando para um ponto atrás de você, processando tudo em silêncio. Depois de algum tempo, ele se levanta e começa a andar de um lado para o outro atrás do sofá. Finalmente, fala:

– Então você contou tudo isso à polícia e o que aconteceu? Eles acham que você simplesmente inventou tudo?

– Eles ainda acham que sou responsável por aquele roubo no centro. Não acreditam em mim porque não confiam em mim. E não confiam em mim porque, aparentemente, eu tenho ficha criminal. Incêndio intencional. – Você não olha para ele ao dizer isso. – Não conheço todos os detalhes. Preciso do seu computador...

Ben concorda, ainda meio entorpecido. Ele parece feliz por estar fazendo alguma coisa, qualquer coisa, ao pegar o laptop no andar de baixo. Ele o entrega sem dizer nada. Você se senta no sofá, abrindo o computador, satisfeita por poder

olhar para outra coisa além do rosto chocado e confuso dele.

Você abre a página de busca e digita “Casa noturna Xenith São Francisco”. Há três links logo na primeira página.

Incêndio foi criminoso, diz polícia de São Francisco

Incêndio na casa noturna Xenith é considerado criminoso

Adolescentes sem-teto podem ser responsáveis por caso de incêndio criminoso em São Francisco

Você clica imediatamente no terceiro link, entrando em um artigo sobre o incêndio. Ele menciona que o fogo foi iniciado com álcool. Um grupo de adolescentes que vivia no Golden Gate Park foi considerado suspeito, e alguns já tinham sido presos antes por roubos na região de Haight-Ashbury, embora nenhum nome seja citado.

Você vira a tela para Ben, esperando-o terminar de ler.

– Eles sabiam disso – você afirma. – As pessoas que estão fazendo isso sabem que eu tenho ficha criminal, e foi por isso que colocaram fogo na casa daquele jeito. Fizeram parecer que se tratava de uma festa, sabendo que se eu procurasse a polícia, eles encontrariam minha ficha. Eles simplesmente presumiram que era mais do mesmo.

Você fica olhando fixamente para a manchete: *Adolescentes sem-teto podem ser responsáveis por caso de incêndio criminoso em São Francisco*. Estava ansiosa para descobrir alguma coisa, qualquer coisa, sobre si mesma, mas não sente alívio algum ao ler isso.

– Eu não sou ninguém – você diz – Não tem ninguém procurando por mim. Nenhuma família me esperando em casa. Será que foi por isso que me escolheram? Pensaram que poderiam me matar e ninguém nunca saberia ou se importaria?

Ben não responde. Você sente os olhos dele sobre você, mas não é capaz de olhar para ele, ainda não. Sua garganta fica apertada só de dizer isso. Conforme olha para a mesa, para as latas, para os papéis de doce amassados, a sala vai ficando embaçada devido a uma onda de lágrimas repentinas.

Ele dá alguns passos na sua direção, sentando-se ao seu lado no sofá, abaixando a cabeça até você conseguir vê-lo.

– Não é verdade. Eu me importo.

Ele te puxa para perto dele e você se sente bem, envolvendo-o com os braços, jogando a perna sobre as dele. Você levanta o queixo na direção dele, seus lábios a poucos centímetros de distância. Ele olha em seus olhos. É a sensação de queda, a mesma leveza que experimentou quando seus pés

deixaram o penhasco. Nada que possa fazer é capaz de impedir isso. As mãos dele estão em seus cabelos, escorregando por seu maxilar.

Dois suspiros, três. Ele segura com força. Você pode sentir a tensão no corpo dele, ouvir seus pulmões sob as costelas, as respirações curtas. Em um instante, a boca dele está junto à sua. Ele te beija com intensidade, passando a língua sobre seu lábio inferior. Depois enterra o rosto em seu pescoço.

Você se deita, esticando-se no sofá. Ele se acomoda ao seu lado, com um braço sob sua cabeça. Sua camiseta sai com apenas alguns puxões. Seu top passa por cima da cabeça. Sua pele está exposta. Então sente as mãos dele sobre seu corpo. Elas escorregam por sua barriga, demorando-se um instante sobre suas costelas.

Seus lábios encontram os dele. Você se afasta e ele está te observando, deixando o olhar descer de sua clavícula até o peito, a barriga. Os cabelos dele caem sobre a testa, o rosto está corado. A boca está sobre a sua, e tudo é um lembrete de que está aqui, com ele. Você não tem outro lugar para onde ir.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



O GAROTO ESTÁ LÁ, DEITADO AO SEU lado, com os dedos em seu queixo. Ele passa o polegar sobre seu lábio inferior, deixando-o ali. Analisa seus traços, passando os olhos castanhos de um lado para o outro, observando tudo.

A luz desce pelas folhas. O lábio superior dele forma um V profundo. Ele tem duas pintas na face direita, bem abaixo do olho. A testa está arranhada e machucada, mas de algum modo ele ainda parece perfeito.

Ele retira o polegar, juntando os lábios nos seus. A princípio, beija com cuidado, mal te tocando conforme passa os dedos por sua maçã do rosto, sua sobrancelha, seus cabelos. Ele fica sobre você. Os cotovelos se apoiam em cada um dos lados de sua cabeça e ele te beija novamente, dessa vez com mais intensidade, empurrando-a mais para dentro das folhas e do musgo. Ele está dizendo algo que você não consegue ouvir, as palavras abafadas em sua pele, perdidas em seus cabelos emaranhados.

Você movimenta as mãos sobre as costas descobertas dele, sentindo os músculos sobre as escápulas. Levanta a cabeça, esticando-se na direção dele, mas para onde quer que vá, os lábios dele te encontram, tocando seu rosto, seu pescoço.

– Não vou deixar eles te machucarem – ele sussurra. – Não posso perder você.

Quando os olhares de vocês se encontram, os olhos dele estão úmidos. Ele te levanta, te coloca no colo, suas pernas dão a volta na cintura dele.

– Não vou, não posso – ele diz.

É difícil respirar, sua boca está sobre a dele, suas mãos seguram nos ombros dele, chegando mais perto.

Quando lágrimas escorrem de seus olhos, não é por não estar segura com ele e por saber que nunca vai estar. Não é porque vai morrer sob essas árvores. É porque sabe que não importa. Ele está aqui e te ama e, por esse motivo, você não

tem mais medo.

– Ele logo vai chegar – você diz. – Você precisa ir, você precisa...



Alguém pega no seu ombro, te assustando. O cômodo entra em foco à sua volta. A luz do sol inunda pela janela enquanto você vê o lixo da noite anterior sobre a mesa de centro.

– O que foi? – Ben pergunta, inclinando-se sobre o sofá. – Você estava dizendo alguma coisa enquanto dormia. Parecia que estava chorando...

Você seca as lágrimas dos olhos.

– Que horas são?

– Quase meio-dia. – Ben se espreme na beirada do sofá, colocando a mão sobre a sua.

– O que eu estava dizendo?

– Não consegui entender...

Você se senta, lembrando-se de que estava usando a camiseta e a calça de pijama de Ben. Tomou um banho na noite anterior, antes de dormir, e seus cabelos ainda estão úmidos e um pouco bagunçados.

– Estou bem, foi só um sonho. Pode me dar um minuto?

Ben te dá um beijo na testa, depois desaparece no andar de baixo. Você vai para a poltrona do canto, tirando o bloco de notas do bolso de trás de seus shorts e pegando uma caneta no chão. Abre em uma página em branco e escreve.

- O garoto da ilha estava sendo caçado

- O caçador era um homem

Você reflete sobre o resto do sonho, tentando decifrar os detalhes, se havia algo que pudesse identificar nas flores, nas árvores, qualquer coisa que ajudasse a saber onde ou quando aquilo tinha acontecido. Mas nada se destaca. O garoto era a coisa mais nítida ali.

Você volta para as páginas anteriores, onde anotou todos os detalhes de seu encontro com o homem armado. Você copiou o símbolo da garrafa de bebida. Santo Eustáquio, um dos santos padroeiros dos caçadores. A foto de Ivan está

guardada atrás, agora repleta de marcas de dedo. Você fica olhando para ela, esperando que ele ainda esteja vivo. Quando preparou a armadilha, não sabia quem era ou o que queria. Não sabia o que aconteceria em seguida. Sabe que ele está em perigo, está certa disso. Mas como pode ajudá-lo?

Enquanto olha as anotações sobre a casa, pensa novamente na sala. As lonas, as escadas, as caixas com o logotipo na lateral. A imagem é tão nítida. Você pega o laptop de Ben de onde o havia deixado na noite anterior, digita “Parillo Construções” e pega o endereço. Fica a menos de meia hora de distância.

No andar de baixo, Ben está debruçado sobre uma das máquinas de *pinball*. Ele se apoia, apertando os botões nas laterais.

– Preciso manter minha pontuação no topo, você está chegando perto – ele afirma.

– Só joguei algumas vezes.

– Eu sei... é que você é boa. – Ele sorri e você percebe que ele está tentando deixar o clima mais leve. Você se apoia na beirada da máquina enquanto a bola vai para cima e para baixo.

– Preciso do seu carro emprestado.

– O quê? Aonde você vai?

– Acabei de lembrar que não contei tudo pra polícia. Eu vi uns materiais de construção na casa, e eles tinham um logotipo. Posso explicar tudo depois.

– Tudo bem – Ben diz. O tom de voz dele parece bem desencanado, mas as mãos estão paradas do lado do corpo.

– Não precisa se preocupar, eu vou tomar cuidado.

Ben apenas ri e vai pegar a chave. Segura-as na mão, olhando para elas. Você espera que ele as entregue, quando ele finalmente fala:

– Está mesmo achando que vou entregar meu carro pra uma criminosa?

Você não consegue conter o sorriso que faz de tudo para aparecer no canto de seus lábios. Pela primeira vez, sente-se menos sozinha.

– É uma péssima ideia, Ben.

– Veja só, você vai precisar de uma pessoa por perto pra chamar a polícia se alguém for atrás de você de novo, ou para...

– A polícia não se importa, Ben.

Ele fecha a mão sobre o chaveiro, ocultando-o. Fica ali parado, esperando você dizer alguma coisa. Você sabe que é uma péssima ideia. É errado deixá-lo se envolver mais do que já está envolvido.

– Tudo bem – você diz – Você dirige.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



A RUA É UM MISTO DE CASAS térreas de pouco valor, lojas e terrenos desocupados. Conforme se aproxima do endereço da Parillo Construções, você passa os olhos pela calçada, procurando por qualquer coisa que pareça incomum. Não há uma única pessoa do lado de fora. O calor é tão intenso, o asfalto é preto e ardente.

Ben para no meio-fio. O edifício é cinza e baixo, com cinco portas de garagem uma ao lado da outra. Não tem placa e a janela da frente está grafitada, o vidro turvo e cinzento.

Ben tira o pedaço de papel da sua mão, verificando os números que você anotou e os números na frente do prédio. É este o lugar.

– É melhor você não parar aqui. Siga adiante, até passar aquela árvore. – Você aponta para frente, para onde alguns arbustos e árvores bloqueiam a visão do escritório. Ben segue e então estaciona. Ele está abrindo a porta quando você segura seu pulso.

– Espere por mim aqui – você diz. – Vai ser mais fácil se for uma pessoa só.

– Tem certeza?

– Por favor, Ben. Você já se envolveu demais nisso. – Você desce do carro e sai andando, esperando que ele não te siga.

Você mantém a cabeça baixa ao se aproximar do edifício pela lateral, ciente do estado da janela da frente, sabendo que eles não podem te ver. Há uma câmera de segurança em um canto do telhado, mas ela aponta para baixo e para o outro lado, na direção da porta principal. Você não perde tempo com o escritório. Em vez disso, dá a volta até os fundos.

Há um homem tirando caixas de um caminhão. Ele te vê assim que você vira, e solta imediatamente o caixote que está segurando, chegando até você em poucos e rápidos passos. Ele não é muito mais alto que você. Está coberto de tatuagens do pescoço aos pulsos. Você olha para a cintura dele, para o quadril,

mas até onde pode ver, não está armado.

Você olha para baixo, fingindo ler o papel.

– Estava procurando a Parillo Construções. É aqui? Meu primo me falou de vocês e eu preciso de alguém pra consertar meu...

– Não estamos aceitando novos trabalhos.

O homem dá outro passo, bloqueando seu acesso. Atrás dele, você consegue ver que a primeira porta de garagem está um pouco aberta. Não está trancada.

Os caixotes atrás do caminhão estão fechados com fita. Não dá para ver nenhuma inscrição na lateral e ele não para de te olhar, esperando que saia.

– Desculpe, aqui não é a Parillo? Vocês não trabalham com construção?

– Aqui era a Parillo Construções, mas não é mais.

– Mas o site de vocês ainda está online...

– Preste atenção. Estamos fechados. Agora me deixa terminar o que eu estava fazendo?

Você tenta visualizar o máximo possível: o caminhão branco cheio de caixas de madeira, a cinta elástica para as costas que consegue ver através da camiseta, a tatuagem de arame farpado que dá a volta no bíceps esquerdo, desaparecendo sob a manga. Nada nele é familiar. Ainda assim, você dá mais uma olhada na porta de garagem atrás dele. Há algo que ele não quer que você veja.

Depois que você sai, ele te segue até o limite do edifício, te observando atravessar a rua. Você ignora Ben no jipe, fingindo que estacionou algumas ruas mais para frente. Desaparece depois de virar uma esquina.

Caminha duas quadras, vira à direita, depois vira mais uma vez para dar a volta. Demora alguns minutos para encontrar um local com boa visão do terreno dos fundos. O caminhão ainda está parado ali, as caixas estão empilhadas sobre o asfalto. O homem conversa com uma mulher muito mais alta do que ele, com os cabelos vermelho-cereja presos em um coque. Fica apontando para a porta de garagem aberta, depois para frente, e você só consegue ouvir algumas palavras: Garota. Parillo. Fazendo perguntas.

A mulher diz algo baixinho, depois o homem tranca o caminhão. Ambos desaparecem na frente do prédio.

A garagem não deve estar a mais de dez metros de distância. Basta uma corrida pelo estacionamento. Há apenas uma câmera de segurança nos fundos. Você pula a cerca de madeira e segue.

Ao se aproximar da porta, você ouve uma movimentação atrás dela, mas mesmo encostando a orelha na superfície, não consegue decifrar o que é. Você puxa a maçaneta e a luz inunda o espaço cimentado, revelando meia dúzia de pit-

bulls, cada um em uma gaiola. Quando abre a porta, eles se levantam, jogando-se sobre a extremidade das cercas de metal, mostrando os dentes. Eles latem tão alto que seus músculos ficam tensos, o barulho é como uma faca em seu ouvido.

Há cicatrizes na cara dos animais. A bochecha de um cachorro está rasgada. Outro tem marcas nas pernas dianteiras, pele ensanguentada e ferida. Você passa por uma porta atrás deles e o mau cheiro é tão forte que é preciso prender a respiração. Você pega a ponta da camiseta e a usa para cobrir o nariz.

No centro daquele espaço há um ringue de metal, o chão está manchado de marrom. Cadeiras dobráveis estão dispostas ao longo das paredes. Passando os olhos pelos cantos, você nota o canto esquerdo mais afastado da garagem, onde alguém cavou o concreto. Há um grande saco de lixo no buraco. Alguns barris estão ao lado dele.

Você se aproxima do saco e ajoelha, o cheiro é tão forte que não consegue respirar. Rasga um pedaço do plástico, bem abaixo da parte de cima, o que basta para ver o queixo do homem. A pele dele parece de cera, pálida e azulada.

Você puxa o resto, expondo o rosto de Ivan. O rosto dele parece estranhamente magro, como se pudesse escapar do osso. Os olhos estão afundados. O queixo está em um ângulo estranho, os hematomas no rosto ainda são visíveis, o sangue ressecou e ficou preto.

Você solta o plástico e se afasta. Os finos pelos de seu braço estão arrepiados. O estômago fica tenso, o fedor de podridão é tão forte que a bile sobe no fundo de sua garganta. Você engole, com a camiseta sobre o rosto, enquanto sai pela outra sala. Os cães ainda estão latindo quando você sai correndo do prédio.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



VOCÊ BATE COM A MÃO NO PAINEL do jipe quando Ben arranca. Espia pela janela traseira em busca de qualquer sinal do homem ou da mulher atrás de você.

– Vire à direita aqui – você ordena. – Eles podem vir atrás da gente.

– Que diabos aconteceu? – Ben pergunta ao acelerar, mal parando nos sinais vermelhos.

– Estão escondendo uma rinha de cães. E...

– E...?

Ben vira com tudo à esquerda na direção da estrada. Assim que vê a placa, sobe a rampa, mal olhando para onde estão indo.

– E eu encontrei um corpo. O corpo de Ivan. Aquele homem que estava me ajudando.

Assim que diz isso, sua garganta fica apertada. Você se inclina para frente, cotovelos sobre os joelhos, tentando diminuir o ritmo de sua respiração. Sabia que algo ruim tinha acontecido, de certa forma, sabia. Mas, ainda assim, ver o corpo faz tudo parecer real. “Não era para ter acontecido dessa forma”, você pensa enquanto observa os carros mudarem de pista, a estrada passando sob vocês. A foto ainda está dobrada em seu bolso. Você deixa a mão apoiada sobre a perna, sentindo-a sob o tecido, não querendo olhar para a imagem – olhar para eles. Ele salvou sua vida. Estava tentando te ajudar. Mentiou para te proteger.

Você pensa que não pode deixar isso de lado, e a ideia fica se repetindo. “Ele está morto por sua causa... ele está morto por sua causa... ele está morto por sua causa...”

Ben pega a próxima saída. Ele não diz nada enquanto dirige, mas faz as curvas um pouco abertas demais, freia um pouco em cima demais. Quando se aproximam da casa dele, você se abaixa no banco do passageiro, permanecendo

escondida, ainda com medo que a polícia possa estar vigiando. Espera até o jipe estar na garagem para se levantar.

Ben se aproxima, colocando a mão sobre seu ombro.

– Vai ficar tudo bem.

– Mas como? Como? – Você não consegue conter a tensão na voz. Como vai ficar tudo bem?

– Eu não sei – Ben responde. – Deve ter alguma coisa que você possa fazer com essa informação, alguém a quem possa contar. A polícia, talvez. Isso prova que você estava falando a verdade. Prova que eles mataram o homem.

Ele pega a sua mão, dobrando os dedos sobre os seus. Acaricia sua pele com o polegar, contornando as linhas da sua palma. Então a coloca junto ao peito. Você o deixa segurá-la por um instante, apreciando o calor, escutando cada respiração: um lembrete de que ainda está viva.

Sabe que ele está certo. Você precisa fazer alguma coisa, precisa continuar. Aperta a mão dele antes de soltá-la.

CAPÍTULO VINTE E SETE



– SACOLA DE PAPEL OU DE PLÁSTICO? – O empacotador é um senhor idoso com mãos artríticas. Ele segura a embalagem de leite sobre uma sacola, prestes a colocá-la lá dentro.

– Tudo bem. Eu vou levar na mão mesmo – responde Celia Alvarez. Ela pega o leite e caminha até a porta, passando por corredores com orquídeas e rosas, amassando o recibo e jogando-o no lixo do lado de fora.

O estacionamento está silencioso. São quase onze horas. Ao pegar a chave no bolso do uniforme, volta a pensar no vídeo da entrevista. Quantas vezes o viu? Gallagher zombou dela, dizendo que estava obcecada, que eles já sabiam tudo o que precisavam saber. Viciados. Incêndios criminosos. Seringas. Garrafas de vodka e gasolina. Na melhor das hipóteses, a garota tinha problemas mentais, talvez fosse esquizofrênica e sofresse de estranhas alucinações. Estava convencida de que estava sendo caçada.

Celia aperta o botão da chave do carro, sem saber, por um instante, onde estacionou o Civic, escondido atrás de uma van vermelha. As luzes traseiras piscam e ouve-se um bipe. Ela continua na direção do carro. Mas e a história da menina? Tanta coisa casava. A ordem dos acontecimentos, por exemplo. Os detalhes eram internamente consistentes, o relato era resoluto. Gallagher disse que ela podia estar usando drogas. Mas não estava. Não tinha como...

Depois, vinha a história da própria Celia, aquela que contou aos dois policiais que chegaram aos fundos da casa, procurando pela garota. Ela tinha agarrado a menina pelo pulso. Pegou as algemas, mas pretendia mesmo prendê-la? Quando deixou alguém escapar antes? Perseguiu-a por apenas alguns metros e logo parou. Nem mesmo pulou a cerca.

Era como se estivesse executando o procedimento, prendendo a garota porque recebeu ordens para isso, enquanto sabia que não era certo. Ia contra seus

instintos. Será que foi isso? Será que *queria* que a menina escapasse?

Nos últimos dias, Celia se viu procurando pela garota ao passar pelos colégios locais, imaginando se ela estaria andando por aquelas calçadas lotadas. Observava o rosto de cada garota na Hollywood Boulevard. As que dormiam com cobertores esticados até o pescoço. As que ficavam sentadas segurando placas de papelão. As que ficavam em entradas escuras pedindo carona.

Por esse motivo, acha que está imaginando coisas quando vê a garota sentada ao lado da van vermelha. Ela se levanta e se afasta, observando as mãos de Celia para ver se ela vai pegar a arma. Não pega. Apenas fica olhando para a garota. Os cabelos pretos passam dos ombros. As roupas estão limpas, embora sejam grandes demais. A bermuda comprida está enrolada na cintura.

– Por favor, não faça nada – a garota diz. – Por favor, só me escute. Por favor.

Celia não precisa que ela implore. Já está sentindo o estranho instinto maternal de abraçá-la, embora tenha apenas 34 anos e não tenha filhos. A garota parece menor perto da van. O tom de voz é firme, mas a expressão do rosto é hesitante, como se estivesse nervosa. Seria medo?

– Eu te segui da delegacia até aqui. Você precisa saber que eu não estava mentindo aquele dia. Tudo aquilo era verdade.

– Eu sei. – É tudo o que Celia consegue dizer.

A garota fica perto do para-choque da van.

– Tem uma coisa que eu não contei na delegacia – ela afirma. – Eu só me lembrei disso depois. O material de construção que estava na casa tinha o nome Parillo Construções. Não sei dizer se é uma empresa real ou não, mas fui até lá. Encontrei o corpo do homem que eles levaram, Ivan. Alguém estava indo enterrá-lo.

Celia tira o bloco de notas do bolso da frente e escreve.

– Quando foi isso? Hoje?

– Hoje à tarde. Havia uns cachorros em gaiolas também... Parecia que estavam organizando uma rinha de cães.

– Eles te viram?

– Duas pessoas me viram por lá, mas não me viram entrar na garagem. Ainda não devem ter tirado o corpo de lá.

Celia acena com a cabeça, considerando a informação. Ela precisaria de uma denúncia que a levasse à rinha de cães. Não pode deixar que ninguém saiba que encontrou a garota, que a deixou escapar novamente. Ninguém pode saber que isso aconteceu.

– Mais uma coisa – a garota acrescenta, dando alguns passos para trás. – Você disse aquelas coisas sobre São Francisco... casa noturna Xenith... mas não tem nada nos jornais a meu respeito. Você descobriu meu nome ou de onde eu sou? Algo sobre quem eu era antes?

Celia se apoia no carro. A garota não está mentindo, isso fica ainda mais óbvio agora. Ela realmente não se lembra de nada anterior à estação de metrô. Não sabe nem o próprio nome.

– Não havia nome na sua ficha – ela diz. – Eu só li informações básicas. Em São Francisco, os outros jovens te chamavam de Trinie. Um deles disse à polícia que você é de uma cidadezinha perto de Palm Springs... acho que era Cabazon.

– Onde fica?

– A algumas horas daqui, para o leste. É difícil saber se é verdade. Você acampava em um parque em São Francisco. Parece que a maior parte das pessoas que andavam com você eram fugitivos. Não tinha muita informação sobre você.

Enquanto Celia diz isso, fica imaginando se deve contar a outra parte, aquela em que não para de pensar. Um dos jovens ainda está em um centro de detenção juvenil perto da Bay Area. Um garoto que morava lá na mesma época. Ela pensou em ir até lá falar com ele. Pode não ser nada. E não é o tipo de coisa que quer que a garota explore sozinha. Provavelmente é arriscado demais contar.

Quando levanta os olhos, a garota está se afastando pelo estacionamento vazio.

– Deixa que eu te levo pra algum lugar – Celia diz. – Está tarde.

– Eu vou ficar bem – a garota afirma. – O rastreador já era, eles não conseguem me encontrar há dias. Por favor, vá até lá. Por favor, encontre o corpo.

– Eu vou, prometo. – Celia abre a porta do carro, colocando o leite no banco do passageiro. Ela não entra. Observa a garota dar a volta nos fundos da loja, desaparecendo pelo pátio vizinho.

CAPÍTULO VINTE E OITO



– MENINA, COMO VOCÊ NÃO ESTÁ ENTEDIADA? Não aguento mais ficar nessa piscina – Izzy diz, tirando o iPhone do bolso do moletom. Ela vira de barriga para baixo, depois de costas, digitando na tela.

– Só passou uma hora.

Você sabe porque está marcando o tempo. Uma hora desde que Izzy chegou, mais duas até Ben voltar da escola, depois mais três até chegar a Cabazon, a cidade sobre a qual Celia, a policial, falou na noite anterior. Quando Izzy bateu na edícula hoje à tarde, você tentou parecer leve, até mesmo desencanada, desculpando-se pelos últimos dias (você voltou para a casa de seus pais, disse a ela). Mas é difícil puxar assunto, parecer normal.

Izzy aponta o telefone para as plantas que cresceram sobre a cerca, dando *zoom* em um beija-flor. Ela filma por alguns segundos, depois se senta, colocando uma camiseta sobre o biquíni.

– Preciso fazer alguma coisa – ela diz. – Vamos até aquelas lojas em Hillhurst.

– Tenho que esperar aqui até o Ben voltar.

Assim que termina de falar, se dá conta de como aquilo soou, como se você fosse uma garota patética que vive pelo namorado. Não dá para explicar a Izzy o que está acontecendo. Ontem à noite, você e Ben fizeram um plano. Passariam uns dias em Cabazon para ver se conseguiam descobrir alguma coisa. Se você realmente cresceu lá, algo poderia despertar sua memória.

Izzy dá um sorrisinho.

– Tudo bem... Sunny Síndrome de Estocolmo.

– O que isso quer dizer?

– Pare de agir como uma refém que sofreu lavagem cerebral! Não quero ficar mais um dia sem fazer nada. Estou me transformando em uma lesma.

Vamos! Agente volta em uma hora.

Ela veste os shorts jeans e joga suas calças e sua camiseta, empilhadas sobre a espreguiçadeira, em sua direção. Você se levanta, sabendo que não tem como convencê-la. Só vai ter que ser rápida. Vai ter que tomar cuidado.

Enquanto se veste, Izzy já está no portão. Você a segue pela Franklin Avenue, os carros transitando ao seu lado. Está usando os óculos escuros que Ben emprestou, cabelos soltos cobrindo o rosto, mas não consegue deixar de se virar, olhando para trás de vez em quando.

Izzy caminha ao seu lado, parando um instante para tirar foto de uma rachadura em forma de coração na calçada.

– E então... – ela diz, guardando o telefone no bolso. – Vai me contar o que está acontecendo?

– O que está acontecendo?

– Você passou o dia todo distraída. Alguma coisa aconteceu... Só quero saber o que foi. Uma noite super quente? – Izzy tenta pegar no seu cabelo, mas você se afasta, levando a mão à cicatriz.

– Izzy... pare.

– Só estava procurando um chupão.

– O Ben é só meu amigo.

– Eu também tenho amigos assim... – Izzy ri.

A pergunta te faz corar pensando na noite anterior, e você fica preocupada que seu rosto te entregue. Você adormeceu no sofá ao lado dele, cujo braço estava sob sua cabeça, e o outro em volta de sua cintura. Por mais que saiba que não deveria, sente-se apegada a ele. A casa pareceu vazia hoje sem ele lá.

Você passa por uma rua cheia de palmeiras bem altas. Fileiras e fileiras de condomínios. Uma mulher fuma um cigarro na sacada, pés cruzados sobre a mureta de pedra.

Em frente, nota a placa de uma rua: VERMONT. A estação de metrô onde acordou fica perto daqui, e é outro lembrete de que mentiu para Izzy. Como pode explicar quem é Ben? Como ela poderia entender?

– É apenas... complicado – você explica.

– Sempre é. Comece pelo início. Onde vocês se conheceram?

– Eu dei de cara com ele no supermercado. Literalmente... trombamos um no outro.

Izzy caminha com o telefone na mão, filmando a traseira dos carros que passam.

– Faz quanto tempo?

Você não pode contar a verdade. Conhece Ben há uma semana, e já está hospedada na casa dele?

– Mais ou menos um ano. A gente era da mesma escola. Depois ele mudou pro outro lado da cidade. As coisas com a minha mãe ficaram complicadas, então estou procurando um lugar para ficar em caráter mais permanente.

– Onde está o seu pai?

Você pensa na lembrança da igreja, o caixão coberto de tecido.

– Ele morreu há um tempo.

Izzy para na calçada. Ela fica olhando para você, cabeça inclinada.

– Achei que seus pais andavam brigando muito.

Você respira, sem olhar para ela. Felizmente, algumas lojas aparecem adiante. Há uma loja de conveniência do outro lado da rua e uma loja de roupas infantis à direita. Há uma mulher na esquina, perto de uma loja de alimentos saudáveis, com um sorriso forçadamente alegre.

– Milk-shake grátis? – ela pergunta. – A promoção vai até o fim da semana!

Ela entrega um cupom para cada uma. Izzy olha bem e o guarda no bolso do moletom. Você espera que a distração a faça esquecer a conversa, mas ela continua olhando de lado, esperando sua resposta.

– Eu estava me referindo ao meu padrasto. Ele já está com a minha mãe há um bom tempo. Não é tão interessante...

– Não é tão interessante? Ou você não quer falar sobre isso? – Izzy sacode a cabeça, tirando os fios de cabelo castanho da frente do rosto. O piercing na bochecha dela reflete a luz.

Ela não deixa passar nada. Você gosta disso nela, mas outra parte sua deseja que ela não fizesse perguntas, que a amizade que estão criando pudesse permanecer superficial.

Você a segue pela rua, passando pela lanchonete onde encontrou Ben e continuando na direção de algumas lojas de roupa. Alguns minutos correm até que você se lembra da pergunta dela. Ainda não respondeu. Isso já não é resposta suficiente?

– Acho que não quero falar sobre isso – você afirma.

– Estou começando a achar que tem gente que gosta de enfrentar as coisas e falar sobre elas até cansar, e pessoas que não falam nada e simplesmente desejam que tudo desapareça – Izzy diz – Sempre fui do primeiro tipo. Não consigo ser de outro jeito, mesmo se quisesse.

– Talvez eu seja do segundo tipo – você conclui. – Não tenho certeza.

– Mas esses sentimentos não te devoram viva? Como o seu cérebro não está

acabando com você? Simplesmente não entendo como vocês existem.

– Vocês? Você fala como se eu fosse uma espécie de monstro.

– Você é. Isso não é saudável. – Izzy ri. – Não vou ficar te analisando, mas você deveria falar com alguém sobre o que está passando, seja o que for. Sabe aquilo que aconteceu comigo na escola? A culpa nem foi minha, mas mesmo assim eu e Mims nos sentamos e tentamos entender.

– Você fala como se houvesse escolha – você diz – Como se houvesse a opção de lidar ou não com um problema. – Você mal consegue pensar no que aconteceu com Ivan, muito menos em contar a alguém.

– E tudo na vida não é questão de escolha?

Ela não pergunta diretamente a você. A pergunta fica no ar, e dessa forma a conversa não parece tão ameaçadora. Você segue por Hillhurst dois passos atrás de Izzy, pensando sobre isso, sobre como o que ela disse está errado. Nem tudo é escolha sua. Algumas coisas escolhem você.

O semáforo está vermelho no cruzamento. Você joga os cabelos sobre o rosto, escondendo o seu perfil. Observa a calçada por força do hábito, vendo dois homens do outro lado da rua. Eles usam jalecos de médico, e um carrega uma pasta de papel. A forma com que conversam parece tão casual, tão natural, que chega a ser reconfortante.

– Veja, cientologistas – Izzy sussurra, apontando para duas mulheres paradas na entrada de um edifício baixo e cinzento. Um homem está sentado em frente a uma placa que diz TESTES DE ESTRESSE GRÁTIS. Ele aponta para a cadeira dobrável à sua frente.

– Quer fazer um teste de estresse grátis? – ele pergunta.

Você está prestes a ir embora quando Izzy se aproxima dele, analisando a pequena mesa de livros sob um toldo. Ela pega um, perguntando alguma coisa sobre alienígenas.

– É melhor a gente ir – você diz, vendo um café com mesas na calçada bem do outro lado da rua. Há cerca de sessenta pessoas, ou mais, ali. Elas têm uma visão perfeita de você. Você olha para a outra esquina, tentando estimar a melhor forma de ir embora.

– Você precisa ver isso, é sério... – Izzy pega outro livro e o vira para você, apontando para o vulcão em erupção na capa.

Ela diz mais alguma coisa, falando com o homem, mas você não presta atenção. Tem algo errado. Você pode sentir, é aquela sensação estranha de estar sendo observada.

Você olha para o fim da rua e fica paralisada. Dessa vez não está de boné,

nem óculos escuros. Ele parece um corredor qualquer, de camiseta simples e bermuda, tênis cinza. Mas é o mesmo homem que te seguiu quando você saiu do parque. Rosto pálido e anguloso. Não dá para ver a arma, mas você sabe que está lá.

– Eu preciso ir... – você diz, andando pela rua. Depois de apenas alguns passos, sai correndo em disparada. Não olha para trás quando Izzy chama.

Você corre pela rua, não esperando o sinal mudar. Alguém toca a buzina. Outro carro freia em cima. Você continua, respirando fundo e devagar. Quer acreditar que ele não vai te matar aqui, que ele não pode fazer isso, há muitas testemunhas. Mas quando ele pega o ritmo, o medo toma conta de você. Não importa quão rápido você corra, ele ainda está lá.

O cruzamento à frente envolve cinco avenidas diferentes. Você toma uma decisão rápida, virando bem atrás de alguns estacionamentos dispersos. Depois de uma quadra, chega a uma área residencial. Pequenos prédios pontuam a rua. Quando você se vira, o homem não está lá. Ele virou em outra rua... mas quanto tempo vai demorar até te encontrar?

Você segue pela frente dos prédios, pela calçada, onde há mais árvores e plantas fornecendo cobertura. Não há ninguém na rua. Um cruzamento mais movimentado se anuncia a uma quadra mais ao norte. Na sombra repentina, você se sente mais calma, mais lúcida. Só precisa chegar até a esquina.

Conforme passa por outro complexo de apartamentos, fica agitada. Ao se virar, consegue vê-lo. Ele está escondido no segundo lance de escadas. O antebraço está apoiado na sacada de metal, a arma apontada para sua cabeça. Ele atira uma vez, a bala passa tão perto que você sente o ar mudar na sua frente. Ele acerta um carro próximo.

O para-brisa se estilhaça. O alarme dispara. Você sai correndo, mas ele já está descendo as escadas. Você ouve os passos dele sobre o concreto, ouve o ritmo acelerado deles enquanto o homem corre, dando alguns saltos, pisando com força no chão.

“Basta chegar até a esquina”, você pensa. “Já estou quase lá.” Está tão perto, mas não há espaço suficiente entre vocês. Você o ouve chegando por trás. Em poucos segundos, ele te derruba. Você rala as mãos na calçada. Está caída de lado, escondida atrás de uma cerca viva.

Você vira de costas, puxando as pernas para perto do peito. Ele olha para você, pegando a arma na cintura, e você usa esse meio segundo para chutar o mais forte possível com ambas as pernas. O golpe o acerta bem abaixo do estômago. Ele se curva para frente, deixando escapar um gemido.

Você se levanta, correndo mais alguns metros até a esquina. Quando se vira, olhando uma última vez para o homem, ele está curvado na calçada, ainda com a mão na lateral do corpo. A arma caiu quando você o chutou. Ele tenta pegá-la, mas você já está na rua principal, onde alguns carros passam correndo. Uma cerimônia acabou de terminar em uma igreja nas proximidades. Várias pessoas estão paradas na frente do lugar.

Você olha nos olhos dele. Nota a cicatriz estranha e torta que atravessa seu queixo, seus olhos azuis intensos. Você se dá conta, em uma fração de segundos, que ele não é estranho... você o conhece.

Um táxi amarelo passa correndo pela rua e, sem pensar duas vezes, você se joga na frente dele com as mãos espalmadas. O motorista pisa no freio, xingando e buzinando. É o suficiente para chamar a atenção de todos. A multidão nos degraus da igreja está olhando para você. Quando olha do outro lado da rua, o homem já guardou a arma.

Você abre a porta do táxi, entra no banco de trás, e diz pagar qualquer preço para que o motorista te leve de volta para casa.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



O MÉDICO VÊ UM SEDAN PRETO SE aproximar, mas é difícil enxergar a placa na chuva. Disseram para procurar por AX9. Alguns carros passam, e ao chegar ao fim da faixa de pedestres, ele levanta o braço, fazendo sinal para parar.

Está chovendo mais forte agora, atingindo o rosto dele, fazendo seus olhos arderem. Ele fica com a mão levantada, esperando o sedan chegar mais perto. Está apenas a algumas quadras da West Side Highway e as ruas estão tranquilas, à exceção dos carros, que passam correndo, acertando poças e lançando água suja no meio-fio. Uma mulher está parada sob o toldo de um prédio residencial, com o guarda-chuva virado ao contrário. Algumas outras pessoas correm de volta para a estação de metrô.

Quando o sedan desacelera, ele consegue ler a placa. AX9. Os primeiros dígitos são os mesmos. Há uma folha de papel atrás do para-brisa, uma espécie de licença de taxista falsa, mas é um cara novo.

O motorista abaixa o vidro. É mais velho, com cabelos grisalhos e crespos. Veste uma camiseta polo preta e usa uma cruz de ouro visível sob a gola.

– Para onde? – ele pergunta.

O médico sempre demora alguns segundos. Ele sempre pensa antes de falar, sabendo que precisa dizer a frase exata. Eles são bem claros a esse respeito sempre que entram em contato. Tudo tem que ser exatamente do jeito especificado.

– Estou tentando chegar ao centro. Quanto sai pra ir pra esquina da Broadway com a Spring?

O motorista inclina a cabeça, olhando para a chuva. Os limpadores de para-brisa estão na velocidade máxima, de um lado para o outro, sem parar.

– Que tal quarenta?

O médico vai dizer trinta e cinco, o homem vai concordar, e ele vai se sentar no banco de trás. É assim que vai acontecer, mas agora que ele está aqui, parado ao lado do carro, tem um momento de hesitação. O que ele fez? Cal está descontente com ele?

– Trinta e cinco? – o médico pergunta.

O motorista concorda. Aponta para trás com o polegar, como se dissesse “pode entrar”.

O médico dá uma última olhada para a chuva, passando os olhos pelas poucas pessoas que estão na rua. Não é uma escolha. Ele precisa encontrá-lo, precisa fazer isso, mas ainda sente uma comichão para virar as costas, voltar ao hospital, pegar o carro e simplesmente ir embora. Partir. Quanto tempo levariam para encontrá-lo?

Ele abre a porta e senta no banco de trás. Cal está lá, usando um elegante terno azul com gravata.

– Richard – ele diz – Obrigado por vir me encontrar tão em cima da hora.

– Não tem problema.

O sedan segue em frente e o médico recosta no assento. Suas roupas estão ensopadas. Ele tira o cabelo da testa, secando a chuva do rosto. Tenta não parecer nervoso, e fica olhando pelo para-brisa conforme o carro vira na direção sul na Broadway.

– A droga – Cal começa a falar. – Você disse que tinha certeza de que era eficiente.

Richard sacode a cabeça.

– Eu disse que tinha certeza na medida do possível. Tudo ainda é muito experimental. Fui claro quanto a isso desde o início.

– Você disse que, em altas dosagens, as lembranças não voltariam por seis meses, talvez um ano. Não disse?

– Era uma teoria, uma teoria em teste. Por quê? O que aconteceu?

Cal espia por sobre os óculos finos sem armação.

– Ficamos sabendo que não foi bem assim. Que algumas lembranças estão voltando. Um dos nossos foi reconhecido da ilha.

O primeiro impulso do médico é se desculpar ou explicar, e tem que lembrar a si mesmo que não fez nada de errado. A droga sempre foi experimental. Eles sabiam disso. Ele foi claro. Ela só havia sido usada em alguns estudos, na maioria em pacientes com transtorno de estresse pós-traumático, e sua teoria era apenas isso: uma teoria. Quando testaram a alta dosagem, funcionou. Por apenas três semanas, mas funcionou.

– Eu vi funcionar – ele insiste. – Você viu funcionar. Não está mais funcionando. Menos de um mês se passou e alguns deles parecem estar recuperando a memória.

– Sempre foi experimental. Você me pediu para suprimir anos. O tempo que passaram na ilha, algo desse tamanho... nunca foi garantido.

Cal fica mexendo na abotoadura da camisa. Quando fala, sua voz é firme, uma afirmação, não um pedido. Ele nunca pede.

– Vamos precisar de mais.

O médico suspira. Ele observa a cidade passar pela janela, tentando pensar em um jeito de dizer. Ele não pode simplesmente arranjar mais droga, mas eles têm que acreditar que pode. Cal tem que precisar dele.

– Vocês precisam me dar algum tempo – ele diz.

– Não temos tempo.

– Não pode esperar que eu consiga de um dia para o outro. Vou precisar de duas semanas... pelo menos.

– Uma.

Cal faz um sinal para o motorista e o sedan para. Eles não chegaram à esquina da Broadway com a Spring. Em vez disso, pararam na Union Square. O Flatiron Building está a uma quadra de distância.

– Vou tentar.

– Faça melhor do que tentar – Cal diz. – Ou pode ser que acabe indo parar na ilha.

Então ele se aproxima do médico, abre a porta, e faz um sinal para que saia. A chuva está mais forte agora. Os bueiros estão transbordando, a água está subindo até o meio-fio. O médico quer dizer alguma coisa para convencê-lo, para fazê-lo ficar do seu lado, mas Cal olha fixamente para frente. Está esperando-o ir embora.

O médico desce do carro. Está ensopado novamente, a chuva está tão forte que machuca ao atingir a pele. Ele fecha a porta e o carro arranca.

Por alguns instantes, ele fica ali parado, incapaz de se mexer. Pensa nos homens que vieram da ilha e foram tratados por ele, nos que voltaram com os braços rasgados, a pele apodrecendo pela infecção. Um deles tinha uma ponta de lança de mais de dez centímetros enfiada nas costas, quase na coluna. O médico examinou o fragmento ensanguentado. Pequenas farpas haviam sido esculpidas na ponta para impedir que fosse retirada.

O médico respira fundo, deixando o coração desacelerar. Cal e suas malditas ameaças. Ainda estão em sua cabeça quando o carro vira à direita,

desaparecendo de seu campo de visão.

CAPÍTULO TRINTA



– COMO ELAS ESTÃO? – BEN PERGUNTA, olhando para as suas mãos.

Você está olhando para as palmas de suas mãos, vermelhas e esfoladas, o ferimento começando a escurecer. A pele queima onde raspou no asfalto.

– Estão bem – você diz – E eu estou bem... Estou melhor, pelo menos. Aliviada por estarmos longe de Los Angeles.

Quando o táxi te deixou, Ben já estava em casa. Você contou a ele o que aconteceu com o caçador, e ele te conduziu até o jipe antes de partirem para Cabazon. Quanto mais distância havia entre você e Los Angeles, mais conseguia relaxar, fazendo cessar o tremor de suas mãos. Três horas depois, não havia sinal de ninguém te seguindo. Você tem esperanças de que ele não consiga te encontrar aqui.

Ben vira o jipe na faixa principal, passando por outra fileira de casas. Cabazon é uma cidade deserta, com areia alaranjada se estendendo até as montanhas e prédios desbotados pelo sol. Saindo da estrada, há um posto de gasolina com duas esculturas gigantescas de dinossauro. Quando Ben estaciona para encher o tanque, você fica olhando para elas, perguntando-se quantas vezes já passou por elas antes. Por quanto tempo morou aqui? Será que cresceu aqui perto? Será que tem alguém esperando você voltar?

– Só preciso saber alguma coisa, qualquer coisa – você diz, passando os olhos pela estrada de terra. As casas são recuadas, atrás da areia e da vegetação seca, pequenas estruturas retangulares alvejadas pelo sol. Nada nesse lugar parece familiar. – Sinto que meu tempo está acabando.

Sua voz é irregular e você se vira, esperando que Ben não veja o inchaço

repentino em seus olhos.

– Não fale assim – ele afirma. – Você escapou dele duas vezes. É forte e esperta, e a partir de agora vou ficar ao seu lado, onde quer que você vá. Para o que precisar. Aquela policial está juntando as peças. Ela vai encontrar esses caras.

Ben freia na placa de PARE e uma mulher atravessa com dois meninos pequenos, ambos de bicicleta com rodinhas. Você não está usando óculos, e olha nos olhos da mulher pelo vidro do carro, vendo-a atravessar. Só dessa vez, você quer que alguém te reconheça. Está esperando que ela sorria, que ela acene.

Mas eles continuam em frente. Ela diz alguma coisa para os meninos, apoiando a mão nas costas do menor. Ben faz outra curva, dando a volta em mais uma quadra. Vocês passam por uma festa de aniversário no quintal de alguém, decorada com bandeirinhas de papel colorido. Há música tocando.

– Como alguém troca a vida aqui, uma vida normal, pelo que eu estou passando? Como isso acontece?

Ben não responde. Apenas coloca a mão em seu braço ao fazer outra curva, voltando para o centro da cidade. A área principal não deve ter mais de 25 km² e, na última hora, ele foi e voltou por várias ruas, passando por parques e áreas de recreação, escolas, bibliotecas e supermercados. Quantas farmácias você viu? Quantos restaurantes? Você fica analisando a cara dos estranhos, imaginando se os conhecia antes.

O sol está se pondo, o céu é tomado por tons rosados e dourados. Você passa por um shopping, vê alguns anúncios na parede ao lado dele. Um, em especial, chama sua atenção. Ele mostra uma mulher loira usando um vestido branco com paetês, com a inscrição LULA NOIVAS em caligrafia grande e elaborada. A mulher tem uma flor roxa atrás da orelha. A propaganda está desbotada, meio rasgada, mas é familiar. A lembrança surge de repente.

A pintura amarela da casa está descascando. Você coloca o dedo por trás da camada de tinta, arrancando-a, vendo os pedacinhos se quebrarem em sua mão. Você é mais nova, consegue sentir isso, e antes que possa se virar, um garotinho corre na sua direção. Ele tem cabelos pretos, olhos pretos e uma mão cheia de areia, que atira em suas costas.

– Tê peguei! – Então ele vai embora, correndo pelo quintal.

Você corre atrás. Ele não deve ter mais do que cinco anos, mas é rápido. Salta alguns pneus, sentando-se na areia, dá a volta em um aparelho de televisão quebrado que foi jogado ao lado da cerca de arame farpado. Ele dispara para o pátio da frente. Na rua, mais adiante, bem acima de algumas casas velhas, há um

outdoor com a propaganda de um lugar chamado Lula Noivas. A noiva usa sombra roxa nos olhos e um penteado volumoso.

O garoto passa novamente, dando a volta no outro lado da casa, atravessando um buraco na cerca de arame. Você vai atrás, saltando uma escada enferrujada. É a sua casa, isso é claro. Você conhece cada pedra, sabe onde o cachorro cavou buracos, sabe das tábuas de madeira enfiadas atrás da porta lateral.

Você está correndo, e está feliz, rindo, assim como o menino. Ele se vira e seus olhos refletem a luz. Ele sorri mostrando os dentes e, em um instante, você consegue sentir: ama esse lugar e ama esse garoto. Dá a volta na casa, correndo na direção dele, seu irmãozinho.



– Pareceu tão real – você repete. – Ele estava bem ali. Era como se eu estivesse com ele de novo.

Depois que a lembrança cessou, Ben saiu dirigindo, tentando encontrar a casa amarela, mas não encontrou nada. Ela deve ter sido pintada desde então, e a loja de noivas deve ter fechado. Vocês perguntaram, mas ninguém se lembra, e o anúncio não existe mais. O outdoor descascado no centro da cidade é o único indício de que a loja realmente existiu.

– Quando você teve aquela outra lembrança, a sensação foi a mesma? – Ben para no estacionamento da loja de conveniência. A luz fluorescente passa pelo vidro da frente do carro, lançando um brilho estranho sobre o rosto dele.

– Sim, foi tão real quanto essa.

– Foi sobre o quê?

– Eu vi uma igreja, um funeral. Mas não sabia de quem era. Eu estava lendo alguma coisa.

– Então está voltando – ele diz – Sua memória vai voltar.

Ele apoia a mão na maçaneta, te beijando mais uma vez antes de entrar na loja, prometendo que compraria o jantar.

Você pega o bloco de notas no porta-luvas e escreve algumas linhas:

- A casa era originalmente amarela
- Localizada perto da estrada, perto de um outdoor

- Lula Noivas
- Irmão era mais novo, com cabelos e olhos escuros

Você ainda está olhando para as anotações quando alguém bate na janela. O homem deve ter quarenta e poucos anos, com cabelos grisalhos e oleosos, arrepiados para todos os lados. Ele tem um nariz grande e largo, coberto de veias avermelhadas. Os olhos estão vidrados. Você leva a mão à porta, tentando travá-la sem dar muito na cara.

Mas ele dá um tapa na porta.

– Ahhhh, agora você está andando nesse carro bacana e fingindo que não me conhece. Já estou percebendo o que aconteceu. E eu estava aqui, sendo uma pessoa amável e de bom coração. Eu disse “Shorty, cara! Você precisa ajudar ela! Você sabe que ela sempre precisa de alguém para comprar as coisas pra ela!”.

Você o observa pela janela. Ele gesticula com as mãos, batendo na perna de vez em quando para enfatizar. Será que realmente te conhece?

– Do que está falando? Comprar o quê?

O homem se aproxima e pisca.

– É, “o quê”? Eu não vou contar.

– Eu estou falando sério...

– Ainda gosta daquela garrafa grande de uísque? Eu vou lá comprar pra você, mas depois vai ter que me dar um pouco. Não preciso tomar muito hoje, só um pouco.

Você abaixa o vidro, imaginando se é possível que ele realmente esteja te reconhecendo.

– A gente se conhece? De quando?

– Você está me zoando?

– Não, não estou... eu só não me lembro. Não consigo me lembrar de várias coisas. Aconteceu algo comigo.

O homem olha para dentro da loja, e vira novamente para você.

– Você está meio diferente... mas eu sabia que era você. Não te vejo, sei lá, há um ano? Quem é aquele menino?

– Qual é o meu nome?

– Como eu vou saber? Você costumava me procurar, me pedindo ajuda, e um dia aqueles caras estavam falando com você. Você levantou e foi com eles. Nunca mais te vi, até agora.

– Como eles eram?

Ele coloca as mãos no fundo dos bolsos da calça imunda. Depois aponta para o carro, para o console central. Tem uma nota de cinco dentro de um copo de café.

– Pode me ajudar?

Você vê Ben dentro da loja, a cabeça dele perto do corredor de doces. Pega a nota no copo e passa para ele.

– Quem eram? Como era a aparência deles?

– Eu não me lembro. Tinham jeito de bacana! Nunca tinha visto por aqui antes.

– Eu os conhecia?

– Conhecia, estava esperando por eles.

É difícil imaginar. Você queria que ele dissesse que te levaram à força, que você saiu brigando, gritando. Que não foi escolha sua.

– Você já me viu com mais alguém além deles?

– Com um menino. Um pouco mais novo que você.

Você olha para o bloco de notas, para a descrição de seu irmão. Seus pulmões ficam apertados.

– Como ele era? Como era o nome dele?

– Ele parecia um pouco com você, cabelo preto, olhos castanhos, bonitos. Sei lá...

Você anota tudo o que ele diz, tentando ignorar o fato de ele ter te elogiado.

– O que mais? Quantas vezes eu te pedi para fazer isso? Você sabe onde eu morava?

Ele ri, se afastando da janela do carro. Está observando a rua atrás de você, o trânsito. Olha para os cantos do prédio, mas você não sabe ao certo por quê. Alguma coisa deve tê-lo assustado.

Você se vira, notando o segurança do outro lado do estacionamento. O guarda grita alguma coisa que você não consegue entender. Ele faz um sinal com a mão para o cara te deixar em paz.

– Eu só te vi algumas vezes – afirma o homem, já se afastando. – É tudo o que sei.

Conforme ele atravessa o estacionamento, Ben sai da loja com duas sacolas. Ele vê o homem se aproximando de uma mulher na rua, depois volta a olhar para você.

– O que foi? O que aconteceu?

– Aquele cara... ele acha que me conhece – você diz. – Falou que eu costumava vir aqui e pedir pra ele comprar bebida. Ele me viu há mais de um

ano, e eu fui embora com dois homens. Disse que às vezes eu estava com um menino mais novo. Acho que era meu irmão.

Ben entra no carro. Juntos, vocês ficam observando o homem. Ele está sacudindo os braços enquanto fala, com os cabelos caídos no rosto. Grita algo incompreensível para a mulher. Ela tem um carrinho de supermercado cheio de cobertores velhos.

– O que mais ele disse?

– Só isso. Tentei perguntar mais, mas ele ficou me olhando como se eu fosse louca.

Ben olha pela janela.

– Deixa eu ver se entendi... *ele* ficou olhando para *você* como se *você* fosse louca?

Você se vira, vendo o que ele vê. O cara levantou a camisa, mostrando a barriga, com boa parte da roupa de baixo aparecendo nas costas. Dá alguns tapas nas costelas e grita alguma coisa que parece “gelatina!”.

– Entendo o que quer dizer.

Ben aperta sua mão.

– Então é verdade, como você disse. Eles devem ter te encontrado aqui. Você tem um irmão, morava aqui perto. O que a policial disse estava certo.

– É... mas onde? Quando?

Você olha para o bloco de notas, escrevendo a descrição do homem e o endereço exato da loja de conveniência, caso precise encontrá-lo de novo. É difícil saber se deve acreditar nele, mas as peças se encaixam. Você morou aqui. Foi aqui que te encontraram. Você tem um irmão mais novo. Fica pensando onde ele pode estar, se está procurando por você.

Quando Ben deixa o estacionamento, você olha para o homem, acenando um tchau.

CAPÍTULO TRINTA E UM



SÃO QUASE DEZ DA NOITE QUANDO BEN volta ao quarto de hotel. Você está sentada na sacada com vista para a piscina, os sanduíches embalados e as torradinhas de pão sírio espalhadas sobre a cama. Você serviu a garrafa de refrigerante em dois copos.

Ele olha para as duas camas tamanho *queen*, uma ao lado da outra e sorri.

– Que bom que pegamos um quarto com duas camas. Estava preocupado que você tentasse tirar vantagem de mim.

– Você frustrou os meus planos. – Você ri. – O que o cara da recepção disse? Sabia de alguma coisa?

Ben se senta de frente para você e toma um gole de refrigerante.

– Ele disse que aquela loja de artigos para noivas fechou há pelo menos cinco anos. O que vimos deve ser um anúncio antigo.

– Então não tem como encontrar a casa – você afirma. – O outdoor nem existe.

– Não existe mais...

– Então eu *provavelmente* tenho um irmão mais novo... *posso* ter comprado bebida daquele cara. E é *possível* que eles tenham me encontrado aqui, sejam *eles* quem forem. Onde vou chegar com isso?

Você não olha para Ben ao falar, prefere olhar para a pequena piscina. A maioria das espreguiçadeiras está quebrada. Um dos muros externos foi consertado com fita adesiva. Os corredores cheiram a cigarro, os carpetes estão sujos. Parece que há menos possibilidades agora, nessa cidade, nesse lugar.

– Talvez mais lembranças voltem. Talvez seja apenas uma questão de tempo.

– Talvez... – você diz, mas é difícil não se sentir desencorajada. Você viu a casa com tanta nitidez, era tão real. Como pode chegar tão perto e não ter como descobrir onde fica? Por quantas ruas passaram hoje, procurando por ela, com a

esperança de reconhecer alguma coisa? Será que seu irmão ainda está em algum lugar, procurando por você, esperando você voltar?

– Você tinha que vir até aqui – Ben acrescenta. – Se não viesse, ficaria com essa dúvida para sempre.

– Então é só isso que consigo? Uma lembrança passageira, um apelido que não pode ser rastreado? E se isso for tudo que vou saber *para sempre*?

– Talvez não seja tão ruim...

– O que quer dizer?

Ben apoia o queixo sobre as mãos. Abre a boca, mas, por um momento, só fica olhando para você, como se estivesse decidindo o que dizer.

– Sei lá... – ele começa a falar. – É que... eu já quis esquecer algumas coisas. Coisas desagradáveis, coisas que eu preferia não ter que pensar. E pessoas que queria esquecer. Independentemente do que aconteceu antes, das coisas ruins, talvez essa seja sua chance.

– Minha chance de ser outra pessoa?

– É – ele afirma. – De ser quem você quer ser.

Você pensa nas listas do bloco de notas. Todas as vezes que retorna às coisas que sabe sobre si mesma, elas parecem levar a apenas um lugar: você é uma fugitiva. Você esteve em um centro de detenção juvenil. Sabe como fazer coisas ruins, como machucar pessoas. O garoto, aquele dos seus sonhos, é a única pessoa que parece ter se importado com você, e você nem tem certeza se ele é real.

– Sua chance de recomeçar. – Ben olha para baixo quando diz isso, com a voz mais baixa do que antes. – Acho que é mais ou menos o que você tem sido para mim. Tudo parece diferente agora, novo. Quero dizer... depois que meu pai morreu e aconteceu tudo aquilo com a minha mãe, eu me senti meio imobilizado, preso. Era como se nada importasse, como se nada que eu pudesse fazer mudasse alguma coisa, sabe? Mas agora... depois de te conhecer... vendo como você lida com as coisas... eu me sinto melhor. Como se talvez eu não tivesse que ficar quieto e aceitar o que aconteceu. Como se talvez eu pudesse fazer as coisas do jeito que quero, ser a pessoa que eu quero ser.

Você olha nos olhos dele e ambos sorriem. Suas bochechas ficam quentes. Antes que consiga pensar ou questionar, você está de pé, dando um passo na direção dele, diminuindo o espaço entre vocês, aproximando os joelhos dos dele. Você pega na mão de Ben, seus dedos dobrando juntos.

– Está dizendo que gosta de mim, Ben?

Ele joga a cabeça para trás, olhando para você, e sorri novamente. Um

sorriso luminoso, ofuscante.

– É, acho que sim.

Ele se levanta, indo na sua direção, e em poucos passos você está contra a parede. Deixa a mão dele passear pela sua nuca. Pelo seu rosto, roçando os dedos em seu queixo. A outra mão ainda está segurando a sua. Ele a aperta e se inclina, a boca sobre a sua, empurrando sua cabeça para trás.

Para onde quer que você vá, ele está lá. Está te abraçando, passando os lábios pelo seu rosto, tocando suas pálpebras. Ele faz uma pausa, puxando a gola de sua camiseta para beijar seu ombro, apenas uma vez.

Você deixa seus dedos correrem pelas costas dele, deslizando sobre a camiseta, onde sua pele é lisa e macia. Ben leva as duas mãos aos seus quadris, te levantando em um movimento rápido. Ele se vira, girando você para dentro do quarto frio, te colocando sobre uma das camas.

Você fica deitada, vendo-o tirar a camiseta. Ele é alto e magro, tem músculos definidos e a pele ainda bronzada e sardenta do verão. Ele apoia uma mão de cada lado de sua cabeça, abaixando o corpo sobre o seu, te beijando novamente.

– Achei que quisesse sua própria cama – você diz.

Ele ri, soprando seu cabelo. Quando olha nos olhos dele e consegue ver cada mancha de azul e cinza em sua íris.

– Eu mudei de ideia.

– Tem certeza? Eu não queria tirar vantagem de você...

Ele leva a mão à sua cintura, puxando sua camiseta para cima e passando-a pela cabeça, arrancando seu top, dedos alcançando a cintura de suas calças.

– Acho que vou ficar bem – ele afirma.

Você fica sussurrando para ele, questionando...

– Você está bem?... E agora?... – A boca dele chega ao seu ouvido. Uma mão está sobre suas costelas, subindo, massageando seu seio.

– Estou bem, estou mais do que bem... – ele repete. Depois sorri, enterrando o rosto em seu pescoço.



Você está meio adormecida, confortada pela sensação de Ben traçando uma

linha por suas escápulas, passando o dedo por sua coluna, sobre cada vértebra, circulando uma, depois a seguinte. Você puxa as cobertas. Seus olhos estão fechados. Ouve o ritmo das respirações dele, como ficam lentas, depois mudam, pausando como se ele quisesse dizer alguma coisa.

– Podíamos ir pra algum lugar – ele finalmente diz, praticamente sussurrando. – Pode ser melhor pra você ficar fora da cidade.

– Do que está falando?

– Podíamos começar de novo. Independentemente do que fizemos... de quem fomos... ou não fomos... não importa.

– Um recomeço? – Você se vira, olhando para o teto. Ele está observando seu perfil, esperando. Ele sorri.

– É – ele diz – Talvez por um tempo. Vai ser mais seguro.

Você olha para Ben, procurando a mão dele sobre as cobertas, puxando-a para perto do seu coração. Chega mais perto, apoiando a testa no peito dele. A respiração de Ben te reconforta quando você fecha os olhos.

– Um recomeço...

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



SUAS COSTAS ESTÃO NO CHÃO. VOCÊ CONSEGUE sentir as pedras e gravetos sob o corpo, um galho cutuca seu ombro. O homem está sobre você. O queixo dele está cortado e o sangue do ferimento escorre por seu pescoço. Pela primeira vez, você vê os olhos dele, pequenos e azuis-claros, fechando--se bem quando coloca as mãos sobre seu pescoço.

Sua garganta se fecha. Os dedos afundam em sua pele. Você segura os pulsos dele, mas não adianta. Arranha e empurra, mas ele continua pressionando. Todos os músculos do braço dele estão visíveis. As veias se sobressaem sobre a pele. Há um joelho de cada lado de seu quadril. Conforme te pressiona sobre a terra, o sangue escorre do queixo dele para a sua testa.

Seus olhos se fecham. Todo o ar se esvaiu de seus pulmões. Seu corpo está vazio, tomado por uma sensação de rigidez, contorção, quando abre os lábios, tentando respirar mais uma vez. Sente que está cedendo, que está enfraquecendo.

De repente, as mãos dele não estão mais te apertando e você está tentando respirar, puxando o máximo de ar possível. Seu rosto está coberto de sangue. Quando olha para cima, vê o garoto atrás dele. Ele segura um galho grosso, afiado em uma das pontas, a madeira manchada de preto. O homem está caído sobre suas pernas. A nuca dele está sangrando e você consegue sentir o calor do sangue ensofando suas roupas.

Você se afasta, saindo de baixo dele. Quando se levanta, percebe que seu tornozelo está inchado, torcido. O garoto coloca o ombro sob seu braço e começa a correr, te carregando. Ele fica olhando para trás na floresta.

– Temos que ir! – ele exclama. – Eles estão vindo.

Você se vira, olhando para onde ele olha, quando ouve o primeiro tiro.



2h23 da madrugada. Seu coração ainda bate dentro do peito. A luz do poste em frente ao hotel passa pelas venezianas. Ben está dormindo ao seu lado, ainda com os braços esticados, dedos abertos, procurando os seus. Você sai da cama, tomando cuidado para não acordá-lo.

O homem estava lá, na ilha. Você o conhecia. Quando volta a fechar os olhos, ainda pode sentir o pânico crescente enquanto ele te enforcava, o ar preso em seu peito. Ainda consegue ver a cicatriz torta que corta o queixo dele. Ele já te caçou antes.

Você tira o bloco de notas da sacola de lona que está no chão. Segurar a imagem dele na mente, com o sonho ainda fresco, é o suficiente para te dizer tudo o que precisa saber. Você abre em uma página e escreve:

- O homem com a arma tentou te matar antes
- Ele te caçou na floresta (na ilha?)
- O garoto estava lá com você, ele te salvou do caçador

Você se recosta, olhando para a página, absorvendo tudo o que aquilo implica. Você já foi caçada por esse homem. Vocês três existiram em algum outro lugar antes disso. Vocês três... o que significa que *o garoto* é real. Onde ele está? Será que ainda está vivo?

Você anota os detalhes sobre a cicatriz do caçador, o estranho ângulo com que atravessa o queixo. Ele ainda está em Los Angeles, esperando você voltar, esperando ter outra chance. Você pode ir para algum lugar com Ben, mas sempre ficará imaginando se ele vai te seguir até lá. Seja quem for, onde quer que esteja, não existe segurança enquanto ele estiver vivo. Você precisa encontrá-lo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



O BAIRRO FICA VISÍVEL MAIS ADIANTE. VOCÊ reconhece algumas casas na esquina, uma com uma grande buganvília cobrindo a fachada, uma outra com janela de vitral na frente. Enquanto Ben dirige, as placas da estrada em contagem regressiva para chegar a Los Angeles, você permanece em silêncio, repassando tudo. A mulher que te seguiu. A garagem onde encontrou o corpo de Ivan. O homem armado.

Quando Ben vira na entrada de casa, seu celular toca, e a tela do console central do carro pisca “mãe”.

– Droga, preciso atender...

Ele estaciona, pega o celular e desce do carro, atravessando o pátio da frente.

– Oi, eu sei, desculpe – ele diz imediatamente, com a voz cada vez mais distante.

Você pega a sacola no banco de trás e dá a volta até os fundos da casa, sabendo que precisa encontrar Celia Alvarez novamente, falar com ela. Não viu nenhuma notícia sobre aquele prédio, ou sobre a descoberta do corpo de Ivan, nenhuma informação sobre a mulher que foi assassinada sob a estrada. Você precisa saber o que ela sabe, o que descobriu.

É possível que Ivan já tenha sido substituído, que haja outra pessoa te rastreando, seguindo seus movimentos. De que outra forma o caçador teria te encontrado quando estava com Izzy? Mas não há nada com você. Já verificou todos os bolsos da calça, as barras das camisetas, as páginas do bloco de notas.

Encontra a chave reserva e, assim que entra na casa, vai até o computador de Ben, acessando um mapa. Está anotando as coordenadas em um guardanapo quando Ben finalmente desce as escadas.

– Em que ano estamos, 1995? Precisamos comprar um smartphone pra

você. – Ele ri.

– Está tudo bem? O que ela disse?

– Eu preciso fazer uma visita hoje. Ela deixou um monte de mensagens enquanto estávamos em Cabazon, e acho que está surtando. Um professor ligou e falou que eu ando perdendo muitas aulas. Preciso ir até lá e mostrar que está tudo bem. Volto assim que puder, em algumas horas.

– Tudo bem. Quero encontrar aquela policial hoje. Ela já deve ter descoberto alguma coisa a essa altura.

– Você precisa mesmo? – Ben pergunta.

– Não posso ficar aqui sentada esperando ele voltar.

– Promete que vai tomar cuidado?

– Eu sempre tomo... na medida do possível...

Ben te puxa para perto dele. Quando fala, não olha para você, apenas sussurra as palavras em seu pescoço.

– Quando eu voltar... talvez a gente possa simplesmente ir embora.

Você vira a cabeça, olhando nos olhos dele. Na noite anterior, você achou que ele estivesse falando da boca para fora, que não passava de um sonho que discutiriam, mas nunca levariam adiante.

– Ben... você estava falando sério? Você não pode simplesmente abandonar sua vida.

– Que vida? O que eu tenho aqui?

– Escola. Amigos.

Ben pega um frasco de remédio tarja preta na mesa de centro.

– Amigos? Tenho pessoas que compram drogas de mim. Às vezes eles vêm assistir os Dodgers e fumar um baseado. Às vezes eu vendo os remédios antigos da minha mãe.

– Ben...

Ele coloca o braço sobre os seus ombros, apoiando o queixo em sua cabeça e dando um beijo em sua testa. É tão doce e simples que te dá vontade de chorar.

– Eu volto à tarde – Ben diz – Apenas pense a respeito, certo? Temos um carro, temos dinheiro. Podemos ir pra algum lugar onde ninguém seja capaz de te encontrar.

Você fecha os olhos e fica imaginando. Você e Ben em uma praia, o sol brilhando, tudo isso ficando para trás, não passando de uma lembrança distante. Você sente o cheiro dele, absorve-o todo, deixando o rosto afundar na camiseta. Não sabe nem se isso é possível, se há algum lugar onde não possam te encontrar. Só há uma saída. Você sabe disso, bem lá no fundo, mas não pode dizer em voz

alta. Não para Ben.

– Está bem. – Você concorda com a cabeça. – Vou pensar.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



A JANELA ESTÁ ABERTA E VOCÊ SENTE o aroma doce do molho de amendoim da comida tailandesa. Observa Celia andando pela cozinha, segurando o vasilhame de plástico com uma mão enquanto lê a revista sobre o balcão. De vez em quando, ela mergulha os palitinhos no macarrão e solta uma pequena quantidade na boca.

Quando você bate na porta dos fundos, ela leva a mão à cintura e segura o cabo da arma, até notar que é você.

– Esperava que me encontrasse – ela disse, abrindo a porta, trancando-a imediatamente depois que você entra. – Você está bem?

– Estou, por enquanto.

Ela parece diferente aqui, nessa pequena casa de estilo espanhol com luzes penduradas na varanda de trás. O cabelo escuro molda o rosto dela. Ela usa uma camiseta de gola em V e jeans, com um coldre na cintura.

– Estava preocupada.

– Estou bem... – você diz, sabendo que não é totalmente verdade. Mas isso não importa agora. – Preciso saber. Encontrou o corpo?

Celia atravessa a cozinha e puxa uma pasta da prateleira que fica em cima do escorredor de pratos. Dentro dela, há um bloco de papel amarelo com rabiscos ilegíveis.

– Você estava certa... ele estava lá. A autópsia vai ser feita hoje à noite. No momento, estão tentando esconder da imprensa. É difícil saber o que pensar disso.

– Eu já falei o que devem pensar. Que outras provas precisam? É o Ivan. Conte pra você que ele tinha sido pego, e agora, está morto.

Celia bufa.

– Sei disso, mas eles não. No fim, o nome dele não era Ivan. Era Alexi Karamov. E ele não tem nenhuma conexão óbvia com criminosos, nem mesmo com o local das rinhas de cães. Não conseguimos achar uma pessoa sequer que

tenha tido problemas com ele.

– Então é isso? Outro beco sem saída? – Você não consegue conter a irritação na voz. Isso deveria ter sido a prova de que você estava falando a verdade. O meio de fazer com que acreditassem em você. E agora? O que mais pode fazer?

Celia folheia as páginas, franzindo as sobancelhas.

– Tenho que perguntar uma coisa – ela diz, olhando para a pulseira de couro que Ben emprestou. – Posso ver seu braço?

Você sente um aperto na garganta.

– Por quê? O que é isso agora?

– Você disse que pessoas estavam te caçando, certo? – diz Celia. – Então fiz uma busca pelos registros de indigentes mortos, homicídios sem solução espalhados pelo país. Encontrei dois casos diferentes, um em Seattle e um em Nova York. Dois corpos apareceram com as mãos direitas amputadas na altura dos pulsos. Ambos eram adolescentes, não muito mais velhos que você.

– Eram jovens...

– Sim. E ambos tinham ficha criminal. As pessoas estão dizendo que isso talvez tenha relação com gangues, talvez seja um assassino em série, mas sei que não é nada disso. Não depois do que você me contou.

Você tira a pulseira e mostra a ela o pássaro em seu pulso. Mal consegue falar, mal consegue respirar, quando ela passa os dedos sobre ele, analisando os números marcados.

Ela pega o celular.

– Posso tirar uma foto?

Você concorda e ela tira algumas, dando um *zoom* nos números e letras. Você achava que podiam ser suas iniciais, o dia de seu aniversário. Achava que podia ser algo que você mesma escolheu, que tivesse algum significado que até agora não conseguiu entender. Mas, no fundo, tinha que ter percebido a verdade. É apenas uma marca... sempre foi uma marca. A forma que eles acharam para te identificar.

“Você não é ninguém.” O pensamento está ali, e você não consegue se livrar dele. “Você não é ninguém.”

Celia deve ter notado algo no seu rosto, porque se aproxima, coloca a mão no seu ombro e puxa você para perto dela.

– Vamos descobrir tudo – ela diz. – Eu prometo. Logo vai acabar.

Você concorda com a cabeça, querendo acreditar nela. Ao se afastar, aperta os olhos com os dedos, embaçando a vista.

– Vim até aqui porque preciso saber quem são eles.

– As pessoas que foram atrás de você?

– Isso... descobriu alguma coisa? Tem que existir algo, em algum lugar, sobre a mulher que estava me perseguindo. Como uma pessoa morre no meio de Los Angeles sem deixar rastros?

Celia concorda e, pela primeira vez, parece cansada.

– Eu sei, estive procurando. Procurei em todos os registros de óbitos e homicídios, mas...

– E pessoas desaparecidas? Alguém próximo dela pode não saber no que estava envolvida. Talvez tenham acionado a polícia.

Celia anota alguma coisa no papel.

– Vou conferir. Te mantereí atualizada.

Ela então vai até o armário em cima da geladeira e pega um saco de papel.

– É o melhor que posso fazer no momento – ela diz, entregando-o para você.

Você o abre. Dentro dele, há outro frasco de spray de pimenta, um canivete automático e um pequeno celular prateado. Depois de tirá-lo do saco, você fica girando o telefone com a mão.

– É impossível de rastrear – ela diz. – Pode usar por trinta dias... chamadas, mensagens de texto, qualquer coisa. Mantenha com você. Se souber de qualquer coisa, aviso.

– Obrigada – você diz.

Celia pega as chaves de cima do balcão.

– Deixa que eu te dou uma carona pra algum lugar.

Sua primeira reação é dizer não, que ficará bem, que ela já fez o bastante. Mas mesmo sob a luz do dia, você se sente desconfortável, como se seu tempo já estivesse quase acabando.

– Só até o ponto de ônibus – você diz. – Estou voltando para a região leste.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



TODAS AS LUZES DA CASA DE BEN estão apagadas. Ele ainda não voltou. Assim que entra, sozinha no silêncio, você não tem certeza do que fazer. Pode tomar um banho. Pode arrumar as poucas coisas que tem e se preparar para partir com Ben, esperando que eles não te encontrem onde quer que vá depois. Será mesmo uma opção?

Você atravessa a porta dos fundos e se aproxima da edícula. Há um bilhete adesivo cor-de-rosa colado na janela da frente. Nele está escrito “Que merda é essa? – I” repetidas vezes.

Izzy. Você fecha os olhos e consegue vê-la ali, com a expressão confusa enquanto você saía correndo no meio da rua. O que ela está pensando de você agora? Não deveria importar, ela está voltando para Nova York Mas, ainda assim, você se sente responsável de alguma forma, como algo errado que precisa consertar.

Você pega a chave reserva que Ben te deu e vai para o outro pátio. Quando chega à varanda dela, bate na porta, ouvindo a música lá dentro. Mims atende. Ela tem os olhos azuis bem claros, dando a impressão de que vê através de você. O rosto está relaxado. Ela sorri sem sorrir.

– Você deve ser a Sunny – ela diz – Izzy falou de você.

Ela põe a mão em seu ombro e a acompanha.

A casa é bem iluminada. Há um aparelho de som no canto, tocando uma música lenta que você não reconhece. Uma tábua de corte está sobre a mesa, com fatias de maçãs e beterrabas espalhadas por cima. Mims joga um punhado na centrífuga.

– Só passei pra dizer oi...

– É amiga do Ben, né? É bom que ela conheça algumas pessoas por aqui quando vier me visitar.

– É. – Você força um sorriso, imaginando onde estará quando Izzy vier

novamente para Los Angeles. Se ainda estará por aqui. Se ainda estará viva. – Ela está?

– Lá dentro. – Mims aponta para um corredor que dá para a sala. A casa dela é menor e mais esparsa que a de Ben. Há uma mesa de centro baixa, cercada por travesseiros e almofadas coloridas para que as pessoas sentem no chão. No canto da sala, há estátuas em um pequeno altar. Elefantes e Budas se amontoam na estante de livros e ao longo do peitoril da janela.

Você vira à direita no fim do corredor, e assim que chega na porta do quarto de Izzy, sente o cheiro: uma mistura de maconha e incenso. Nem se dá ao trabalho de bater.

– Que merda...? – Ela apaga um baseado no cinzeiro. – De onde você saiu?

– Sinto muito pelo outro dia.

Izzy tira o cabelo preto do rosto e faz um coque, expondo o lado onde a cabeça está raspada. Ela dobra as pernas junto à barriga e apenas olha para você, sem piscar. Um olhar frio.

– Tem que sentir mesmo. Fugiu de mim.

– Fiquei assustada.

– Com o quê? – Izzy ri. – Foi esquisito, e gosto de coisas esquisitas. Mas aquilo foi esquisito demais até pra mim.

Izzy parece estranha aqui, nesse quarto de hóspedes, com um simples lençol branco e um cobertor verde-azulado jogados no pé da cama. Não há nada nas paredes. Suas roupas e coisas estão empilhadas em cadeiras e no chão.

– Só queria me despedir.

Ela não tira os olhos de você. Aponta para a beira da cama, dizendo para você se sentar.

– Acho que está me mantendo em suspense, né? Sei que só passamos dois dias juntas, mas não sou uma idiota completa. Sei que tem alguma coisa acontecendo.

– Não posso dizer, Izzy.

– Eu entendo. Mas você tem que saber pelo menos uma coisa antes de ir... – ela faz uma pausa. – Vi você.

Sua primeira reação é pensar na imagem da câmera de vigilância, mas então fica confusa. O rosto de Izzy não revela muita coisa. Ela segura a ponta do piercing, girando-o de um lado para o outro entre os dedos.

– Não sei do que está falando.

– Vi você perto da piscina naquele dia. Ia roubar minha carteira.

Você respira, mas não consegue puxar ar o suficiente. Daria qualquer coisa

para desaparecer agora, fechar os olhos e sumir, para longe desse quarto, para longe do olhar de Izzy.

Você se vira.

– Não sei o que dizer...

– Não estou contando isso pra você se sentir uma merda. Estou contando porque você não parece ser o tipo de pessoa que roubaria, a não ser que realmente precisasse. – Izzy estende a mão na direção da gaveta do criado-mudo. Puxa algumas notas de vinte da carteira e te dá. – É tudo o que tenho. Pode pegar.

– Izzy... por favor, não. – Até olhar para ela é difícil. Você desvia os olhos para o chão, para uma pilha de garrafas que despontam debaixo da cama, para as roupas amassadas, para qualquer lugar, menos para ela. Sente como se estivesse se encolhendo para dentro de si mesma.

– Não é grande coisa, pega. Você está precisando, pega.

Seu corpo inteiro fica vermelho, e o quarto, mais quente do que antes. De todos os momentos para fugir, quer sair agora, partir, nunca mais voltar. Está olhando para os pés quando ouve um som baixinho de alarme.

– O que é isso? – você pergunta.

– Não é meu – diz Izzy, e aponta para o seu bolso.

Você sente algo nos quadris, e lembra-se do celular que Celia te deu. Quando o puxa para fora, vê que tem uma mensagem.

Nenhuma pessoa desaparecida se encaixa na ordem dos acontecimentos, mas achei o relato de um carro abandonado por dias em um terreno no Riverside. Registrado em nome de uma mulher de quarenta e poucos anos. O marido diz que ela viajou a trabalho e veio retirar o carro, mas me parece estranho. Segue uma foto dela – Hilary Goss. É essa a mulher que te perseguiu?

Você desce até a foto da mulher de cabelo e olhos castanhos. Está olhando para você, com o rosto tão nítido quanto naquele dia na viela. Está maquiada e usa o medalhão prateado no pescoço. Você a reconheceria em qualquer lugar.

Izzy ainda está olhando para você.

– Sério, desde quando você tem um celular?

– Preciso usar seu computador... – Você levanta da cama e revira as roupas dela na cadeira, procurando pelo laptop.

Ela o tira do criado-mudo e te entrega.

– Por quê?

Você o abre e escreve o nome que aparece na mensagem de Celia, com as mãos tremendo. Hilary Goss. Los Angeles.

– O que está acontecendo? Está me assustando.

Você rola a tela e, por um instante, sente um aperto nos pulmões, uma pressão no peito diferente de tudo o que já sentiu antes. Vê um artigo do *Los Angeles Times* sobre um leilão beneficente. Confere a legenda duas vezes, não querendo acreditar. *Hilary e Henry Goss organizam leilão beneficente em sua casa em Los Feliz*. Eles estão na frente da casa, ela com um vestido leve, ele de gravata e terno bem passado. Estão sorrindo. Você não consegue parar de olhar para ele. Os mesmos olhos. O mesmo rosto pálido e anguloso. A mesma cicatriz torta cruzando o queixo.

Henry Goss é o homem que está te caçando.

O nome da rua é citado na matéria. Em minutos, você já tem a rota planejada. A casa está, no máximo, a três quilômetros de distância, talvez menos. Deve conseguir reconhecê-la a partir da foto.

– Sinto muito, tenho que ir. – Você entrega o computador a Izzy, tentando conter a agitação em suas mãos. Quando se levanta para sair, ela te segue.

– O que quer dizer? O que está acontecendo?

Em poucos passos, você chega ao corredor do lado de fora do quarto, e depois, à porta. É uma mentira patética, mas diz mesmo assim:

– Nada.

Você a ouve parando no fim do corredor. Ela olha para suas costas, como se um simples olhar pudesse fazê-la se virar. Você continua, atravessando a sala de estar vazia, fechando a porta ao sair.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



A CASA É CERCADA POR UM PORTÃO alto de metal. A câmera de vigilância aponta para a rua. Você fica atrás dela, movendo-se rente ao muro até o ponto onde um limoeiro se curva sobre a propriedade.

Escala o tronco da árvore, agarrando-se ao monte de folhas acima, mas ele se curva e os galhos retorcidos se juntam, o que deixa difícil ir muito mais longe. O pátio abaixo está vazio. Não há nenhuma câmera desse lado da casa. Você apoia o pé no topo da grade de metal e se solta, e acaba pendurada do outro lado. É uma queda de quatro metros e meio. Você cai pesadamente, e logo sente uma dor lancinante no tornozelo.

O sol reflete nas janelas e é impossível dizer se as luzes estão acesas, se há alguém lá dentro. É uma enorme mansão em estilo espanhol, com paredes ásperas de estuque e telhas de cerâmica vermelha. Você dá a volta até os fundos, onde uma cascata falsa corre por algumas pedras e termina em uma piscina. Você procura pelo canivete no bolso.

A porta corrediça dos fundos está trancada. Colocando o rosto contra o vidro, pode ver que a cozinha está vazia. Não há nada nas bancadas. Não há absolutamente nada em cima da mesa. Do lado da casa, há outra porta, com um vitrô na parte superior. Os vidros têm apenas quinze centímetros por dez, e ficam a dois centímetros da maçaneta. Você pega uma pedra no jardim próximo e mira na fina vidraça. Com um golpe rápido, ela se quebra, e sua mão está do lado de dentro abrindo a fechadura.

Não há alarme – pelo menos nenhum que se possa escutar. Está ciente de que deve ter apenas dez minutos, talvez menos, de que deve fazer tudo o mais rápido possível. Não se ouve nenhum som na casa. À direita da cozinha há uma enorme sala de estar com um sofá de couro, cadeiras, um tapete de pele de zebra. Sobre a lareira, a cabeça empalhada de um felino cheio de pintas. Você se

aproxima para examiná-la. Só quando a toca tem certeza de que é real. Há quanto tempo eles caçam? Onde? Desde quando matar animais não é mais o bastante para eles?

A parede ao lado da escada está coberta de quadros. Há vários diplomas: de faculdades de Administração e Direito, e prêmios de desempenho profissional. Você sobe a escada em espiral até o andar de cima. Há um expositor de vidro no final de um longo corredor. Está repleto de armas de tamanhos diferentes, alguns rifles, algumas de cano curto – como aquela que a mulher, Hilary Goss, carregava no dia em que te perseguiu.

Você passa por dois quartos. Tanto no primeiro como no segundo não há nada sobre a cômoda. As camas estão feitas e os armários quase vazios, exceto por algumas malas velhas. Você cruza o corredor até um escritório voltado para a entrada da casa. Há papéis empilhados na mesa. Você os examina, procurando algo que revele mais sobre o jogo.

Há contas e contratos, e a maioria parece ser relacionada aos negócios de Hilary Goss. Parece que ela trabalha com finanças, por causa do papel timbrado de uma empresa chamada Robertson Arthur, detalhando uma fusão recente. É tudo igual, todos os papéis. Os arquivos estão todos trancados. Há uma premiação enquadrada, encostada na borda da janela, datada de menos de duas semanas atrás, concedida a ela. **HILARY GOSS – EM RECONHECIMENTO AO EXCELENTE DESEMPENHO**, é o que diz.

Você vai até o quarto principal. Puxa as gavetas da cômoda, colocando-as no chão, revirando as camisetas e meias. Uma a uma, você as examina, mas não há nada a não ser roupas. Você revista os armários, empurrando os cabides. Recolhe pilhas de suéteres, procura embaixo das prateleiras, passa o dedo pelas bordas de cada uma delas para ver se deixou de notar algo.

Confere mais uma vez uma prateleira no alto até que suas mãos param em um par de calças. Estão dobradas, formando um quadrado perfeito. Não saem do lugar. Você puxa e empurra, mas ainda assim não consegue tirá-las de lá. Só quando as levanta é que descobre uma alavanca. São parte de um compartimento secreto na última prateleira do alto.

Você pega a poltrona de um canto e a arrasta até o guarda-roupa para usar como escada. Do alto, consegue ver como a prateleira foi esculpida. As calças estão presas a um fino pedaço de madeira que pode ser erguido. Quando o move para o lado, vê um envelope amarelo sob ele.

Você senta no chão, segurando o envelope como se fosse feito de vidro. Há uma pasta com um logotipo: **GRUPO A&A**. Primeiro, você esvazia o envelope,

derrubando algumas fotos em papel brilhante no chão. É você. A primeira delas mostra apenas seu rosto, com cabelo preso, seu lábio superior inchado e sangrando. Está olhando diretamente para a câmera, mas não tem nenhuma lembrança de quando ou onde foi tirada. As duas fotos seguintes são closes de suas cicatrizes: a que tem no pescoço e uma em forma de lua crescente, perto do tornozelo esquerdo. A terceira é um *zoom* da tatuagem em seu pulso. Todas estão identificadas como PÁSSARO NEGRO. Todas têm o logo do Grupo A&A no alto.

No verso da primeira, há um parágrafo impresso.

Pássaro Negro: Alvo de Los Angeles

Pássaro Negro tem sido um de nossos alvos mais evasivos. Ela sobreviveu aos quinze dias inteiros na ilha, fazendo aliança com outro alvo e ferindo dois caçadores. Ela é inteligente e astuta. Incrivelmente rápida, correu mais que qualquer caçador que a perseguiu. Habilidades incluem: rastrear, manipular facas e desarmar.

Você folheia a pasta, tentando encontrar mais informações sobre o seu passado. Não há nada. Nenhuma explicação sobre quem era antes, de onde veio. Onde era a ilha? Será que a tal “aliança com outro alvo” se refere ao garoto que te salvou?

A pasta está cheia de relatórios. Você não tem tempo para ler tudo. Examina-os rapidamente e nota um contrato entre Hilary Goss, Henry Goss e a empresa. Mas é a carta atrás dele que arrepia os pelos de seu braço. O cabeçalho indica que é do Grupo A&A. É dirigida apenas a Henry, datada de menos de uma semana atrás. *Devido à natureza da morte de sua esposa e de seu histórico com o alvo na ilha, seu pedido foi atendido. Você foi realocado ao caso “Pássaro Negro”. De acordo com o Vigia, ela está em boas condições de saúde física e mental. Sua caçada recomeçará no dia 21 de setembro, à meia-noite. Espere pelo contato de seu Articulador, que fornecerá informação sobre a localização de seu alvo.*

Você sente um aperto no estômago, e suas mãos ficam geladas. Ivan era seu Articulador, te rastreando por diferentes localizações e relatando seu paradeiro. Você era o alvo de Hilary, mas, quando ela foi morta, o marido foi realocado para o seu caso – ele *perdiu* para ser realocado. Mas quem é o Vigia? O homem

de boné preto, a quem Ivan se reportava? Como o caçador te encontrou na segunda vez, naquele dia em que andava com Izzy? Você relembra todo mundo que viu enquanto andava, até o homem que oferecia o teste de estresse gratuito, e então percebe: aquela garota na frente da loja de alimentos saudáveis entregou um cupom para Izzy. Que ficou no moletom dela enquanto andavam. Deve ter sido assim que te rastrearam.

Você para quando ouve um barulho vindo do andar de baixo. Olha ao redor, prestando atenção em todas as janelas do quarto. Há uma porta aberta atrás de você, um banheiro à sua esquerda. Você enrola os papéis, enfiando-os na parte de trás da calça. E então pega o canivete.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



QUANDO COMEÇA A ATRAVESSAR O CORREDOR, VOCÊ ouve uma voz familiar.

– Que diabos?

Izzy está parada no alto da escada. Ela olha ao redor, espia o quarto principal e vê as gavetas viradas e as roupas espalhadas pelo chão.

– Era isso o que tinha pra fazer? Não podia esperar? Tinha que vir roubar essas pessoas?

– Izzy, temos que cair fora daqui – você diz.

– É, pode apostar que sim. É isso que vem fazendo? Está roubando casas?

Ela nem terminou a frase quando você ouve. É o som metálico dos portões abrindo. Você se vira para o escritório para olhar para a entrada. O carro dele – o mesmo Mercedes que tinha te seguido – para bem na frente da porta. Você se volta para Izzy, agarra o braço dela e a puxa na direção da escada.

– Venha comigo – você diz. – Não diga nada. Só não faça nenhum barulho.

– O que é? – Ela tenciona o braço que você segura. – Qual o problema?

Você vira novamente, olhando para a janela, mas o carro está vazio. Ouve-se o som de uma chave na fechadura. E então a porta no andar de baixo se abre.

– Ele está aqui.

– Conhece essas pessoas? – Izzy sussurra.

Não há muito tempo. Você arrasta Izzy até o closet no corredor, fazendo sinal de silêncio com o dedo junto aos lábios. Fecha a porta com cuidado. Mal deu alguns passos quando ele aparece ao pé da escada. Ele levanta a calça e puxa uma pistola do coldre escondido na panturrilha. Entretanto, não a aponta para lugar algum. Não sobe as escadas correndo. Apenas sorri, como se estivesse o tempo todo esperando por você.

– Sentiu minha falta? – ele pergunta.

Ele sobe as escadas devagar, indo em sua direção. Você tem consciência de

que Izzy também está no closet, logo atrás de você. Não pode deixá-la ali. Mantém seu corpo posicionado entre ele e a porta, sabendo que tem que afastá-lo daquele lugar.

– Eu lembro do que fez na ilha – você diz, ciente do canivete que leva no quadril. Ele ainda não está perto o bastante para que tenha alguma utilidade. – Você cortou o seu queixo. Estava me sufocando. Lembro de você.

Goss sacode a cabeça.

– Ouvi dizer que alguns de vocês estavam recuperando a memória. Tentei encarar como um incentivo para matá-los mais rápido, antes de quaisquer complicações.

– Então, vá em frente – você diz – Se me quer morta, por que esperar mais?

– Porque essa é sempre a parte mais triste – ele diz – Bem no final. Porque todo o tempo, toda a espera... acaba. Haverá satisfação, é claro, mas a diversão está na expectativa.

Ele chega ao topo da escada e se encosta casualmente no corrimão, a poucos centímetros de você. Ele ainda empunha a arma, que mira logo abaixo de seu coração.

– Então se lembra da ilha? Eu te rastreei por cinco dias, até o final. Todos disseram que era impossível te capturar, mas eu sabia que já tinha quase conseguido. Passei perto. Descobri onde você ficava com aquele garoto, aquele abrigo que fez. Sempre estive apenas algumas horas atrás de você.

– O garoto?

Goss ri.

– Não o trouxe com você, trouxe? Costumavam trabalhar como uma dupla naquela época. Cal acha que foi a única razão de você ter sobrevivido.

Ele dá mais dois passos. Você avança um pouco, escondendo a lateral do corpo. Leva a mão até o quadril, buscando o cabo do canivete.

– Sobrevivi novamente, aqui. Duas vezes.

– É mais difícil matar aqui, você sabe disso. São muitas as possibilidades de que alguém veja. Mas na ilha parecia... não haver limites. Liberdade total. Eu te rastreei até a costa norte. Você estava embaixo, naquelas pedras, dormindo. Foi onde te encontrei. “Mato a garota enquanto dorme? Ou espero que ela acorde e me veja, pra conhecer o medo, pra ver enquanto acontece?” Eu atirei contra as pedras pra te acordar. Mas foi um erro. Quando voltei a atirar, você já tinha se levantado e estava pulando do penhasco para mergulhar.

Ele está mais perto agora. A arma ainda aponta para você. Você poderia cobrir aquela distância com três passos. Tenta calcular a velocidade que

conseguiria atacar, a eficiência, quando ouve um barulho dentro do armário atrás de você. Goss vira os olhos na direção da porta.

Ele não hesita. Levanta a arma e dá um tiro bem no centro. Você ouve o grito baixo e abafado de Izzy, e algo dentro de você se despedaça. Você ataca, fincando o canivete na lateral do corpo dele.

Ele cambaleia para trás, perdendo o equilíbrio, e escorrega pela escada. Uma perna cede, e ele rola de lado. Na curva da escada, para na parede, batendo a cabeça.

Você abre o closet. Izzy está encolhida no canto, pressionando a lateral do corpo com a mão, os dedos cobertos de sangue. Há um pequeno buraco em seu moletom, logo abaixo das costelas.

Você enfia o ombro sob o braço dela, ajudando-a a se levantar. Do outro lado do corredor, há uma escada estreita. Você a leva naquela direção, ouvindo Goss lá embaixo, seus murmúrios atordoados enquanto se levanta.

– Tem que tentar andar – você diz – Sei que é difícil, mas tente.

Você a apressa para que desça pelo caminho estreito até uma sala lateral. Está na parte de trás da casa agora, e o jardim oferece alguma cobertura. Vai em direção a um portão que dá para a encosta da colina.

Ouve uma porta abrir em algum lugar atrás de você. Ele está de pé de novo. Está te seguindo. Você levanta Izzy, todos os seus 45 quilos, e corre o mais rápido que pode, sentindo os papéis caindo de seu bolso traseiro. Não há tempo. Você empurra o portão de metal e desce a encosta.

Você escuta Goss dando a volta na casa, tentando descobrir para que lado foi.

– Nunca conseguiremos – diz Izzy.

Ela levanta a camiseta e analisa o ferimento, pressionando os dedos contra a pele, como se não tivesse certeza de que é real. Você sacode a cabeça e continua correndo, desejando que fosse você no lugar dela. Deveria ter sido você.

A casa fica em uma colina e você encontra um caminho de terra que leva para baixo. É tão íngreme que você não para de escorregar. Ao longo da parte de trás da propriedade, há eucaliptos cujos troncos retorcidos se alongam na direção do céu. Não consegue ouvi-lo atrás de você. Será que foi para o outro lado?

Assim que você dá a volta na cerca, fora de vista, coloca Izzy sentada. Ela se encosta em uma árvore, ainda pressionando o ferimento com a mão.

O cabelo dela gruda na pele. O rosto se contorce de preocupação e ela respira com dificuldade. Observando-a, sabe que ela poderia morrer aqui. Ela *morrerá* aqui se não fizer alguma coisa.

– Você vai ficar bem. Ele está atrás de mim – você diz –, não de você. Vou

buscar ajuda. Continue pressionando. Não se mova. Continue acordada.

Você coloca a mão sobre a dela, apertando o ferimento. A mancha vermelha se espalha embaixo de seus dedos. O tecido está totalmente ensopado.

– Vou buscar ajuda – você repete. – Eu prometo, Izzy.

Ela sacode a cabeça levemente e fecha os olhos.

Você corre, cortando a íngreme colina o mais rápido que pode. Cada músculo de suas pernas queima, mas você continua, avançando até chegar à rua. Você não para. Estica o pescoço e ele aparece atrás de você, a uns noventa metros de distância. Está no final da rua, esperando.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



ELE ESTÁ PRESTES A ATIRAR QUANDO VOCÊ vira repentinamente para a esquerda, cruzando o jardim de um vizinho. Pula uma cerca baixa de pedra, e aterrissa com os tênis escorregando na terra. Você se agarra às moitas e trepadeiras, tentando se manter em pé, mas é inútil. Você cai, escorregando, derrapando, raspando as pernas nas rochas. Quando desliza um pouco mais para longe, agarra as raízes de uma árvore morta. Você se segura ali, olhando para trás. Acima, o muro está vazio. Ele não te seguiu.

Você vai descendo o resto do caminho. Segura galhos e trepadeiras e se agarra a raízes mortas, encaixando os pés nas frestas e saliências entre as rochas. Quando chega lá embaixo, a rua está vazia. Não há nenhum carro estacionado. Todas as casas se escondem atrás de enormes portões, e são tão recuadas que nem consegue vê-las.

Você puxa o celular do bolso, grata pelo presente e pela ajuda de Celia. Assim que a atendente responde sua ligação, as palavras vêm grudadas em um fluxo ofegante.

– Minha amiga levou um tiro. Ela está na avenida Glendower, 2187. Atrás da casa, perto do fundo do quintal. Ela está sangrando... precisa de ajuda agora.

Você não pode esperar por uma resposta. Quando tem certeza de que eles entenderam a informação, desliga o telefone e continua correndo. A casa de Ben fica a vários quilômetros para o leste, e você sabe que conseguirá escapar de Goss assim que estiver em um lugar com mais gente, onde ele não possa atirar sem ser visto. Só tem que chegar ao bulevar, duas ruas para baixo.

Você corre, mantendo-se no canto da rua. Alguns minutos se passam, talvez mais, até que o ouve atrás de você. Olhando para trás, avista-o correndo perto da calçada. Ele agora usa um chapéu e óculos escuros. Você faz um ziguezague, tentando se esquivar, e ele mira.

Ainda correndo, você sobe na calçada, sem entender por que alguns

segundos se passaram e ele não atirou. Então escuta o som de um motor vindo de trás. Você se vira. Uma van vermelha parou rente ao meio-fio.

Na lateral está escrito STARGAZER TOURS em letras de fôrma. Entre os bancos cheios de pessoas, um homem vai e vem com um microfone, apontando para uma casa atrás de um portão. Ele menciona algum ator de filmes de ação, e então fala alguma coisa que faz as pessoas rirem. Atrás dele, Goss parou perto de uma caixa de correio. A arma agora está escondida. Ele anda devagar, de forma metódica, em sua direção. A van não sai do lugar.

Você sabe que é sua chance. Enquanto as pessoas estão de costas, observando a casa, você corre. Não olha para trás. Apenas segue até que a rua desemboque no bulevar abaixo, com um grande fluxo de carros ao seu lado.



Quando chega à casa de Ben, não o encontra lá. Quer esperar por ele, explicar, mas não há tempo.

Revira as gavetas dele, buscando cheques, dinheiro, qualquer coisa que seja útil. Encontra dois cartões de crédito, que põe no bolso. Vai ser o suficiente para pagar uma corrida de táxi ou uma passagem para sair de Los Angeles. Você se lembra da foto, da identificação “Alvo de Los Angeles”. Há outros alvos em outras cidades, pessoas sendo caçadas pelo país inteiro, talvez no mundo inteiro. Onde esses alvos estão agora? Será que algum deles se lembra do que aconteceu? Sabe no que está metido?

O jogo é elaborado, a rede é gigantesca, você percebe agora. Goss é apenas um caçador entre muitos. Precisa sair daqui, precisa ficar viva tempo o bastante para decidir qual será seu próximo passo.

Algumas notas de dólar estão perdidas no fundo da gaveta. Você pega o dinheiro, junto com um pote de vidro cheio de moedas que está ao lado do sofá. Assim que o coloca debaixo do braço, sente-se mal. Imagina Ben ali, percebendo que o cofre não estão mais lá, que você levou tudo.

Está quase na porta dos fundos quando vê o computador dele sobre a mesa da cozinha. A ideia de não dizer nada, de não se despedir... é horrível. Você abre o laptop para escrever uma mensagem.

Está procurando por um documento para escrever quando nota. Uma pasta

no canto da área de trabalho com o nome gaa.

gaa.

Grupo A&A.

Você abre a pasta e há centenas de documentos dentro. Você clica em uma imagem sua. É a mesma da foto na casa de Goss. Você olhando para a câmera. Você já parece meio morta.

Sente que a cozinha encolheu, que as paredes se movem em sua direção. É difícil demais respirar. Você se lembra do dossiê. O Vigia. Ben sabia o tempo todo. Ele trabalha para as pessoas que estão atrás de você. Que estão tentando te matar. Ele é o seu Vigia.

Você não tem certeza de quanto tempo ficou ali quando a maçaneta gira. A porta se abre. Ben entra, todo sorridente.

– Ei, gata.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



– FOI BOM EU TER IDO – Ben diz, jogando as chaves na mesinha da entrada. – Ela ficou chateada porque não atendi o telefone, por causa de todo o negócio no colégio. Jurei que estava indo bem. Volto em três semanas, quando ela receber alta. Até lá... sou todo seu.

Ele coloca as mãos em seus ombros e pressiona os dedos contra sua pele, massageando os músculos. Mas você está congelada sob seu toque. Porque acaba de perceber como as mãos dele estão perto do seu pescoço e como a mesa da cozinha está longe da porta.

– Qual é o problema? – Ele se abaixa, olhando para o seu rosto. – Tudo vai ficar bem, prometo. Podemos sair agora, preciso só de mais um ou dois minutos.

Você se levanta, saindo de perto dele.

– É muita coisa pra processar – você diz. – Só isso. Deixa só eu pegar minha bolsa na edícula.

Você não olha para ele enquanto sai. Não consegue. Em vez disso, corre para a porta, quase fora da cozinha, quase no corredor.

– O que é isso? – Ele pergunta, pegando o pote de moedas debaixo da mesa. – Estava levando isso? O que está acontecendo?

Você para no meio do caminho, pensando se deve ou não tentar explicar. Ele examina seu rosto. Então, como se a ficha tivesse acabado de cair, ele olha para o computador na mesa, e de volta para você. Ben abre o laptop. Sua foto ainda está lá, ainda aberta na área de trabalho. Encarando-o.

Você corre para a porta, mas ele já está te seguindo.

– Não é o que está pensando – ele diz. – Por favor, você tem que me escutar.

Você consegue sair, mas ele estende a mão contra a porta, impedindo que ela se feche. Você a empurra de volta, esmagando os dedos dele. Bate-a mais uma vez, retraindo-se a cada vez que o acerta, a cada vez que ouve a pele e os ossos dele prensados contra o batente. Então, por fim, ele desiste. Você pula a

cerca para o quintal do lado. Continua correndo, atravessando uma área arborizada, não parando até chegar à rua mais uma vez.

CAPÍTULO QUARENTA



ASSIM QUE ELA ATRAVESSA O PORTÃO, COMEÇA sua rotina. Examina os jardins da frente para ver o quanto as pluméias cresceram durante sua ausência. Ela terá que podar os galhos perto da janela. Eles substituíram a grama da frente por cascalho no ano anterior, para que ela não precisasse mais se preocupar com o crescimento excessivo quando não estivessem lá. Há folhas amontoadas na porta da frente, mas, fora isso, tudo parece bem. Ninguém tentou invadir.

Ela implorou ao marido para arranjar alguém para cuidar da propriedade enquanto estivessem nos eua, mas Michael sempre recusava. “É impossível chegar aqui de barco. É uma ilha privada. Qual é o sentido?” Ele não a escuta quando discutem sobre o que aconteceu três anos atrás, quando encontraram a fechadura do portão da frente quebrada, um canivete caído bem do lado de fora da porta. Ele estava caçando no sul da ilha com amigos. Não havia notado nada suspeito, e argumentou que seria quase impossível que alguém se aproximasse da casa a partir da praia norte. Que a propriedade era cercada, ficava no topo de um penhasco rochoso. Mas ela não tinha esquecido. E ainda se pergunta se poderia ter sido um dos homens com quem ele estava.

Também havia outros problemas...

Aquela árvore que vira durante uma caminhada matinal no ano anterior, o tronco manchado de sangue. A floresta tinha um cheiro diferente para ela, um fedor estranho e repugnante que pairava quando o vento mudava de direção. Ela costumava passar todo seu tempo no bosque além da cerca, caminhando pelas trilhas rochosas que os proprietários anteriores tinham aberto, cortando as orquídeas negras que cresciam ao longo delas. Ela dificilmente vai até lá nos dias de hoje.

Gira a chave na fechadura, sabendo que ainda faltam mais dois dias para

que Michael retorne de sua viagem de caça no sul da ilha. Ela deixou uma mensagem na secretária eletrônica da casa, mas não há como ele ouvir quando está no bosque, não há nenhuma forma de avisá-lo que chegou cedo.

Quando abre a porta, o alarme dispara. Ela vai até o teclado de controle e digita o código para silenciá-lo, e então se volta para a parede de vidro com vista para o oceano. Sempre se surpreende com a vista, ainda mais quando passa muitos meses longe. Não há nada além de água em todas as direções. Ela sempre combina para que o avião pouse uma hora antes do pôr do sol, para chegar em casa com o céu levemente rosado, o sol como um disco amarelo deslizando para trás da face ocidental do penhasco.

A casa é um silêncio completo. Ela vai até a parede de vidro na sala de estar e olha para fora. Lá embaixo, a maré sobe, as ondas quebram na areia e batem contra as pedras. Olha para o horizonte, voltando-se para o céu do ocidente, e é quando vê.

Há algo escrito em uma das rochas. Três metros acima de onde a água bate. Alguém teria que ter escalado aquele lado do penhasco e se equilibrado em uma das estreitas reentrâncias na pedra. As letras têm cor marrom-avermelhada, embora não consiga identificá-las direito daquela distância.

Ela vai até a escrivaninha no canto da sala de estar, pega os binóculos de seu marido na gaveta de cima e olha pelas lentes. Gira o disco no topo para acertar o foco.

Suas mãos tremem enquanto lê, assimilando o rabisco confuso. No penhasco abaixo, há uma mancha em vermelho-escuro. Apenas sete letras.

SOCORRO.

Michael. Só pode ser. Ela observa a casa, buscando por alguma coisa, qualquer coisa, para levar com ela. O hospital mais próximo fica a uma hora de avião. Estará vivo? Há quanto tempo escreveu aquilo? Deve ter escorregado na trilha. Deve estar preso ali, na beira do penhasco.

Ela atravessa o portão da frente correndo, apressada na direção da trilha, os galhos finos arranhando suas pernas. Não são mais que dez minutos até o penhasco. Abre caminho pelo meio das árvores, tampando o rosto com as mãos. Tinha falado para ele levar sinalizadores quando fosse caçar, sugeriu que levasse rádios ou algo parecido para se comunicar com os outros. Por que ele não deu ouvidos a ela? Por que foi tão teimoso, tão determinado? Ele queria que as caçadas fossem autênticas, reais.

Ouve um ruído atrás de si. Algo se move na floresta, correndo entre as árvores. Ela se vira, atenta. Com o sol se pondo, de início há apenas sombras,

duas de cada lado, formando um círculo ao seu redor. Ela então vê um homem se levantar detrás de uma tora e, de frente para ela, vir em sua direção. Ele segura um rifle de caça. Olha diretamente para ela, bem nos olhos, e atira uma vez no meio de seu peito.

Ela cai de costas, olhando para o denso telhado de folhas. Por apenas alguns instantes, permanece consciente, apreciando o pequeno retalho de céu rosado, e então vê o rosto de Michael sobre ela.

– O que aconteceu? O que você fez? – ela pergunta.

Michael se vira para o outro homem, com um pânico crescente na voz.

– Não era ela. Não era a garota. Você acabou de matar minha esposa.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



A SALA DE ESPERA DO HOSPITAL ESTÁ quase vazia. No teto, uma lâmpada faz barulho. Uma idosa de bengala está sentada em uma cadeira acolchoada, com a cabeça pendendo para o lado, dormindo de boca aberta. Na sala do fim do corredor, alguém ouve uma canção de amor.

Você mantém a cabeça abaixada. Conseguiu sacar dinheiro com os cartões de crédito de Ben e está usando um novo vestido florido que Izzy odiaria. Tem óculos novos e o cabelo está preso em um coque apertado, a cicatriz coberta por uma echarpe fina. A enfermeira lê um livro em sua mesa, um daqueles bem grossos, e você passa por ela, esperando que não a veja. Já deu vários passos no corredor quando ela te para.

– Com licença. Onde pensa que vai? – Ela fica parada, com as mãos na cintura. É grande, quase trinta centímetros mais alta que você, e suas curvas preenchem o uniforme cor-de-rosa.

– Procuro uma garota que levou um tiro – você diz – Ela deu entrada aqui hoje.

A mulher sacode a cabeça.

– Não me importa quem está procurando. São quase dez da noite.

– Por favor – você diz – Eu liguei. Ninguém diz nada. Só preciso saber se ela está bem.

Você tentou afastar o pensamento, mas não consegue. Ele fica voltando, invadindo sua mente toda vez que considera partir. É possível que tenham chegado antes. Se descobriram que Izzy estava lá, atrás da casa de Goss, devem ter se livrado do corpo dela. A ambulância pode ter chegado e encontrado apenas um monte de terra seca.

– Por favor... só preciso saber.

Com o dedo, ela manda fazer silêncio. Então escreve alguma coisa em um pedaço de papel, dobra-o e fica segurando.

– O número do quarto está bem aqui. Mas preciso que me diga o nome dela. Parece que ninguém sabe quem é essa garota.

– Então ela está bem?

– Por enquanto.

– Se eu te disser o nome, você me deixa vê-la?

– Dou dez minutos, depois disso chamo a polícia. Não sei o que aconteceu com ela, mas eles já estiveram aqui duas vezes hoje para tentar descobrir. Tenho o pressentimento de que gostariam de conversar com você.

– Izzy Clark – Você revira a bolsa, procurando a carta que escreveu. Derrubou a pasta que achou na casa de Goss, na pressa de fugir, mas anotou tudo o que aconteceu, citando o Grupo A&A, descrevendo o compartimento secreto no alto do guarda-roupa. Anotou tudo o que precisariam saber.

A mulher te entrega o papel dobrado. Você coloca o envelope sobre o balcão. Escreveu “Celia Alvarez, Polícia de Los Angeles” na frente, esperando que em algum momento chegue às mãos dela.

– Isso é para eles, quando chegarem aqui.

Então segue pelo corredor, desdobrando o papel. Está escrito 701, com os números sublinhados duas vezes. Você anda rente às paredes, onde as câmeras de vigilância não têm um ângulo bom para te filmar. Depois vira e sobe as escadas para evitar ser vista.

Quando chega ao quarto de Izzy, há uma enfermeira lá e você tem que esperar do lado de fora, dentro de um armário com roupas de cama, até que ela vá embora. Pode sentir os minutos se esvaindo. Ouve o som de passos no chão ladrilhado, certificando-se de que não há barulho no corredor antes de entrar.

Izzy está na cama. Há tubos para todos os lados, serpenteando ao redor dela, subindo retorcidos até um saco de líquido dependurado na cabeceira da cama de metal. Os olhos estão fechados com esparadrapos. A pele é de uma pálida cor cinza e é preciso olhar para o monitor, ver seu pulso subir e descer, para ter certeza de que está viva.

Você se aproxima dela e toca o dorso de sua mão. A pele parece áspera e estranha. O acesso da intravenosa está preso nela, e o sangue é grudento e molhado sob o esparadrapo transparente. Não sabe se ela percebe que está ali. Você apenas fala, inclinando-se para que ela possa ouvir.

– Mims logo estará aqui – você diz – Sinto muito por ter te deixado sozinha. Desculpe por tudo.

Você fica ali sentada, ouvindo cada respiração. Quase consegue ver Goss, sua aparência enquanto atirava nela. Consegue vê-lo com Hilary na fotografia.

Lembra-se de seu rosto com muito mais clareza do que antes.

A voz do garoto retorna: “Não somos assassinos”. De alguma forma, desta vez, não acredita nele. Só consegue pensar em Izzy, como ela agora parece doente e fraca, como se alguém tivesse sugado a vida para fora dela. Você aperta sua mão mais uma vez antes de ir.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



A ESTAÇÃO DE TREM É UMA CONFUSÃO com o movimento da hora do *rush*. Um enxame de pessoas entra no átrio principal. Uma mulher com uma mala enorme tromba em suas costas. Outra pessoa desvia de você, resmungando algo que pode ser direcionado a você ou não. Você não levanta os olhos. Continua andando, indo na direção de um dos saguões laterais, onde há menos gente. Faltam apenas quinze minutos para o trem partir, mas sabe que isso não significa nada. É tempo o bastante para ser vista.

Você confere o horário do trem no painel, as letras e números rodam sem sair do lugar, mudando e se rearranjando conforme as partidas e chegadas. CHICAGO, IL. 23:15. CONFIRMADO. Em dois dias, estará longe de Los Angeles, em uma nova cidade, e desaparecerá na massa de pessoas por lá. Quer acreditar que não vão te encontrar, que eles não teriam como. Mas pode ser apenas uma questão de tempo.

O que Ben sabia? O que contou para eles? Você tentou lembrar a semana anterior, dissecar o que disse, tentando entender como não percebeu. Cada momento parece falso. Quantas vezes ele disse que você estava segura naquela casa? O que ele sabia que você não sabia? Seria verdade ou era inevitável que fossem atrás de você ali? Ele teria deixado que fossem? Qual o sentido de te manter viva? Será que fugir era parte do plano deles? Ou era algo diferente, parte do plano de Ben?

Algumas poucas pessoas olham para frente quando você passa, e você não sabe se olham para você ou para o painel. Você cobre o rosto com a mão, fingindo arrumar o cabelo. “Quinze minutos”, você lembra. Apenas mais quinze minutos. E então estará no trem, saindo deste lugar.

Todos os saguões são acessados a partir do corredor principal. Você passa pelo primeiro, que só tem alguns assentos livres. Passa pelo segundo, pelo terceiro, e só para quando encontra o mais silencioso, o mais vazio. Todas as cadeiras ficam de frente para a parede. Só há mais três pessoas ali. Dois homens

entretidos com seus telefones, e uma mulher que caiu no sono, com a cabeça apoiada na bolsa.

Escolhe um assento o mais longe possível deles, de costas para a multidão que passa. Faz uma hora desde que saiu do hospital. Marcou o tempo, imaginando os policiais abrindo o envelope, ligando para a avó de Izzy, Mims chegando ao hospital. Naquele momento, já devia estar com ela. Naquele momento, já teriam lido sua carta. Estariam na casa de Goss, interrogando-o, procurando o compartimento no guarda-roupa... se ele não descobriu um jeito de escondê-lo.

– O embarque para o trem com destino a Chicago começará em cinco minutos – diz um anúncio. Poucas pessoas se levantam, algumas arrastando malas.

Do outro lado do corredor, você nota um sem-teto encolhido, dormindo debaixo de três assentos. Um dos homens larga o telefone e se levanta, puxando uma pequena mala. Mas o corredor é estreito e não há espaço suficiente para passar.

– O que está fazendo aí embaixo? Está atrapalhando a passagem! – O homem se curva e recolhe a mala, resmungando alguma coisa.

O sem-teto sai de baixo dos assentos, pegando um pacote que estava ao seu lado no chão. Ele sacode a roupa e se levanta. Tira uma passagem do bolso. Então olha para cima, tentando ver o painel. O olhar dele cruza com o seu, e, de repente, são as duas únicas pessoas ali. São os olhos *dele*: castanhos, claros e reconfortantes. Suas bochechas, seus lábios, que já beijou centenas de vezes antes, o lábio superior formando um V profundo. As duas pintas na bochecha direita. O cabelo está mais comprido, cobrindo as sobrancelhas, mas você o reconheceria em qualquer lugar.

A barra da camiseta dele está rasgada. As calças, cobertas de sujeira. Você olha para o pulso direito dele e consegue ver, despontando atrás de um relógio de plástico. O quadrado tem seu próprio número, seu próprio símbolo, embora não consiga decifrar exatamente o que é.

Você observa enquanto ele faz o mesmo, analisando suas roupas, o coque no cabelo, o cachecol em seu pescoço. Você puxa a pulseira de couro, mostrando-lhe a pele macia de seu pulso. Segura a mão para que ninguém mais veja.

– Você – ele finalmente diz. – É você.

Ele então sorri. Você tem tantos sentimentos por essa pessoa que mal consegue respirar. Esse estranho, o garoto dos seus sonhos.

– Você está aqui – ele diz, indo em sua direção. – Você é real.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem o apoio e o cuidado de diversas pessoas. Em primeiro lugar, abraços e agradecimentos a todos da Alloy Entertainment. À Les Morgenstein, por insistir que eu fizesse uma nova versão dos primeiros capítulos, o que fez com que a voz se destacasse de verdade. A Josh Bank, por todo amor e entusiasmo por esse projeto, e por todos os tuítes de apoio (*you are the Walrus, goo goo goo joob*). A Sara Shandler, pela edição meticulosa de cada linha, por ver coisas que eu não consegui ver, e por sua inteligência e paciência em uma revisão de última hora. E a Joelle Hobeika, editora e amiga, por sua fé contínua, por seu apoio, e por ser totalmente incrível. Obrigada por me convencer a fazer a citada revisão de última hora, assegurando que o livro ficaria melhor, que eu estava quase lá e que valeria a pena (e valeu).

À minha editora na HarperCollins, Sarah Landis, por sua paciência e apoio enquanto este livro crescia a partir daqueles poucos capítulos até se tornar o que é agora. Você adorou desde a primeira página e foi a primeira a dizer: SIM! Segunda pessoa funciona! Aquilo significou muito para mim. Minha gratidão a Kristin Marang, por me ajudar em tudo o que tem a ver com o mundo digital. A Heather Schroder, agente e confidente, por seu bom trabalho e pela orientação.

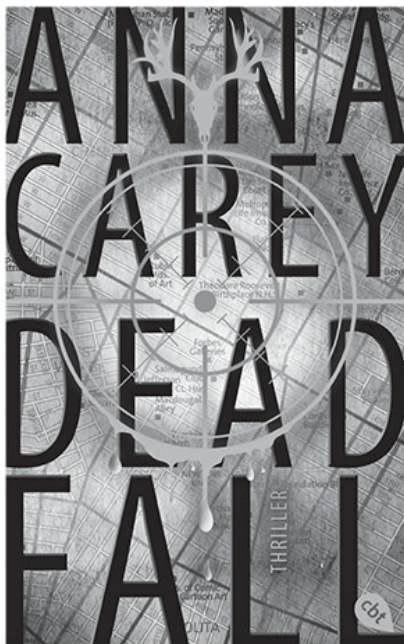
Sou grata aos amigos próximos que leram as primeiríssimas páginas deste livro e disseram que havia algo bom ali... mesmo que eu não tivesse muita certeza do quê. Muito amor e agradecimentos a Lauren Kate Morphey, Aaron Kandell e Allison Yarrow. À Amy Plum e Natalie Parker, que cederam tempo e carinho para ler minha revisão, enquanto estavam ocupadas com suas próprias. Agradecimentos em especial à inimitável Josie Angelini, a super-heroína de todos os romances para jovens adultos, pelas anotações que inspiraram essa última versão.

Sou sortuda por ter uma enorme rede de amigos e familiares que me mantêm sã e com os pés no chão quando a vida não é assim. Às autoras com quem fiz turnês e viajei – Veronica Rossi, Tahereh Mafi e Cynthia Hand –, sou grata por poder considerá-las amigas. Muito amor e muito obrigada a: Lanie Davis, Anna Zupon, Jess Dickstein, Katie Sise, Jackie Fechtmann, Ally Paul, Ali

Mountford, Amy Hand, Dana Nichomoff, Laurie Porter, Connie Hsiao, Deb Gross, Melva Graham, Talia Reyes, Priya Ollapally, Jordan Kandell, Jon Fletcher e Corynne Cirilli. Como sempre, muito amor à minha família na Costa Leste por ler cada livro e me animar. Ao meu irmão, Kevin, consultor médico, amigo, relações-públicas: esse aqui é para você. E aos meus pais, Tom e Elaine, pelo amor e apoio sem limites. I.A.E.I.A.B.



Não perca! Em breve:



 /vreditorasbr
 VREditorasBR
 @vreditorasbr